

cadernos do

# terceiro mundo

DEZEMBRO 1980 • ESC. 60\$00 • KZ 60.00 • MT 60.00 • PESOS 60,00 • CV 60\$00 • CR\$ 80,00 • ANO III N.º 29

Exclusivo: revelações de Torrijos

leit



quem tem  
medo de  
reagan?

André

*Os diamantes  
de Angola  
são mais  
brilhantes*

*Estão agora a serviço do povo  
e da reconstrução nacional*

Companhia de Diamantes de Angola

os leitores aos leitores aos leitores aos leitores aos leitores aos leit

## **King Kong ou cowboy, um símbolo americano**

«Quem tem medo de Reagan» é a principal chamada da capa deste número. À primeira vista, um King Kong é o novo presidente dos Estados Unidos. Mas, na realidade, não é bem assim: ele apenas simboliza o desejo norte-americano de retomar, com um projecto militarista, a hegemonia mundial. E isso é, sem dúvida, um sério motivo de preocupação, principalmente para o Terceiro Mundo, onde o imperialismo sempre actua com mais vigor. Mas como inverter a roda da História? A imagem de Reagan, as suas enormes botas, chapéu de vaqueiro, revólver à cinta é, talvez, um sinal de intimidação. Mas a ameaça nunca foi nem será a resposta adequada para os problemas mundiais e muito menos para a solução da crise norte-americana. A partir desse raciocínio procurámos montar uma matéria analisando a correlação de forças no mundo de hoje e até que ponto a política de Reagan poderá desequilibrar o quadro actual e afectar o avanço dos movimentos de libertação. Foi um trabalho meticuloso coordenado por Beatriz Bissio, que assina o principal texto sobre o assunto. Dedicamos também o editorial às eleições norte-americanas, pela importância do acontecimento.

A duvidosa derrota eleitoral de Manley, na Jamaica, o movimento internacional a favor da independência de Belize, a crise do modelo multinacional do Quênia e uma entrevista exclusiva com o ministro dos Negócios Estrangeiros brasileiro Saraiva Guerreiro sobre as relações Brasil-África dão uma visão dos principais acontecimentos e políticas que envolvem países do Terceiro Mundo neste final de ano.

A conversa de Torrijos com Neiva Moreira, num hotel de Copacabana, foi marcada por interessantes revelações sobre a vitória sandinista na Nicarágua: contou com pormenores os seus contactos com os líderes nicaraguenses e com os presidentes da Costa Rica, Venezuela e Estados Unidos no auge da guerra. Uma entrevista reveladora até mesmo do ponto de vista pessoal, familiar: um dos seus filhos deixou o Panamá e juntou-se aos guerrilheiros sandinistas para orgulho do pai. □

*Publicações destinadas à informação e análise das realidades, aspirações e lutas dos países emergentes, e a consolidar uma Nova Ordem Informativa Internacional*

— EDIÇÃO EM PORTUGUÊS  
PARA PORTUGAL, ANGOLA,  
CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU,  
MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E  
PRÍNCIPE.

Editor e Director: *Altair L. Campos*  
Administração: *Ernesto Pádua*  
Redacção: *Baptista da Silva*  
*Carlos Pinto Santos*  
*João Escadinha*

Documentação e Arquivo:  
*Cristina Assis*

Revisão e Tradução: *Estevam Reis*

Colaboram neste número:

*Agustin Castaño*  
*Beatriz Cannabrava*  
*Gabriel Omotozo*  
*J. Kappa*  
*Ladislau Dowbor*

Publicidade: *João Reis*

Propriedade:  
**Tricontinental Editora, Lda.**  
Rua Pinheiro Chagas 41, 2.º Dt.º  
1000 Lisboa

Redacção e Sede da Administração:  
Calçada do Combro, 10 - 1.º  
Telef. 320650 — 1200 Lisboa

cadernos do terceiro mundo

Publicação Mensal — n.º 29 — Dezembro 1980

Editor Geral

*Neiva Moreira*

Editores Associados

*Pablo Piacentini e Beatriz Bissio*

Conselho Editorial Internacional

*Darci Ribeiro, Juan Somavía, Henry Pease Garcia,*  
*Aquino de Bragança e Wilfred Burchett*

Composição e Montagem:

*Renasçença Gráfica S.A.R.L.*

Impressão e Acabamento:

*Gráfica Europam Lda.*

Tiragem desta Edição: 37.000 exemplares

— REPRESENTAÇÕES

Angola: *Luís Henrique*  
Caixa Postal 3593, Luanda

Moçambique: *Etevaldo Hipólito*  
Rua Kongwa 153, Maputo

— EDIÇÃO EM PORTUGUÊS PARA  
O BRASIL

Editor e Director: *Neiva Moreira*

Director Administrativo: *Altair Campos*

Secretário de Redacção: *Nilton Caparelli*

Representante em Brasília: *Clóvis Sena*

Representante em S. Paulo: *Paulo Canabrava Filho*

Arte: *David Gomes Araújo (Editor)*

*Maria Nakan*

Administração: *Mauro Fernando de Sousa*

Publicidade: *Jesus Antunes*

Documentação e Arquivo:

*Maria Goretti Aires*

Propriedade:

**Editora Terceiro Mundo, Lda.**

Rua da Lapa, 180, Sobreloja A

CEP 20021 Rio de Janeiro

— EDIÇÕES EM ESPANHOL

Editor: *Roberto Remo*

MÉXICO, AMÉRICA CENTRAL,  
AMÉRICA DO NORTE E CARIBE

Gerente Geral: *Gerónimo Cardoso*

Propriedade:

**Periodistas del Tercer Mundo A. C.**  
Calle San Lorenzo 153, 4.º piso  
México Df.

BOLÍVIA, CHILE, COLÔMBIA,  
EQUADOR, PERU E VENEZUELA

Propriedade: **DESCO**

**Centro de Estudios e Promocion  
del Desarrollo**  
Av. Salverry 1945, Lima

— EDIÇÃO EM INGLÊS  
PARA OS USA, CANADÁ, EUROPA  
E PAÍSES DE LÍNGUA INGLESA  
DO TERCEIRO MUNDO

Editor: *Fernando Molina*

Editor Consultivo: *Cedric Belfrage*

Apartado Postal 20-572  
México 20 DF

cadernos do terceiro mundo utiliza os serviços das seguintes agências: **ANGOP** (Angola), **AIM** (Moçambique), **INA** (Irão), **IPS** (Inter Press Service), **NOVOSTI** (URSS), **SHIHATA** (Tanzânia), **WAPA** (Palestina) e do pool de agências dos Países Não-Alinhados. Mantém um intercâmbio editorial com as revistas **Nueva** (Equador), **Novembro** (Angola), **Prisma Latinoamericano** (Cuba) e com o jornal **Daily News**, de Dar-es-Salam (Tanzânia).

**DISTRIBUIDORES:** **ANGOLA:** EDIL - Empresa Distribuidora Livreira UEE, Rua Luís de Camões, 111, Luanda. **BELIZE:** Cathedral Book Center, Belize City. **BOLÍVIA:** Tecnolibros S.R.L., Casilla de Correo 20288, La Paz. **CANADÁ:** Third World Books and Crafts, 748 Bay St. Ontario, Toronto - The Bob Miller Book Room, 180 Bloor St. West, Toronto. **COLOMBIA:** Ediciones Suramericana Ltda., Carrera 30 No. 23-13, Bogotá. **COSTA RICA:** Semanario Nuevo Pueblo, Av. 8 Calles 11 y 13 N.º 1157, San José. **CHILE:** Distribuidora Sur, Dardignac 306, Santiago. **EQUADOR:** Ediciones Sociales, Córdova 601 y Menduburo, Guayaquil - RAYD de Publicaciones, Av. Colombia 248, of. 205, Quito. Ed. Jaramillo Arteaga, Tel. 517-590, Reg. Sendip Pex 1258. **EL SALVADOR:** Librería Tercer Mundo, Primera Calle Poniente 1030, San Salvador - El Quijote, Calle Arce 708, San Salvador. **ESTADOS UNIDOS:** Guild News Agency, 1118 W. Armitage Ave, Chicago, Illinois - New World Resource Center, 1476 W. Irving Pl., Chicago, Illinois - Librería Las Américas, 152 East 23rd Street, New York, N.Y. 10010 - Third World Books, 100 Worcester St., Boston, Mass 02118 - Librería del Pueblo, 2121 St., New Orleans, LA 70130 - Papyrus Booksellers, 2915 Broadway at 114th St., New York, N.Y. 10025 - Tom Mooney Bookstore, 2595 Folsom Street, San Francisco, CA 94110 - Book Center 518 Valencia St., San Francisco, CA - Red and Black, 4736 University Way, Seattle - Groundwork Bookstore, U.C.S.D. Student Center B-023, La Jolla, CA. **FRANÇA:** Centre des Pays de Langue Espagnole et Portugaise, 16 Rue des Ecoles, 75005 Paris. **GRÁ-BRETANHA:** Latin American Book Shop, 29 Islington Park Street, London. **GUINÉ-BISSAU:** Departamento de Edição-Difusão do Livro e Disco, Conselho Nacional de Cultura. **HOLANDA:** Athenaeum Boekhandel, Spui 14-16, Amsterdam. **HONDURAS:** Librería Universitaria - José Trinidad Reyes, Universidad Autónoma de Honduras, Tegucigalpa. **ITALIA:** Paesi Nuovi, Piazza de Montecitorio 59/60, Roma - Feltrinelli, Via de Babuino, 41 Roma - Alma Roma, Piazza P. Paoli, 4-A, Roma - Spagnola, Via Monserrato, 35/6, Roma - Uscita, Banchi Vecchi, 45 Roma. **MÉXICO:** Unión de Expendedores y Vendedores de Periódico, Humbolt No. 47, México 1, D.F. - Distribuidora Sayrols de Publicaciones, S.A., Mier y Pesado No. 130, México 12, D.F. - Librerías México Cultural, Mier y Pesado No. 128, México 12, D.F. - Metropolitana de Publicaciones, Librería de Cristal e 100 livrarias em todo o país. **MOÇAMBIQUE:** Instituto do Livro e do Disco, Ave. Ho Chi Minh 103, Maputo. **PANAMA:** Librería Cultural Paramé, S.A., Ave España 16, Panamá. **PERU:** Distribuidora Runamarca, Camaná 878, Lima. **PORTUGAL:** CDL, sarl - Av. Santos Dumont, 57 - 1000 LISBOA. **PORTO RICO:** Librerías La Tertulia, Amalia Marin Esq. Ave González, Río Piedras - Pensamiento Crítico, P.O. Box 29918, 65th inf. Station, Río Piedras, P.R. 00929. **REPÚBLICA DOMINICANA:** Centro de Estudios de la Educación, Juan Sánchez Ramírez 41, Santo Domingo - DESVIGNE, S.A., Ave. Bolívar 354, Santo Domingo. **REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA:** Gunther Hopfenmüller, Jeringstr. 155, 2102 Hamburg. **S.TOMÉ E PRÍNCIPE:** Ministério de Informação e Cultura Popular. **SUECIA:** Wennrgren-Williams AB, S-10425, Stockholm. **VENEZUELA:** Publicaciones Españolas, S.A., Ave México Lechosa a Pte. Brion, Caracas.



**Neste número**

- 1 Aos leitores: King Kong ou cowboy, um símbolo americano
- 4 Correio do leitor
- 6 **Editorial** — Reagan, ou as ilusões perigosas

**Eleições Norte-Americanas**

- 10 Conservadorismo sem amanhã
- 22 Repercussões no mundo

**América Latina**

- 25 **Brasil**: Nem paternalismos nem hegemonias, *Clóvis Sena*
- 30 **Panamá**: Entrevista com Torrijos, *Neiva Moreira*
- 41 **Jamaica**: Depois das eleições, a caça às bruxas
- 46 **Belize**: O direito à independência, *J. Kappa*

**Africa**

- 50 **Guiné-Bissau**: E agora?, *Baptista da Silva*
- 57 **Angola**: I Congresso extraordinário do MPLA-PT
- 60 **Quênia**: A crise do modelo multinacional, *Gabriel Omotozo*

**Asia**

- 64 **Turquia**: Um golpe pró-ocidental, *Agustin Castaño*

**68 Panorama Tricontinental**

**Comunicação**

- 80 Morte de Genaro Checa

**Ciência e Tecnologia**

- 82 Pesticidas, Morte para o terceiro mundo

**Economia**

- 84 Capitalismo, a busca de novas fórmulas, *Ladislau Dowbor*

**Cultura**

- 88 «Los Olimareños»
- 91 Glória Guardia, uma cronista da história, *Beatriz Camabrava*



## Correio correio correio correio correio

(...) O Partido Socialista das Honduras, quer também denunciar que, desde o dia 2 de Março do ano passado, estão presos sem motivos justificados, os companheiros Edwin Salomón Cañas, António Castro, Rigoberto Guitérrez, Hector Hernández, Óscar Enamorado e Amílcar Espinoza, por ordem dos monopólios e dos capitalistas reaccionários, que pretendem apresentá-los como delinquentes comuns, quando, na realidade, o único delito que cometeram foi defenderem os interesses da classe operária.

Marcos Vergílio Garias,  
Presidente do Partido Socialista, Tegucigalpa, Honduras

(...) Tanto o companheiro Pablo Marcano como eu própria somos leitores assíduos dos *Cadernos* e, durante a nossa prisão – por denunciar e combater a situação colonial em Porto Rico – a revista forneceu valiosos dados e informações sobre a dinâmica mundial dos dias de hoje.

Nydia Cuevas, Pennsylvania, Estados Unidos da América.

Todos cometemos erros e isso inclui os países socialistas e as organizações revolucionárias. Com sorte, aprenderão com os erros. Os *Cadernos* poderiam ajudar com uma visão mais crítica das actividades esquerdistas.

Carol Mondale, Hayward, Califórnia  
Estados Unidos da América

Os Serviços de Informação e Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República de Cabo Verde (...) congratulam-se com a expansão (dos cadernos) verificada, desejando ainda maiores sucessos. Consideram, e com toda a justiça, serem os *Cadernos* do Terceiro Mundo, uma das suas melhores ferramentas de Trabalho.

Gilberto Duarte Lopes,  
chefe dos Serviços de Informação e Imprensa  
do Ministério dos Negócios Estrangeiros  
da República de Cabo Verde.

Admiro a vossa intransigência na luta pelo socialismo, e o apoio aos regimes progressistas e movimentos revolucionários do Terceiro Mundo. Se estou bem informado acerca das lutas travadas contra o imperialismo, colonialismo, sionismo é através da vossa (nossa) revista. Não abdieis nunca! Gostaria de ver nos *Cadernos* uma secção dedicada à história revolucionária travada no Terceiro Mundo, pela sociedade justa que todos os povos, consciente ou inconscientemente, pretendem.

João Baptista Ferreira, Vila Real, Portugal.

(...) Já está claro que não haverá negociações EUA-Irão sobre os reféns americanos. Principalmente agora, com a vitória de Reagan, o objectivo norte-americano é derrubar Khomeiny e não derrubar Sadam Hussein. Portanto, os Estados Unidos vão ajudar o Iraque e não o Irão. Provavelmente haverá uma aproximação do Irão com a União Soviética. E esse será o quadro da guerra, até que Hussein seja derrubado.

Luis Claudino Pinheiro, Brasília, Brasil.



(...) não se trata de tomar partido por um dos beligerantes, Bagdade ou Teerão, mas sim recusar escamotear – como faz a imprensa progressista – um facto indementível: quem primeiro violou as fronteiras e iniciou os bombardeamentos foi o exército iraquiano. (...) Saddam Hussein terá razões bem fortes para considerar injustos os tratados territoriais assinados no tempo do xá e é evidente que a exportação da «revolução islâmica» tentada pelos ayatollahs provocou legítima irritação nos dirigentes iraquianos. Mas é isso suficiente para justificar esta estúpida guerra? Não querera ela também significar o desejo de Bagdade em surgir como a grande potência do Médio Oriente e do Mundo Árabe? E que melhor maneira se não aproveitar o conflito com um regime que se considera ter as forças armadas enfraquecidas e o povo desmoralizado pelos excessos, incoerências e fanatismo religioso? (...) Aliás, se fossemos apontar as contradições e os aspectos negativos da política interna e externa de Saddam Hussein a lista seria longa..

José Carlos Barreto, Setúbal, Portugal

Um amigo fez-me chegar às mãos um exemplar dos *Cadernos* do Terceiro Mundo em língua espanhola. Foi para mim uma surpresa pois não conhecia qualquer das três edições e considero-me uma pessoa bastante atenta à imprensa alternativa virada para os países do chamado Terceiro Mundo. (...) Posso-vos assegurar que a edição espanhola da vossa revista teria no meu país uma razoável aceitação.

Dolores Ruffino, Madrid

Qual o motivo de, volta e meia, os *Cadernos* «saltarem» um mês? Devo dizer que é pouco agradável a um leitor assíduo receber a revista com quatro semanas de atraso.

Armando Reis, Lisboa

*n.d.r.* – Temos obviamente de concordar com a crítica, mas se o leitor notar, os atrasos têm vindo progressivamente a diminuir. Este último deveu-se a imponderáveis na coordenação entre as redacções de Lisboa e Rio de Janeiro agravadas com o transvio de fotos que nos fez perder duas semanas. Diligenciamos para a não repetição de factos semelhantes.

Muito me agradou a vossa longa reportagem sobre os palestinianos. Na minha opinião, esse estilo de reportagem enquadrar-se bem numa publicação mensal, como é o caso dos *Cadernos* do Terceiro Mundo. Daqui vos envio outras sugestões de grande reportagem: Angola, Moçambique, S. Tomé Príncipe, Zimbábue, Tanzânia e Zâmbia.

Sebastião Massinga, Luanda



# Reagan, ou as ilusões perigosas

**E**M quatro anos apenas, o eleitorado norte-americano efectuou uma brusca mudança que é ao mesmo tempo um claro retrocesso. Da mesma maneira, como em 1976, quando o governo republicano deixou o poder — o partido mais conservador do sistema dualista — e colocou na Casa Branca o Partido Democrata, hoje inverteu-se a situação. Assim como naquela época concedeu o governo a James Carter, que se apresentou como o paladino do não-intervencionismo externo e da coexistência pacífica, agora torna presidente Ronald Reagan, isto é, um verdadeiro defensor de uma política agressiva que garanta os interesses hegemónicos da superpotência e de um armamentismo paralelo que reforce o domínio bélico norte-americano.

Trata-se de uma guinada marcante, conforme o demonstram em primeiro lugar, os números. Apesar de ter desafiado um presidente que procurava a sua reeleição (o que, na tradição norte-americana, representa uma grande desvantagem), o candidato republicano impôs-se. E não apenas pela estreita diferença prognosticada pelas empresas de sondagens no país das sondagens, mas por uma considerável margem. E esse dado diz-nos tudo, pois o próprio Carter pôs-se a competir com Reagan no seu próprio campo temático reaccionário, demonstrando um oportunismo inútil. Sai, assim, de cena sem glória, este político, que deixa em ruínas o seu partido, depois de o ter forçado a segui-lo em prol das suas ambições sem limites.

Uma atitude contrastante — e é justo reco-

nhecê-lo — foi a do seu rival Edward Kennedy, que profetizou a derrota de Carter, ao mesmo tempo que levantava os tradicionais temas reformistas, assistenciais e liberais dos democratas. Se temos que perder — e essa é a essência da sua mensagem — que seja ao menos sem renunciar aos nossos princípios. E a redução dos votos nas camadas operárias e nas minorias étnicas, que eram bastiões democratas, dizem muito do desacerto produzido pelas oscilações de Carter.

Essa onda direitista entrega ao novo presidente um controlo amplo dos instrumentos de governo. Os republicanos obtiveram a maioria no Senado — a mais poderosa área parlamentar — e embora os democratas tenham conseguido reter a Câmara de Deputados no seu conjunto, as comissões legislativas de maior importância encontram-se agora nas mãos dos republicanos. Em função da crescente e decisiva importância que adquiriram nos últimos anos com o incremento do poder parlamentar, resta dizer que essas comissões são depositárias de fatias inteiras do poder do Estado.

Reagan chega assim com a possibilidade de aplicar a fundo o programa conservador defendido na sua campanha. Este programa, no entanto, não tinha uma coerência, a não ser na profunda crítica dos erros da gestão económica de Carter. O presidente eleito nunca soube explicar, de maneira convincente, como poderia reduzir os impostos — privando o fisco de receitas — e diminuir o orçamento federal, se ao mesmo tempo incorreria em grandes gas-



tos, particularmente na proclamada expansão militar. De qualquer forma, a nova orientação significará a reanimação do mundo dos negócios e um enfraquecimento das obras assistenciais do Estado. Com Reagan, os ricos serão mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. O núcleo deste programa está numa lógica capitalista clássica, rígida e sem atenuantes.

Que conclusões podemos tirar dessa involução da opinião pública norte-americana? No plano interno, ela foi influenciada pela espiral inflacionária e pela tendência à recessão. No plano externo, obedeceu à perda de prestígio internacional e à diminuição da capacidade de conduzir globalmente os assuntos mundiais. Por outras palavras: à limitação do poder imperial, segundo os valores correntes no sistema dos meios de comunicação. Essas fontes são omissas em informar que se trata de um processo independente da vontade do governo dos Estados Unidos e no qual esse governo pode influir apenas de maneira limitada.

Depois de uma longa fase de expansão económica, os Estados Unidos surgiram como primeira potência logo após a Segunda Guerra Mundial. Diante do desastre provocado nas nações europeias pelo conflito, o poderio económico e bélico norte-americano surgiu sem contestação. E apesar da dilatação da área socialista na Europa — também concentrada na reconstrução — Washington viu-se em condições de influir nos assuntos mundiais num grau até então desconhecido.

A superpotência habituou-se a ser o centro indiscutível de decisão não só do Ocidente mas de todo o Planeta, mantendo sob cerco os países socialistas. Essa era uma situação excepcional que múltiplos desenvolvimentos iriam mudar e pôr em questão. A recuperação da Europa Ocidental e do Japão deu lugar à ampliação, ao desenvolvimento e à unificação desses mercados sob o signo do capitalismo transnacional cujo epicentro continuou a prosperar nos Estados Unidos. Mas a competição económica aumentou, tanto quanto a importância política desses interlocutores, agora com maior força de negociação.

As expressões dessa nova realidade foram desde o nacionalismo à arriscada tática de Carter de confronto com a União Soviética a partir do eixo Paris-Bona. Em resumo, a pretensão de Washington de se perpetuar como líder absoluto da aliança ocidental defronta-se com a aspiração dos seus associados a uma diferenciação dos seus interesses e a uma conseqüente maior participação nas decisões. Já não se admite a concepção de Washington em constituir-se na capital da política ocidental.

Ainda mais firme e acentuada foi a consolidação do poder socialista. A guerra fria deixou de ser possível quando o desenvolvimento bélico soviético assinalou a paridade no armamento estratégico e a capacidade recíproca de destruição entre as duas superpotências. John F. Kennedy e Nikita Drustchev deram início à era da coexistência, pródiga em benefícios para o Planeta.

## Reagan, ou as ilusões perigosas

Não obstante, e dentro da sua lógica hegemónica, a interpretação norte-americana do coexistencionismo era a de um congelamento das respectivas áreas de influência. De tal modo que o aparecimento de novas realidades no Terceiro Mundo, que trouxessem consigo o abandono da órbita ocidental e o estabelecimento de uma relação privilegiada com Moscovo, era julgado como uma violação da coexistência.

Por mais simplista que possa parecer esse raciocínio, foi o que prevaleceu durante esses anos, apesar das críticas dos círculos mais lúcidos e sofisticados do establishment norte-americano. Foi por essa razão que a consolidação socialista e os impulsos de libertação no Terceiro Mundo deram lugar a reacções explosivas de parte dos dirigentes norte-americanos. A libertação da tutela de Washington nem sempre deu lugar à adopção de um modelo socialista e à assinatura de um tratado com a União Soviética, como no recente caso do Irão, cujos governantes actuais tanto aborrecem Washington como Moscovo. Mas, a libertação do Irão foi vista pelos Estados Unidos como um dos capítulos mais trágicos da História e foi um dos factores que pesaram na derrota de Carter. E isso demonstra que, apesar da justificação ideológica com que ela é encoberta, os Estados Unidos resistem em aceitar a redução da sua influência fora das suas fronteiras.

Mas os processos de libertação, da China ao Vietname, de Angola e Moçambique ao Zimbábue, de Cuba à Nicarágua, para men-

cionar as mais evidentes, verificaram-se sem pausa desde o pós-guerra nos três continentes. E as alterações nas áreas que a Casa Branca classifica como subordinadas aos seus interesses estratégicos não foram detidas nem contornadas.

Foi por isso que Carter não pôde prolongar a coexistência e ao mesmo tempo conter a deterioração da hegemonia, marcada pelas mudanças sucessivas na correlação de forças à escala internacional. Mas, além da fraca atitude atribuída a Carter pelos seus rivais, o problema não consiste na eficácia de uma gestão governamental para alcançar tal finalidade, mas na inviabilidade absoluta de uma posição semelhante.

Carter comprometeu-se com esse sonho impossível, estimulado pelos mecanismos eleitorais, e a evidência de não ter avançado mas sim retrocedido, custou-lhe o cargo. No término do seu mandato, chegou-se a uma situação crítica nas relações entre as duas superpotências. A coexistência foi desactivada sem que se tivesse delineado uma política que a substituísse. Depois de Carter ter decretado o confronto com a União Soviética, além de suspender as negociações sobre as armas estratégicas, tais relações encontram-se à deriva.

Agora temos Reagan, depois de ter prometido, na essência, o mesmo que o seu antecessor. Pois o líder republicano não admite, nem de longe, a perda da hegemonia, e apresentou-se como o mais idóneo para fazer «respeitar» os Estados Unidos e suspender a sua

deterioração.

É difícil imaginar Reagan invertendo o curso da História, algo que até 1980 ninguém havia conseguido no planeta Terra. Mas, em troca, não deveriam ser minimizadas as consequências negativas que, com base em sólido apoio nacional possam ocorrer, pelo menos a curto prazo e em certos países. O novo Governo, ao pôr de lado o incoerente programa de Carter sobre os Direitos Humanos, as numerosas ditaduras da América Latina ou regimes como o da Coreia do Sul e das Filipinas deixarão de enfrentar pressões exteriores incômodas, apesar dessa política não ter significado uma ameaça real para os ditos governos.

No Médio Oriente, a brutal opção de Reagan contra os direitos nacionais dos palestinos implicará numa maior liberdade de acção para Israel, mas, simultaneamente, colocará o general Anwar Sadate, principal aliado dos Estados Unidos na área, numa delicadíssima situação. E visto que a monarquia saudita havia formulado votos — publicamente — em favor de Carter, cabe a interrogação sobre o futuro da política do Médio Oriente de Reagan. Com Israel apoiado sem reservas pelos Estados Unidos, quanto tempo durará a posição pró-americana dos árabes conservadores? Na África Austral é possível que Reagan ceda à tentação de não exercer pressão sobre o regime do apartheid. Poderá assim agravar inicialmente o quadro de luta na região. Mas, lá, os processos de libertação mudaram a correlação de forças de maneira irreversível, e um apoio ao regime racista iria custar-lhe um preço

muito alto a nível de toda a África.

De todas as metas concebidas por Reagan, quem sabe, a menos realista e em todo caso a menos racional, é a de rever a iniciativa de Carter de reconhecer a China Popular. Um arrefecimento ou um congelamento do recente vínculo com a China irá directamente contra os interesses norte-americanos. A preocupação geral provocada pela eleição de Reagan na Europa Ocidental — à excepção das camadas mais conservadoras — indica desde já uma falta de vontade para acomodar-se ao novo curso. Veremos dentro em breve como evoluirão esses países e se por acaso o eixo Paris-Bonnas se tornará mais sólido e receberá maior adesão regional. O que pode ser previsto desde agora, é que Reagan não terá com a Europa um tratamento mais fácil que o seu antecessor.

Esse episódio mostra-nos que os Estados Unidos continuam empenhados no seu sonho impossível. O afã de não perder posições — que, afinal, significa perder riquezas — é a causa desse empenho. A realidade imporá, tarde ou cedo, uma adaptação da mentalidade norte-americana às suas próprias possibilidades. Mas esse processo, tratando-se da maior potência mundial, contém riscos imensos, e é por essa razão que se pode esperar que, dentro dos sectores responsáveis dos Estados Unidos, sejam abandonadas as ilusões perigosas — como essa nova inclinação pela linha dura — e se acabe por reconhecer o espaço ocupado por cada um dos protagonistas do cenário político internacional. □

ELEIÇÕES NORTE-AMERICANAS

# Conservadorismo sem amanhã



Ronald Reagan e sua mulher, Nancy, festejam a vitória

*A prédica liberalizante de Carter  
fez com que alguns se iludissem.*

*Mas o seu fracasso e a escassa margem  
de acção que vai encontrar o novo presidente  
demonstram que hoje é muito importante  
o papel do Terceiro Mundo*

**Beatriz Bissio**



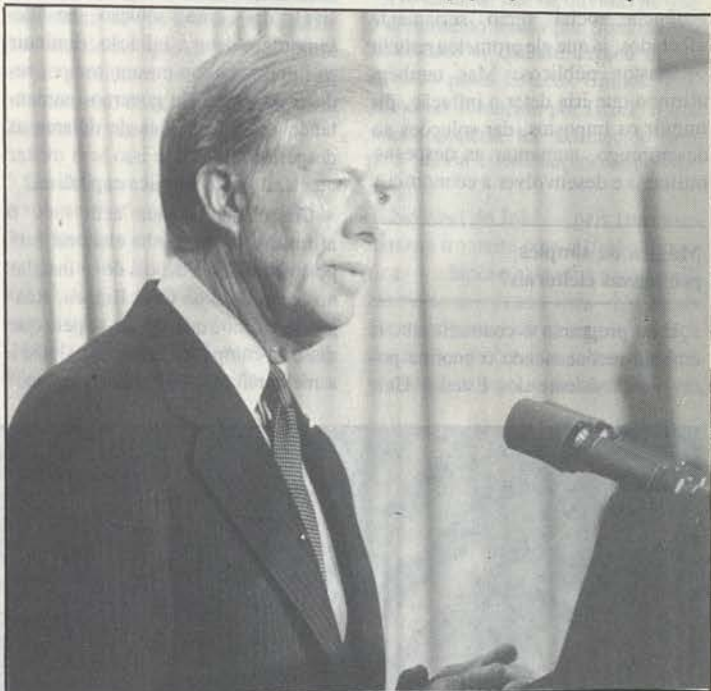
A eleição de Reagan não foi uma grande surpresa. O que surpreende foi a ampla maioria que ele obteve. Da China às Caraíbas, da África Austral à Europa Ocidental, rapidamente os círculos políticos começaram a traçar prognósticos com projecções catastróficas para alguns, alentadoras para outros, segundo a cor da lente com que se analisou a situação mundial.

Começaram também as interpretações da derrota de Carter e, ainda, especulações sobre se a votação teria sido realmente pró-Reagan ou, no máximo, anti-Carter. Dos dois lados havia argumentos convincentes. Para os defensores da popularidade de Reagan, ele soube interpretar os sentimentos do homem médio norte-americano, desejoso de voltar a sentir-se parte integrante de uma nação poderosa, de um país que não divide a hegemonia mundial. Para os críticos de Carter, o voto exprimiu mais o desencanto do cidadão dos EUA perante a débil liderança e as vacilações do seu presidente do que um claro apoio às teses ultrapassadas do candidato republicano.

Mas seja qual for a interpretação, em geral, houve um consenso: os resultados eleitorais reflectiram uma viragem à direita. Com o Senado maioritariamente republicano, pela primeira vez nos últimos 26 anos, seria este o Governo mais conservador desde os tempos de Mac Carthy. Os 53 lugares conquistados pelos republicanos no Senado contra os 46 dos democratas fazem com que a presidência de importantes Comissões passe agora para as mãos dos seguidores de Reagan. O caso da Comissão de Justiça é o mais expressivo: até agora presidida por Edward Kennedy, passará para um republicano

conservador da Carolina do Sul. Por outro lado, o ultradireitista senador Barry Goldwater — junto de quem Ronald Reagan deu os primeiros passos na sua carreira política — não só re-

democratas com as minorias raciais, liberais e movimentos mais avançados, ameaça os programas sociais destinados sobretudo aos sectores pobres da população e a luta pelos di-



Carter: a falta de liderança

teve o seu lugar no Senado (o que parecia improvável), mas poderá dirigir o Comité dos Serviços de Informação dessa casa parlamentar.

Entre as relevantes figuras democráticas que estarão fora do Congresso cabe mencionar Frank Church, de Idaho, chefe da poderosa Comissão dos Negócios Estrangeiros e ideólogo dos inqueritos que o Senado fez sobre a actuação das multinacionais e sobre as actividades da CIA, no começo da década de 70; George Mc Govern e Birch Bayh, ambos de tradição liberal.

O enfraquecimento da aliança dos

reitos civis. Reunidos em Virgínia, pouco antes das eleições, dirigentes de 200 corporações multinacionais norte-americanas concordaram que «Reagan lhes prestaria melhores serviços» que Carter. A sorte esteve do lado deles.

Reagan já fez anúncios de televisão para a *General Electric* e foi contratado posteriormente por essa corporação para ajudar a mudar a imagem da empresa numa fase em que houve importantes problemas de trabalho. Tinha de saudar pessoalmente todos os funcionários da firma mostrando assim uma nova forma de encarar a re-



lação patronal com os seus empregados. Parece que para a *General Electric Co.* os resultados foram óptimos.

Se Reagan consegue levar adiante o seu programa, os projectos de assistência social serão seriamente afectados, já que ele prometeu reduzir os gastos públicos. Mas também afirmou que iria deter a inflação, diminuir os impostos, dar soluções ao desemprego, aumentar as despesas militares e desenvolver a economia.

#### Mágica ou simples promessas eleitorais?

Esse programa é contraditório. E embora reconhecendo o enorme poder do presidente dos Estados Uni-

dos, na realidade, não cabe só a ele realizá-lo. Como Reagan não tem uma varinha mágica, é difícil acreditar que tenha condições para cumprir todas as promessas. Como seria possível dar uma solução ao desemprego, deter a inflação, diminuir os impostos e, ao mesmo tempo, reduzir os gastos do governo, aumentando em 150 biliões de dólares as despesas militares, e isso sem mexer na estrutura económica capitalista?

Consciente de que nem tudo o afirmado na campanha eleitoral será posto em prática depois de se instalar no Salão Oval da Casa Branca, Reagan já afirmou que «guiar-se pelo que disse na campanha presidencial não é a melhor forma de conhecê-lo», ad-

vertindo — e advertindo-se a si mesmo — que «os problemas para mim só agora começaram.»

Ele prometera ainda renegociar com os soviéticos os Acordos Salt II de limitação de armas estratégicas, «de forma a torná-los mais favoráveis para os Estados Unidos». Mas tanto na política interna quanto na externa, mais cedo do que tarde, o novo presidente vai comprovar como é pequena a sua margem de manobra.

A experiência da administração Carter é significativa nesse campo. Durante a sua campanha eleitoral, atacou duramente as intervenções da CIA na América Latina, em particular o caso de desestabilização do governo da Unidade Popular no Chile, que



O Partido Democrata saiu enfraquecido da sua convenção. Para alguns, Carter foi derrotado por Kennedy e não por Reagan



teve como desfecho o assassinato do presidente Allende e a instalação da ditadura de Pinochet. A sua retórica a favor dos Direitos Humanos, somada à condenação das ditaduras e à aliança interna com os sectores mais progressistas e minorias raciais — às quais tinha prometido outorgar cargos de importância no governo federal, promessa que não cumpriu — parecia indicar que, nos quatro anos do seu mandato, mudanças favoráveis iriam ocorrer no Cone Sul latino-americano e no sudeste asiático, também cenário de cruéis violações dos mais elementares direitos do homem.

Sem desconhecer que a sua pregação constituiu um reforço à acção de entidades como a Igreja progressista,

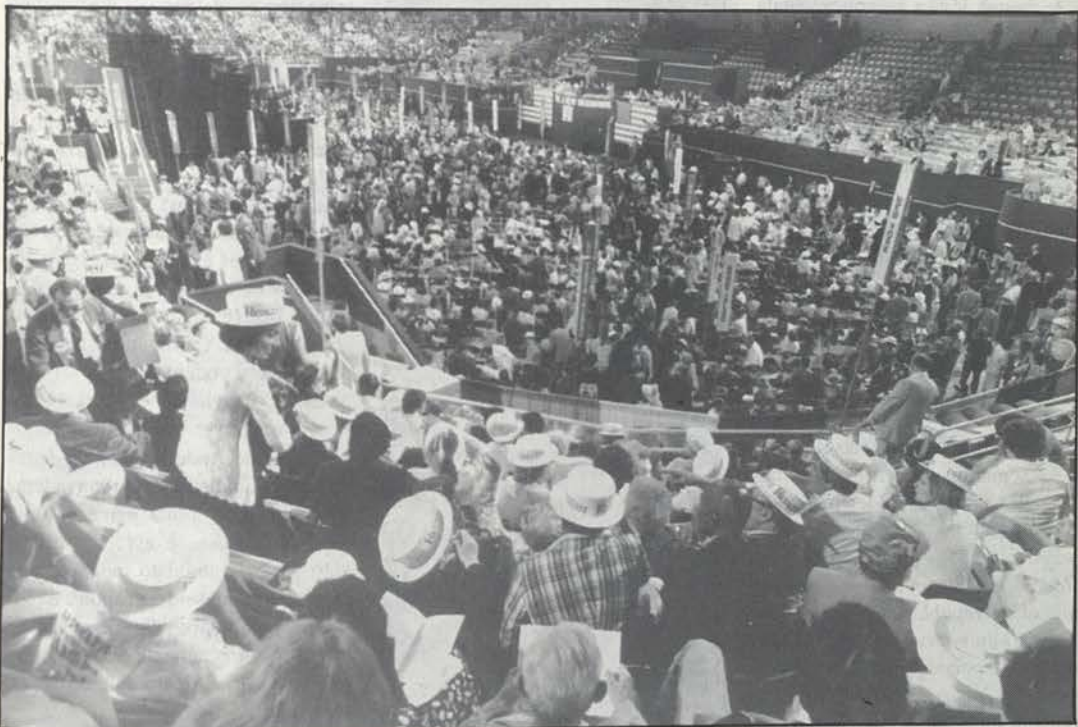
*Amnesty International*, comissões de leigos e de juristas que já militavam no campo dos direitos humanos e reconhecendo ter havido alguns casos de cortes na ajuda militar, é um facto incontestável que as mesmas ditaduras instaladas quando tomou posse como presidente continuam a existir no momento de ceder o lugar da Casa Branca ao candidato republicano.

As duas mudanças significativas a nível internacional foram as vitórias da Nicarágua e do Irão. Mas a primeira foi um triunfo claramente popular e teve o apoio incondicional de importantes governos do continente (México, Venezuela, Panamá, Costa Rica e do Pacto Andino, citando só os

mais decisivos) o que tornava muito difícil para os Estados Unidos a hipótese de uma intervenção militar para evitar o que era inevitável.

No entanto, não há dúvidas de que o armamento usado por Somoza era americano e, quando deixou de ser enviado pelos Estados Unidos, passou a ser fornecido por Israel, o que nunca poderia ter acontecido sem uma prévia coordenação com Washington.

No caso do Irão — país com uma extensa fronteira com a União Soviética — a hipótese de uma acção militar norte-americana teria sido ainda mais perigosa. Não só havia a ameaça dos árabes de fazerem saltar os poços petrolíferos no caso de alguma inva-



O governo mais direitista desde os tempos de MacCarthy



são na área, como teria significado uma quebra na política de desanuviamento cujas consequências não poderia assumir uma nação que ainda tinha feridas abertas da guerra (e derrotada) do Vietname.

Não nos devemos esquecer, no entanto, de que quando Carter o considerou necessário para os interesses políticos do seu país, determinou a violação das fronteiras do Irão, na intenção de libertar os reféns.

Ou seja: o facto dos Estados Unidos não terem intervindo não pode ser interpretado como decorrente da política mais flexível de Carter mas sim como uma consequência da nova correlação de forças a nível internacional.

A mesma lógica se aplica, ainda com mais razão, no caso de Reagan. Assume a presidência empolgado com as repercussões que a sua plataforma conservadora teve no eleitorado norte-americano. Revistas como *Newsweek* já dizem ter o país a marca de Reagan, estendendo a toda a nação o apoio obtido nas urnas.

Mas, analisando um pouco mais friamente os dados, conclui-se que esse apoio foi relativo, apesar de amplamente maioritário. A afluência eleitoral foi a mais baixa desde 1948, e oito por cento inferior a 1960. Só uns 52% dos eleitores aptos para o voto participaram nas eleições. E se somarmos a percentagem dos votos de Carter e de Anderson, mais a percentagem de abstenções, o resultado diz que 75% dos cidadãos habilitados para votar não votaram no candidato republicano. Dos potenciais 163 milhões de votantes, só 42,5 milhões apoiaram Reagan ou seja, 26%. Vista assim, a vitória dos republicanos não é tão esmagadora como parece à primeira vista.

Sem entrar em considerações profundas, ressalve-se ainda que «a democracia mais avançada do mundo», como é apresentada a dos Estados Unidos em certos meios de comunicação, não é tão perfeita, já que uma vitória esmagadora é resultado do desejo da quarta parte da população apta para votar (e os números caem muito se considerarmos a população total de 220 milhões de habitantes).

### Reflexos internos

Algumas consequências imediatas das eleições começam a surgir. A



John Anderson: uma terceira, mas fraca opção

primeira, ainda que paradoxal, apresenta a vitória de Reagan favorecendo a ala mais liberal do Partido Democrata. Já houve quem afirmasse que Carter foi derrotado por Edward Kennedy e não por Ronald Reagan. E o Partido Democrata — que sai seriamente afectado da campanha eleitoral — possivelmente só poderá reagrupar-se com hipóteses firmes para 1984 se o fizer em torno do último representante do «clã» dos Kennedy, ou um dos líderes da sua corrente. Kennedy perde a presidência da Comissão de Justiça, mas ganha uma reeleição segura nas eleições parciais de 1982 e um impulso formidável para a nomeação democrata à sucessão de Reagan.

Outra consequência poderia ser o aparecimento de um terceiro partido político no cenário bipartidário. Os sete por cento dos votos do candidato independente John Anderson não só fazem com que ele tenha direito a receber do orçamento da União todo o dinheiro investido na campanha eleitoral, mas lançam-no como uma força real, em torno da qual poderão reunir-se sectores insatisfeitos com a alternativa democrata ou republicana. O que parece lógico, pois quem se lançou numa candidatura independente, agora poderá explorar a fundo todas as potencialidades abertas à sua opção, se estiver à altura do desafio.

Apesar de Anderson não ter apresentado uma plataforma renovadora, decepcionando muita gente com as suas dubiedades, é evidente que o voto para o candidato independente exprimiou um desejo de ruptura da estrutura bipartidária. Se ele soubesse traduzir correctamente essa aspiração, outro teria sido o resultado da sua campanha.

Talvez nesse terceiro partido possam participar alguns dos sectores





avançados (negros, mulheres militantes, minorias hispano-americanas, sindicatos independentes) que em 1976 deram o seu voto a Carter e agora, em 1980, no mínimo, se abstiveram.

Ainda faltam dados para ver como se recompará o quadro dos interesses internos em alguns campos, como por exemplo, em relação à posição que adoptará a comunidade judaica, que votou dividida. Calcula-se que aproximadamente dois terços se manteve fiel a Carter enquanto um terço apoiou Reagan.

### O contexto externo

Um dos «pratos fortes» da campanha de Reagan foi a acusação a Carter de ter deixado enfraquecer perante o mundo a imagem dos Estados Unidos como primeira potência mundial. Acusação que vinha sempre acompa-

nhada da promessa de renegociar com os soviéticos o Tratado SALT II (para ele, inaceitável nas condições actuais); apoiar os aliados incondicionais (em geral, as ditaduras), sem perturbá-las com incómodas referências a respeito dos Direitos Humanos; e não deixar surgir «novas Nicaráguas». Como corolário: impul-



Edward Kennedy advertiu Carter do desastre eleitoral



sionar a indústria armamentista para superar os soviéticos em poderio bélico. Ou seja, tentar voltar ao quadro político-militar do pós-guerra, quando os Estados Unidos eram a incontestada primeira potência mundial.

Se parece difícil que o novo presidente consiga levar para a frente o programa de política interna, improvável será que ele obtenha sucesso nas metas estabelecidas a nível mundial, a não ser que queira levar o mundo a uma catástrofe.

Seria ingênuo supor que o campo socialista se deixasse amedrontar ou pressionar pelas ameaças de Reagan e pelo seu programa armamentista. O general Dimitri Ustinov, ministro de Defesa da União Soviética, já declarou que o seu país não descuidará a sua segurança, nem está disposto a aceitar que se rompa o equilíbrio militar que é um dos factores da paz no mundo.

Se Reagan opta por uma corrida armamentista, é evidente que isso aumenta os perigos de uma confrontação atómica. Mas, naturalmente, os dados do problema estratégico não se alterariam, pelas possibilidades económicas e tecnológicas do campo socialista em enfrentá-lo adequadamente.

No seu projecto belicista, o primeiro problema que se apresenta a Reagan é com os seus aliados europeus. As relações EUA — Europa atravessaram duas etapas desde o fim da II Guerra Mundial. A primeira, de completa identidade, favorecida pela dependência europeia à ajuda norte-americana para superar as condições adversas em que as economias (de vencidos e vencedores) ficaram depois do enorme esforço da guerra. Os Estados Unidos estavam na sua fase de apogeu, e os aliados europeus

numa situação muito abaixo. Era uma aliança do fraco com o forte, uma aliança de cima para baixo.

A segunda etapa pode ser localizada a partir dos primeiros anos da década de sessenta, quando a guerra do Vietname já debilitava o poderio norte-americano e o esforço da reconstrução permitia à Europa voltar a usufruir parte do seu brilho antigo. Nem o forte era tão forte, nem o fraco tão fraco.

No início dos anos oitenta, coincidindo com Reagan na presidência dos Estados Unidos, parece começar uma terceira etapa.

Nas intenções de Reagan, essa nova etapa seria mais um retorno ao satelismo do pós-guerra que um passo à frente no rumo do equilíbrio. Mas será que a Europa está disposta a renunciar a ter um espaço próprio no cenário internacional? Mantida a tendência actual, tudo indica que não. E não há elementos que permitam acreditar numa mudança a curto prazo.

As ideias de autonomia a respeito dos Estados Unidos defendidas por Charles De Gaulle têm, nesse contexto, evidente actualidade. Não foi por acaso que os franceses transformaram o décimo aniversário da morte do general numa reafirmação do apoio a essa linha de acção.

Carter já enfrentou problemas com os aliados europeus, que foram contornados porque Washington tornou a sua linha mais flexível para garantir a continuidade da aliança estratégica simbolizada pela OTAN. Bona e Paris têm avançado muito nas relações bilaterais, reforçando uma política não-armamentista.

### A Internacional Socialista

Noutro plano, a crescente crise económica dos países industrializa-

dos e a grave situação energética (que se agudizou ainda mais com a guerra Irão-Iraque) criaram novas situações a nível internacional. E os europeus vêem, cada dia com mais realismo, a necessidade de manter um bom diálogo com os países em desenvolvimento — entre eles os árabes — para encontrar soluções viáveis para a crise actual.

O mundo está a sair da era colonial e a Europa sabe que não se pode voltar atrás. O processo de descolonização do Terceiro Mundo é irreversível e esse dado faz com que os europeus tentem pôr em prática novas formas de relações.

É evidente que a eleição de Reagan abre para os países da Europa, um espaço político importante nas relações com o Terceiro Mundo e eles estão dispostos a ocupá-lo. Washington vai abandonar a bandeira dos Direitos Humanos, mas os europeus não. Não poderiam fazê-lo a não ser com o custo de graves crises políticas internas. Aliás, é justo lembrar que a Internacional Socialista levantou a reivindicação do respeito dos Direitos Humanos e dos valores democráticos na sua reunião de Novembro de 1976 (simultaneamente à eleição de Carter) e tem sido mais consequente na sua defesa do que a sinuosa administração democrata.

Não é por acaso que um dos principais temas da reunião da Internacional Socialista de Novembro passado em Madrid foi o das relações com o Terceiro Mundo, sendo o próprio presidente Willy Brandt quem salientou a sua importância.

Merece algumas reflexões essa reunião de Madrid. Uma delas é que o Terceiro Mundo está a passar a ter um peso novo dentro da Internacional Socialista. Todas as solicitações de ingresso foram de partidos do Ter-



ceiro Mundo. Da América Latina foram aceites os pedidos de admissão de partidos da Guatemala (Partido Socialista Democrático), Equador (Esquerda Democrática), Granada (New Jewel Movement) e Paraguai (Partido Febrerista), todos eles como membros de pleno direito. Foi também aceite o pedido dos partidos Movimento Antilhas Novo e Movimento Eleitoral do Povo, das Antilhas chamadas Holandesas. Das outras áreas

do Terceiro Mundo, ingressaram, com todos os direitos, os partidos Frente Progressista Voltaica (Alto Volta), Partido dos Trabalhadores Unidos (Mapam — Israel) e o Partido Progressista Socialista (Líbano).

A tónica da intervenção de Brandt esteve de acordo com esse novo protagonismo do mundo emergente. «O socialismo europeu não é coisa exportável», disse ele. Acrescentando que estão surgindo no mundo «novas

forças» com as quais há que contar e cooperar «sob a pena de se perder credibilidade»; prosseguiu ainda mais: «*esses esforços de cooperação devem-se realizar como companheiros e não como rivais dos não-alinhados*».

Coube a Carlos Andrés Pérez, do partido social-democrata, Copei, da Venezuela, colocar o problema a partir de uma óptica terceiro-mundista. Afirmando que o tema das relações



«Seria ingénuo supor que o campo socialista se deixasse amedrontar ou pressionar pelas ameaças de Reagan e pelo seu programa armamentista»



Norte-Sul era o mais importante a ser debatido na reunião, ele afirmou que «o Sul é que definitivamente estabelecerá as possibilidades certas de paz e prosperidade no mundo». E acrescentou com dureza: «A ordem que sonharam eterna os vencedores da Segunda Guerra partiu-se em pedaços». Fez depois severas críticas aos dirigentes de alguns países europeus que não tiveram sensibilidade para impulsionar o diálogo Norte-Sul. Afirmou: «Devemos dizer com inteira franqueza que tem sido negativo o tom do chanceler alemão Helmut Schmidt assim como o do primeiro-ministro Callaghan e da senhora Margareth Thatcher na Inglaterra, ou dos senhores Nixon ou Carter nos Estados Unidos».

Sem desconhecer que nem sempre os partidos políticos no governo estão exactamente na linha do poder exe-

cutivo, Pérez citou o caso da Alemanha Federal já que Willy Brandt defendia posições bastante próximas das suas.

O ex-presidente venezuelano acrescentou: «Vamos exigir que a posição dos governos esteja de acordo com a dos partidos». Afirmou também que «a validade das reformas requeridas para estabelecer uma Nova Ordem Económica Internacional são inaplicáveis no contexto da estrutura de poder surgida da Segunda Guerra».

E é também nesse campo económico (ao qual se referia Andrés Pérez) que surgem já algumas divergências entre Reagan e os seus aliados europeus. Se ele pensa em voltar a uma política protecção — claramente insinuada na sua campanha — terá de enfrentar a frieza da Comunidade Económica Europeia, que estava a

negociar com Carter novas condições para as exportações de produtos têxteis e siderúrgicos para os Estados Unidos.

### O outro pé da Trilateral

O Japão, por seu lado, assiste à mudança na Casa Branca com expectativa, a partir de uma posição contraditória. Assim, a pregação conservadora de Ronald Reagan agrada ao governo japonês, também conservador, e coincide com a tendência armamentista mais acentuada de Tóquio desde o fim da Segunda Guerra. Mas os sectores empresariais vêm com desconfiança o novo presidente, que numa das suas mais famosas frases da campanha eleitoral disse: «O sonho dos americanos de ter dois carros na garagem tornou-se realidade durante o governo de Carter. Os



Willy Brandt: a tentativa de aproximação com o Terceiro Mundo



Margareth Thatcher: sintonia de linguagem com Reagan



Suzuki: preocupado com o proteccionismo



dois carros são japoneses e estão sem gasolina».

Reagan referia-se, numa feliz retórica para os seus objectivos eleitorais, a um facto real: a invasão do mercado norte-americano pelos automóveis fabricados no Japão. E por mais conservador que seja o gabinete do primeiro-ministro japonês Zeuko Suzuki, ele tem de contar com esse elemento que se interpõe nas relações nipo-norte-americanas.

Também no Canadá sopram ventos diferentes. Em várias oportunidades, o governo do primeiro-ministro Trudeau tentou uma aproximação com o Terceiro Mundo e existem sectores internos que consideram o país como parte do conglomerado de nações emergentes.

Em Junho de 1981, vai realizar-se, justamente no Canadá, a primeira reunião de cúpula dos «sete grandes» depois da eleição de Reagan. Até lá, estarão mais claras algumas das tendências apontadas.

## O Terceiro Mundo

Uma boa parte das apreensões expressas a respeito das possíveis consequências da vitória de Reagan vieram de algumas áreas do Terceiro Mundo. Evidentemente, o grupo de nações mais exploradas do planeta não pode ver com optimismo o regresso a uma linguagem e a um projecto geopolítico que pareciam sepultados com o declínio da Guerra Fria. Se essa tónica passar da retórica aos factos, o Terceiro Mundo só terá a perder.

Mas, além dos argumentos já analisados, há ainda outros a serem ressaltados para se voltar a comprovar que não é larga a margem de acção do presidente eleito.

O Movimento dos Não-Alinhados surgiu nestes últimos tempos como uma força destinada a ter uma participação decisiva nos últimos vinte anos do século XX. A partir da Conferência Cimeira de Argel, em 1973, o movimento deu um salto qualitativo (além do quantitativo, já que na última reunião, celebrada em Havana no ano passado, participaram 138 países). A análise das questões essenciais para o desenvolvimento do Terceiro Mundo foi avançando em profundidade e ganhou maturidade na elaboração de alternativas à dependência neocolonial. As principais definições orientam-se num duplo sentido.

Primeiro, na exploração ao máximo da *cooperação horizontal*, isto é, entre os próprios países em desenvolvimento que, apesar de depen-



O eventual regresso das teses de Kissinger criam apreensões na África Austral

dentes, têm graus diferentes de avanço tecnológico.

Segundo, no aprofundamento da essência do não-alinhamento, no sentido de definir o que significa ser não-alinhado em 1980. E ideologicamente, as vanguardas do Terceiro Mundo foram demonstrando que ser não-alinhado é «*estarem todos alinhados contra o imperialismo*», como definiu o presidente Samora Machel no importante discurso que pronunciou na VI Conferência Cimeira em Havana. Ou seja, não uma equidistância dos dois blocos (a terceira posição chinesa de Mao) e sim uma correcta valorização do papel dos países socialistas como aliados estratégicos do Terceiro Mundo. Tudo isso muito reforçado com a experiência das associações de produtores de matérias-primas e de integração económica regional, que vêm mostrando a sua força crescente nos últimos anos.

O Movimento dos Não-Alinhados é hoje um dado fundamental na política internacional, apesar das contradições e problemas internos como a actual guerra Irão-Iraque. E Reagan não poderá desconhecê-lo.

O fortalecimento da posição negociadora do Terceiro Mundo, a partir da força que vem adquirindo o Movimento, fez-se sentir em várias circunstâncias concretas. O exemplo da América Central é um deles.

As ditaduras não dissimularam a sua alegria pela vitória de Reagan, não sendo uma excepção a essa regra as da América Central. Baseavam as suas expectativas nas menções do candidato republicano a uma maior ajuda (incluindo uma eventual ajuda militar) para fazer frente à instabilidade interna.

Essas expressões de júbilo reflec-



tem, porém, mais uma debilidade do que uma força: essas ditaduras estão tão acossadas (por um lado, pela consciência internacional que repudia as violações dos direitos do homem e, por outro, pelas forças internas que vão ganhando um espaço cada vez maior) que olham para Reagan como a sua última esperança. E se o mundo fosse o mesmo de há vinte anos atrás, até podiam esperar confiantes o apoio do *establishment*. Mas o aliado já não é aquele que surgia como salvador do «mundo livre» da Segunda Guerra. E a corrente histórica também o atinge.

A América Latina não pode ser a mesma depois da Nicarágua. Já o presidente do México, José López Portillo advertiu Reagan nesse sentido: «intervir na Guatemala e em El Salvador — disse ele — provocaria a vietnamização da América Central. Não intervenha. Respeite os processos internos de todos os países, pois trata-se de nações adultas e capazes

de se autodeterminarem. O tratamento político intervencionista e a fácil solução do controlo repressivo não são alternativas para a América Latina».

Outro chefe de Estado da área afirmou que o novo governo norte-americano «cometerá um grave erro se não souber avaliar correctamente a situação da América Latina».

Parece que, pelo menos, os assessores de Reagan para o hemisfério têm consciência disso. Um especialista da campanha eleitoral afirmou que não tem nenhuma base a presunção de que Reagan voltaria à política do *Big Stick* (grande cacete) do presidente Roosevelt.

#### Médio Oriente e Ásia

Um dos primeiros quebra-cabeças que a nova administração republicana vai enfrentar é a situação do Médio Oriente. A conjuntura internacional é

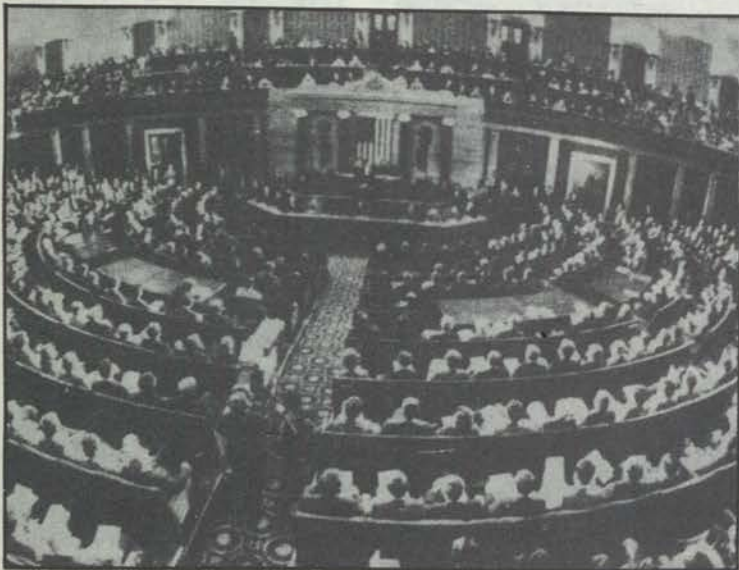
uma das mais explosivas dos últimos tempos e qualquer passo em falso na avaliação dos factos pode conduzir a um conflito generalizado.

Hoje, a guerra Irão-Iraque transferiu temporariamente o foco de tensão da fronteira Líbano-Israel para o Golfo. E houve uma recomposição de forças e de alianças. Se Reagan quiser desfrutar de algumas facilidades estratégicas, o preço pedido pelos árabes será sempre um maior isolamento de Israel e o reconhecimento do Estado palestino. E nesse sentido há que levar em conta o facto do epicentro dos acontecimentos de hoje estar no Golfo tirar ao campo capitalista o papel de principal protagonista desempenhado pelo Egipto até agora. É enfraquecendo a posição negociadora de Sadat.

Essa perda de influência geopolítica do Egipto vai reflectir-se nos Acordos de Camp David que, impulsionados pela administração Carter numa conjuntura especial do Levante (Médio Oriente), talvez já não sejam um instrumento adequado no momento actual.

Círculos palestinos comentaram que, com a maioria republicana no Congresso, a política externa passará a ser traçada mais por uma equipa do que exclusivamente pelo presidente. Eles não desconhecem que Reagan tinha assessores israelitas nem a sua desqualificação da OLP como único representante do povo palestino. Porém, acham que as declarações do candidato republicano nem sempre vão poder coincidir com as suas posições como presidente.

A questão do petróleo passa a um primeiríssimo plano com o conflito no Golfo e leva a Europa e o Japão a terem interesse em participar nas discussões sobre eventuais negociações de paz a serem tomadas pelo Oci-



O primeiro Congresso dominado pelos republicanos nos últimos 26 anos



George Bush

dente. Participação que deverá ter um carácter moderador de possíveis posições intransigentes. Além do mais, a Europa que já vinha ocupando espaços significativos na cooperação tecnológica com os países envolvidos na guerra, nada fará senão no sentido de encurtar os prazos para a conquista da paz.

A União Soviética também se manifestou nesse sentido. Com um tratado de amizade assinado com o Iraque e uma extensa fronteira com o Irão, dificilmente se poderá pronunciar em favor de um ou de outro. Pelo contrário, é previsível que use as portas que tem abertas com os dois países para promover um diálogo e um desfecho aceitável para toda a região.

Na Ásia, a China foi o país expressamente mencionado pelo candidato Reagan. Referiu as suas simpatias com a Formosa. Esse aspecto não agrada aos dirigentes da China continental, que têm, no entanto, o contrapeso das declarações anti-soviéticas do novo presidente para ficarem optimistas a respeito das relações futuras.

Nas declarações da campanha eleitoral, não há nenhuma referência a outras realidades asiáticas (com excepção do Japão). Mas o que Reagan poderia ganhar em simpatia face a ditaduras como a Coreia do Sul, Malásia, Singapura e Filipinas pelo abandono dos princípios dos Direitos Humanos, perde pelo ênfase dado ao proteccionismo económico que poderia criar problemas às exportações de produtos têxteis e electrónicos procedentes daqueles países.

Na África, os temores centram-se na África Austral. Não se

pode esquecer o papel da última administração republicada (e de Kissinger, em particular) durante a segunda guerra de libertação de Angola, alimentando os movimentos fantoches FNLA e UNITA. E, por isso, agora surgem temores de recrudescimento de uma campanha desestabilizadora contra o governo do presidente José Eduardo dos Santos.

Muito relacionada com essa hipótese, está a posição dos republicanos no caso da Namíbia. Esse território, ocupado pela África do Sul, avança firme no rumo da independência, agora com uma ampla maioria da ONU a seu favor. Não podem, pois, os dirigentes do movimento de libertação namíbio, a SWAPO, deixar de analisar como se reflectirá no regime da África do Sul a mudança no centro imperialista. E como na independência da Namíbia está empenhado todo o continente africano, a nível continental também se seguem atenta-



As fitas de cow-boys já vão longe. Pela primeira vez, Reagan desempenha um «papel» de primeiro plano

mente os passos de Reagan na condução do poder.

Porém, todas essas apreensões naturais cedem perante a consciência da coesão e a força que tem adquirido a África no nosso último quinquénio.

Essa força exprime-se, sem dúvida, no crescente apoio com que Angola conta não só na África mas no mundo, na sua exemplar luta a favor da autonomia política e libertação económica e na solidariedade que a causa da Namíbia vem recebendo a nível internacional.

### Conclusões gerais

Em suma: o mundo não alterará a sua evolução pelo facto de Reagan ser o novo presidente dos norte-americanos. E isso, vai ele saber rapidamente, se é que tinha alguma ilusão a esse respeito. Poderá haver recuos, pois o processo da luta é sinuoso e não uma linha recta. Mas basta olhar para o mapa-mundi para constatar que esses recuos nunca foram maiores que os passos em frente.

Talvez o que se vai com Carter é a ilusão que pode ter crescido em alguns círculos (animados e iludidos com a campanha dos Direitos Humanos e a pregação mais liberal) de que o processo revolucionário do Terceiro Mundo tinha por sede Washington e não as nossas nações mestiças. O tempo do poder omnipotente dos Estados Unidos já passou. A não ser em sectores muito restritos do Terceiro Mundo, em geral distanciados das aspirações populares, as preocupações com o que faz e não faz a Casa Branca e o medo das suas ameaças estão a ceder o lugar à consciência do direito de cada povo à autodeterminação, à liberdade e à decisão de obtê-lo a qualquer preço.

## George Bush



□ Ronald Reagan, aos 70 anos, leva para a Casa Branca o título de ser o mais velho candidato eleito em primeiro mandato para a presidência do país. Quando se está cercado de toda a assistência, como é o caso do presidente dos Estados Unidos, isso não quer dizer muito. Mas, no entanto, não exclui as possibilidades do vice-presidente, George Bush, com os seus 56 anos, ser

surpreendido com um mandato de presidente durante os próximos quatro anos.

George Bush estará assim a fazer um estágio para a presidência do país, uma vez que, ao que tudo indica, ele fará da vice-presidência um cargo bastante actuante, como aconteceu com Walter Mondale, durante a administração Carter.

Bush não é um novato: chegou a

concorrer à indicação presidencial em diversas primárias estaduais antes de integrar a lista presidencial republicana como vice de Reagan. Formado em economia pela Universidade de Yale em 1948, entrou para o mundo dos negócios e, mais tarde, para o serviço público ao mudar-se para o Texas.

Após uma frustrada tentativa de ser eleito para o Senado, em 1964, elegeu-se em 1966 para a Câmara dos Representantes, cumprindo dois mandatos. Em 1972, foi nomeado embaixador dos Estados Unidos na ONU e, no ano seguinte, assumiu a presidência da Comissão Nacional Republicana. Dois anos depois tornou-se chefe da representação dos EUA em Pequim e em 1976 foi nomeado director da Agência Central de Informações (CIA), familiarizando-se intimamente com os bastidores da política norte-americana.

## Repercussões no mundo

### AMÉRICA LATINA

**El Salvador** — Sectores conservadores salvadorenos demonstraram abertamente a sua alegria pela vitória de Reagan. O jornal *De Hoy*, ligado à burguesia industrial e financeira, afirmou que «com Reagan inicia-se não só uma nova era para a América mas também para o mundo. Outro diário, *La Prensa Gráfica*, identificado com o sector agro-industrial, disse que com Reagan «haverá uma mudança definitiva na política dos Estados Unidos na América Latina».

**Colômbia** — O presidente Júlio Cesar Turbay Ayala, afirmou que a eleição de Reagan não representará necessariamente uma «direitização»

do continente. Ele, inclusive, vê-a com esperança: «não tem havido uma política importante em relação à América Latina por parte dos presidentes norte-americanos, excepto durante a gestão do ex-presidente Kennedy».

**Panamá** — O presidente Aristides Royo afirmou: «esperamos que a futura administração de Reagan respeite o princípio de autodeterminação dos povos e não-intervenção nos assuntos internos das nações latino-americanas, assim como a vigência dos direitos humanos no continente». Royo exigiu também respeito e cumprimento dos tratados Torrijos-Carter, pois eles «são lei no Panamá e nos Estados Unidos e foram aprovados pela máxima expressão soberana desse povo, sendo um compromisso

de carácter internacional». As declarações do presidente panamiano referem-se às posições de Reagan, manifestadas em entrevistas, na altura da assinatura dos Tratados e quando era candidato, não concordando com a perda para os Estados Unidos do Canal do Panamá.

**Bolívia** — O general Garcia Meza revelou que a eleição de Reagan «abre perspectivas em relação às modificações que poderão surgir na condução desse país», numa clara alusão a um eventual reconhecimento do seu regime pela próxima administração norte-americana. Para o ministro dos Negócios Estrangeiros, general Javier Ceruto, «esse acontecimento possibilitará à Bolívia cimentar uma de-





mocracia real e não uma pseudo-democracia».

**Venezuela** — Inúmeras personalidades e políticos venezuelanos demonstraram claramente as suas decepções com a vitória do candidato republicano. Carlos Canache Mata, deputado da Acção Democrática, partido social-democrata de oposição, afirmou que «o triunfo de Reagan foi uma surpresa, eu prefiro os democráticos». Outro deputado, German Lairet, do Movimento ao Socialismo (MAS, esquerda moderada), espera que «não se cumpram as promessas eleitorais de Reagan».

**Cuba** — O jornal *Granma* órgão oficial do governo, registou a vitória do candidato republicano Ronald Reagan com uma pequena nota numa página interior, sem fazer comentários. Não houve nenhuma declaração oficial sobre as eleições norte-americanas, aguardando os dirigentes cubanos, numa silenciosa vigilância o rumo que irá tomar o novo governo.

**Costa Rica** — Com excepção da extrema-direita, a maioria dos grupos políticos e económicos costa-riquenhos receberam com cautela os resultados das eleições presidenciais dos Estados Unidos. O próprio presidente Rodrigo Carazo demonstrou prudência quando declarou que «o fundamental, neste momento, é deixar que o presidente Reagan tome posse do seu novo cargo, para que ao enfrentar as realidades do mundo nos demonstre o seu critério e evidencie o significado da sua política, já que não podemos julgá-lo através das especulações feitas em relação à sua campanha política».

**República Dominicana** — O líder do Partido Revolucionário Dominicano (PRD) e presidente para a Amé-

rica Latina da Internacional Socialista, José Francisco Pena Gomez, afirmou que a vitória de Ronald Reagan não significa, forçosamente, o apoio dos Estados Unidos aos regimes militares na América Latina: «a política exterior de uma nação não se muda da noite para o dia» — frisou. Na sua opinião, a derrota de Carter era previsível, devido à situação económica dos Estados Unidos. O líder do PRP anunciou que dirigentes latino-americanos da Internacional Socialista irão a Washington em breve para uma reunião com o novo presidente americano.

**México** — Hortensia Bussi, viúva do ex-presidente Salvador Allende e o ex-presidente argentino Héctor Cámpora, exilados no México, advertiram



**Turbay Ayala**

que os antecedentes do ex-actor Ronald Reagan o colocam como aliado dos governos militares do continente, aos quais, durante a sua campanha, ofereceu ajuda militar para combater os seus opositores.

**Perú** — Líderes da APRA, do Partido Popular Cristão e de organizações de esquerda afirmaram que a vi-

tória de Reagan abre para a América Latina uma etapa de inquietação e enfraquecimento da democracia enquanto o presidente da República, Fernando Belaúnde Terry e alguns dos seus colaboradores mais próximos aplaudiram o triunfo do candidato republicano.

Belaúnde Terry, líder do Partido Acção Popular, declarou que «os resultados eleitorais norte-americanos permitirão manter mais estreitas ainda as relações entre o Peru e os Estados Unidos». No entanto, o presidente não explicou quais as razões das relações poderem ser melhores com Reagan do que com Carter.

## AFRICA

**Angola** — O chefe do Estado angolano, José Eduardo dos Santos, criticou certas declarações feitas por autoridades norte-americanas durante o período eleitoral, qualificando-as como uma clara demonstração de um novo desejo de ingerência nos assuntos internos da República Popular de Angola.

«O que nós estranhámos — declarou José Eduardo dos Santos — é o facto de que os Estados Unidos não utilizaram a experiência do fracasso da sua política quando, em 1975, as organizações fantoches que eles patrocinaram, financiaram e armaram, foram derrotadas pelo povo angolano». Qualificou a campanha como uma nova tentativa de aliança secreta entre os Estados Unidos e o regime racista da África do Sul para prosseguir a sua política de agressão e desestabilização de Angola a partir do território ilegalmente ocupado da Namíbia.



## EUROPA

**União Soviética** — Em telegrama a Reagan, Brejnev afirmou: «Tenho a esperança de que a sua actuação nesse alto cargo sirva para melhorar as relações entre os nossos países, para o bem da paz e dos nossos dois povos». O novo primeiro-ministro soviético, Nikolai Tikhonov, em discurso no Kremlin, fez votos para que Reagan adopte, na Casa Branca, «uma atitude política construtiva». Enquanto isso, o *Pravda*, órgão oficial do Partido Comunista Soviético, qualificava de «visível viragem à direita» a eleição do candidato republicano.

**Itália** — O presidente italiano Sandro Pertini, em mensagem ao novo presidente dos Estados Unidos, disse: «Estou convencido de que saberá enfrentar os graves deveres que se lhe apresentam, com equilíbrio e responsabilidade, no interesse da paz, da fraternidade entre todas as nações, da independência dos povos, dos direitos civis e humanos e de uma eficaz luta contra a fome no mundo».

O secretário do partido oficial Democrata Cristão, Valerio Piccoli, disse esperar que Reagan continue a reforçar a Aliança Atlântica (OTAN) e a apoiar a posição dos tradicionais aliados dos Estados Unidos. Enquanto isso, os dirigentes comunistas fizeram manifestações de cautelosa preocupação.

**Alemanha** — A eleição de Reagan causou indisfarçável preocupação entre os políticos do governo da Alemanha Ocidental. Apesar dos telegramas formais de congratulações enviados pelo presidente Carl Karstens e pelo chanceler Helmut Schmidt, muitos comentários exte-

riorizaram temores de que o entendimento entre eles fique ainda mais difícil.

Willy Brandt, em telegrama a Reagan, manifestou o desejo de que «as duas superpotências nucleares encontrem meios para se entenderem, pois disso depende o futuro da humanidade». Maria Schlei, ex-ministra da Cooperação Económica, afirmou que «os tratados SALT-II não podem ser abandonados sob pena de graves consequências».

**Holanda** — O Governo holandês, em telegrama de felicitações ao presidente eleito dos Estados Unidos, manifestou a esperança de que a sua política se oriente em prol da manutenção da paz mundial e da segurança, bem como a favor do desanuviamento e da promoção dos direitos humanos».

**OTAN** — Nos círculos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) a notícia da vitória de Reagan foi recebida com discreta satisfação. «E de esperar que a política

americana seja agora mais consistente, menos volúvel, a fim de que os governantes de Moscovo compreendam que não podem fazer o que querem» — afirmaram. Comentou-se também em alguns círculos da OTAN que o Tratado SALT-II, sobre a limitação das armas estratégicas, parece definitivamente condenado na sua forma actual. Esperam também, por outro lado, que o general Alexander Haig, ex-comandante-em-chefe das forças da OTAN na Europa, assuma um cargo de responsabilidade na equipa de Reagan.

## ÁSIA

**China** — O primeiro-ministro da China, Zhao Zhiang, em mensagem de congratulações a Reagan, lembrou-o estarem os Estados Unidos comprometidos com a tese de que Formosa é parte integrante da China. Durante a campanha, Reagan manifestou a intenção de estabelecer relações oficiais como Formosa, o que se repercutiu negativamente em Pequim.

## MÉDIO ORIENTE

**OLP** — Após a vitória do candidato republicano, a Organização de Libertação da Palestina (OLP) divulgou uma declaração afirmando que «a posição pró-israelita do presidente eleito dos Estados Unidos prejudicará os interesses norte-americanos o Médio Oriente». O comunicado frisou ainda que «a descrição da OLP como uma organização terrorista indica o total favoritismo de Reagan por Israel e o seu desconhecimento do ovo palestino», numa alusão às declarações de Reagan, segundo as quais a OLP «é uma organização terrorista que não representa os refugiados palestinos».



Alexander Haig, novo Secretário de Estado na futura equipa de Ronald Reagan



Saraiva Guerreiro com José Eduardo dos Santos, presidente de Angola

## BRASIL

# “Nem paternalismos nem hegemônias”

*Em entrevista exclusiva a cadernos do terceiro mundo o ministro dos Negócios Estrangeiros brasileiro Saraiva Guerreiro assegura que foi positivo o balanço da sua missão à África. Nega que haja o propósito de servir de instrumento à triangulação comercial e reitera o apoio à independência da Namíbia*

Clóvis Sena

**R**AMIRO Saraiva Guerreiro declarou que o Brasil rejeita ajudas paternalistas, atitudes hegemônicas, pois seria absurdo pensar que se pretenda desenvolver com a África um tipo de cooperação que ele próprio rejeita. Se os países africanos têm aceite e se propõem a desenvolver as relações de cooperação com o Brasil, é porque ambos os lados reconhecem vantagens nessa cooperação.

O ministro dos Negócios Estrangeiros brasileiro disse que os países visitados na África sabem muito bem onde estão os seus interesses. Isso aplica-se, também, às relações comerciais. Não há nada para ser corrigido, pois o Brasil não pretende servir de instrumento para meras triangulações, assim como não se propõe a alijar dos mercados quem quer que seja. E explica mais: não há um diálogo político com a África do Sul que permita ao Brasil intervir directamente junto a Pretória para a solução da questão namíbia ou para encaminhar qualquer outro tema político.

*Poderia-nos fazer um balanço da sua missão na África?*

A missão à África obedeceu à directriz presidencial que atribui prioridade ao relacionamento do Brasil com os países africanos. O meu objectivo foi, em primeiro lugar, manter contacto pessoal com as autoridades da Tanzânia, Zâmbia, Moçambique, Zimbabwe e Angola e delas ouvir, directamente, suas opiniões sobre a situação regional, sobre as relações com o Brasil, etc. As trocas de ideias em todos os países visitados proporcionaram, sem dúvida, um melhor conhecimento recíproco e, assim, reforçaram o grau de confiança mútua. Outro objectivo da missão foi passar em revista o que já existe em matéria de cooperação económica, comercial, técnica, cultural, verificar novas oportunidades de trabalho conjunto. Também esse objectivo foi alcançado, identificando-se novos caminhos para o fortalecimento das relações do Brasil com aqueles países. O balanço geral da missão foi positivo.

*Que impressão lhe deixou o contacto com os governantes africanos?*

Os contactos com todos os governantes visitados foram caracterizados por um profundo grau de franqueza, cordialidade e descontração. Foram exactamente esses atributos que permitiram um melhor conhecimento de parte a parte, uma melhor compreensão dos problemas, opiniões e posições respectivas. Fui recebido por todos esses governantes de forma calorosa. Isso muito me sensibilizou e revela o grau de interesse que têm do Brasil e das coisas brasileiras. Esse interesse é recíproco.

*Comentou-se na Imprensa que nem todos os objectivos da sua missão foram alcançados. Concorda com isso?*

Todos os objectivos da missão, conforme indiquei, foram alcançados. Pela franqueza das conversações, os resultados foram além das expectativas. Não evitámos nenhum tema, presente, passado ou futuro. Nada nos foi cobrado. Todos os países visitados manifestaram a intenção de manter e estreitar relações com o Brasil em campos diversos porque vêem nesse relacionamento, na cooperação mútua, perspectivas amplas que interessam equilibradamente a ambas as partes.

### Paternalismo e hegemonia

*Em certos sectores brasileiros afirmava-se que era possível desenvolver o comércio com as ex-colónias portuguesas sem levar em consideração o contexto ideológico do seu governo. Referindo-se expressamente a essas relações económicas, o presidente Samora Machel frisou que Moçambique quer uma cooperação entre iguais e não uma ajuda paternalista. Outros governos*



O ministro dos Negócios Estrangeiros brasileiro com Robert Mugabe: discussões sobre cooperação económica, comercial, técnica e cultural

sustentaram posições semelhantes. *Crê que, à luz dessas opiniões, a política comercial brasileira para a África tem alguma retificação a fazer?*

O Brasil, tal como os países africanos, rejeita ajudas paternalistas, enfim, atitudes hegemônicas. Seria, pois, absurdo pensar que o Brasil pretenda desenvolver com a África um tipo de cooperação que ele próprio rejeita. Se os países africanos têm aceite e se propõem a desenvolver as relações de cooperação com o Brasil, é porque ambos os lados reconhecem vantagens nessa cooperação. Conforme já ressaltai em outras oportunidades, os países visitados sabem muito bem onde estão os seus interesses. Isso se aplica, também, naturalmente, às relações comerciais. Se o Brasil apresenta a possibilidade de ser um mercado adicional ou opcional para os países africanos, o facto é do seu interesse, assim como é do interesse brasileiro. É dentro desse espírito que se tem desenvolvido o comércio entre o Brasil e a África. Não há qualquer retificação a fazer.

*Ainda nesse campo, uma das preocupações constantes que se nota nos Estados africanos progressistas é*

*que o intercâmbio com outros países do Terceiro Mundo não seja uma mera triangulação, isto é, a compra indirecta de produtos, tecnologia e serviços das grandes potências industrializadas, através de vendedores — o Brasil inclusive — que seriam meros intermediários. Considera que essas advertências também se ajustam às exportações brasileiras? E nesse caso, o que poderia fazer o governo do Brasil para corrigir essa situação?*

A resposta a essa pergunta está contida na anterior. Não há nada a ser corrigido na política comercial brasileira com relação à África. Cabe apenas criar maiores facilidades e estimular o trabalho dos operadores económicos oficiais e privados. O Brasil não pretende servir de instrumento para meras triangulações, assim como não se propõe alijar dos mercados quem quer que seja. A circunstância de a ecologia de certas áreas africanas ser semelhante à nossa, o facto de já se terem desenvolvido no Brasil tecnologias facilmente adaptáveis às condições climáticas e ao estágio de desenvolvimento africano são, sem dúvida, elementos que tornam os nossos produtos e serviços atraentes a países em condições semelhantes. O comércio Brasil - África é efectuado por empresas estatais



Guerreiro e Nyerere

ou privadas da mesma forma como se realiza com o resto do mundo. O Brasil exporta produtos e serviços totalmente nacionais ou com altíssimo percentual de valor acrescentado brasileiro. Alargando um pouco a questão, deixo bem claro que o Brasil não pretende nem quer o papel político de mediador entre os países industrializados e o Terceiro Mundo, assim como, no plano económico, o de mero intermediário e de ponte para interesses de terceiros países. O Brasil fala e age por si mesmo.

*Foi bem recebido na África o incondicional apoio brasileiro à independência da Namíbia. Por apoiar esse princípio, Angola tem sido vítima de brutais agressões sul-africanas. O Brasil mantém relações diplomáticas e económicas com o governo de Pretória, que ocupa a Namíbia e ataca Angola. Existe no Itamaraty alguma iniciativa concreta, a nível diplomático, em apoio à independência e para deter a guerra da África do Sul contra Angola?*

— O apoio brasileiro à causa da Namíbia é conhecido e tem-se desenvolvido há anos e de forma invariável em todos os foros multilaterais. Nada mais fizemos, durante a viagem à África, do que reiterá-los. Da mesma forma, o Brasil tem-se solidarizado com Angola pelas agressões; sofridas em função de seu apoio à causa da independência da Namíbia.

Quanto ao relacionamento do Brasil com a África do Sul, limita-se ao facto de mantermos relações diplomáticas e comerciais, a nível de encarregado de negócios e para fins políticos. Não há, na verdade, um diálogo político entre os dois Governos que permita ao Brasil intervir directamente junto a Pretória para a solução da questão namíbia ou para encaminhar qualquer outro tema político. Alguns governantes africanos visitados chegaram a levantar essa hipótese, mas logo concluíram, após a exposição que lhes fiz do estado actual das nossas relações com a África do Sul, que ela seria inviável.

*No caso de Timor-Leste, o respeito à sua autodeterminação foi exigido nos comunicados conjuntos. Essa posição foi ratificada na recente visita ao Brasil do representante da FRETILIN na ONU. Projecta o Governo brasileiro algum tipo de iniciativa junto da Indonésia, visando a desocupação militar de Timor?*

— O Brasil apoia os princípios consagrados do direito dos povos à autodeterminação e à independência. Com relação a Timor-Leste, temos sempre apoiado as resoluções das Nações Unidas que defendem a autodeterminação do povo de Timor. Não havia, pois, empecilho para repetir tal posição de princípio em comunicados



O ministro dos Negócios Estrangeiros brasileiro e o presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda



Saraiva Guerreiro com Samora Machel

bilaterais. A vinda ao Brasil do representante da FRETILIN na ONU proporcionou um maior conhecimento dos objectivos e dos planos de negociações que aquele movimento pretende desenvolver junto à comunidade internacional. Não foi solicitada, nem está prevista, qualquer diligência unilateral do Governo brasileiro junto de Jacarta. Nem caberia ao Brasil tomar tal iniciativa. Outros países mais directamente envolvidos na questão estariam mais aptos a

procurar negociá-la.

*São dramáticas as condições de vida da população dessa ex-colónia portuguesa, actualmente sob ocupação indonésia. Há, no Itamaraty, algum projecto de ajuda humanitária a essa população?*

Não há projectos de ajuda em estudo. A possibilidade de auxílio humanitário não está, todavia, posta de parte.

Quer saber algo mais sobre  
as regiões autónomas da MADEIRA e AÇORES ?



farol das ilhas - r. mãe d'água, 13-2.º-f - 1200 lisboa - telefone 36 66 13

## PANAMÁ

# Torrijos: “a Revolução nicaraguense é um exemplo”

*Revelações sobre a sua participação na guerra contra Somoza.  
Uma avaliação política da América Central.  
O papel das Forças Armadas*

Neiva Moreira

**D**URANTE os dois últimos anos, o general Omar Torrijos, comandante da Guarda Nacional (ou seja, o Exército) do Panamá não concedeu nenhuma entrevista aos meios de comunicação e ficou num aparente segundo plano no convulsionado ambiente político centro-americano. Esse silêncio, no entanto, não era sinónimo de inactividade. É conhecido o trabalho solidário do Panamá e, particularmente, do general Torrijos, com os combatentes sandinistas durante a guerra na Nicarágua, da mesma forma que, nos bastidores, a sua figura de líder panamiano e centro-americano está presente no desenvolvimento dos actuais acontecimentos na área.

Recentemente, Torrijos esteve no Brasil numa visita de carácter privado, que o levou por vários pontos do país a fim de ver, directamente, algumas das obras de infra-estrutura que estão em andamento e visitar indústrias e centros de pesquisas. Torrijos está interessado em saber que tipo de tecnologia latino-americana pode ser adaptada à realidade panamiana.

Na extensa entrevista exclusiva que concedeu a **cadernos do terceiro mundo**, no Rio de Janeiro, o general Torrijos quebrou o silêncio. E revelou alguns episódios desconhecidos da época da guerra na Nicarágua, confirmando que sofreu pressões para deixar de ajudar a Frente Sandinista. E fez uma confidência: o seu próprio filho, Martín, esteve na Frente Sul ao lado do Comandante Zero, Edén Pastora.

Falou, também, extensamente, sobre o papel das Forças Armadas panamianas na vida do Estado e analisou a experiência da Guarda Nacional, que ele lidera, para tirar algumas conclusões que considera válidas para as outras nações do continente.

Do seu quarto de hotel com vista para a Avenida Atlântica, reiterou a sua confiança na década de 80 por a considerar mais auspiciosa para os povos latino-americanos, cujo processo de emancipação considera «irreversível».

### Os militares e o Poder

*Poderia avaliar a situação no seu país desde que você propiciou a entrega do Governo aos civis? Como vê o momento actual?*

— Tínhamos dois objectivos fundamentais na revolução de 68. Primeiro, a recuperação do canal e, segundo, transformar uma caricatura de país numa nação. Dez anos depois, considere que esses objectivos tinham sido atingidos. Assim, quando o mundo político interno panamiano julgava, equivocadamente, que as Forças Armadas estavam elaborando uma Constituição para permanecerem no Poder, surpreendentemente para eles, nós afastámo-nos. Em política, como em Ginecologia, as coisas são ou não são. Não se pode ficar «ligeiramente grávida». Assim, nós decidimos não ficar.





Omar Torrijos

Actualmente as Forças Armadas garantem a vigência da Constituição para que uma nova ordem política funcione. Introduzimos algo novo: os três poderes — Legislativo, Judicial e Executivo — actuam com independência, mas mantêm-se em comunicação com as Forças Armadas. Estabelecemos esse artigo constitucional para evitar que as Forças Armadas irrompam com armas, canhões e espingardas na vida pública. Trata-se de um princípio constitucional novo e real. A América Latina está cheia de constituições que dizem que as Forças Armadas são essencialmente obedientes e alheias ao poder político, respeitando a Constituição e a independência dos poderes. Mas de facto... os militares estão dentro do cenário político. E quando entram em cena, fazem-no com botas e não com votos. Ficou claro?

*Naturalmente.*

— As Forças Armadas, em geral, estão despolitizadas. Usam o critério de que o país pode ser governado sob os parâmetros de uma divisão e de um regimento. No Panamá, demos-lhe uma nova definição: as Forças Armadas são obedientes ao poder político, mas têm também uma missão: fazem parte de um plano de desenvolvimento.

— Os oficiais, tenentes, capitães, majores, etc., têm cursos de formação política com orientadores de todas as tendências.

*Orientadores, como?*

— Militantes de todos os partidos que vão dar cursos de política às Forças Armadas. Vão os conservadores, a ultra-esquerda, a ultra-direita, os liberais, todos. Assim, as Forças Armadas vão formando a sua própria personalidade.

---

### O papel das Forças Armadas

---

*Isso é particularmente renovador na América Latina. E, nesse contexto, como situaria o «modelo peruano»?*

— As Forças Armadas também devem fazer prevalecer os valores humanísticos. Elas devem contribuir para o desenvolvimento. E gostaria de destacar uma diferença em relação ao caso do Peru: nós, no Panamá, não irrompemos na vida pública como «o Governo das Forças Armadas». Só havia um coronel-ministro, na pasta da Agricultura.

Logo depois de assumirmos o poder, recrutámos a juventude mais talentosa, de diferentes procedências (esquerda, direita, centro) e fomos forjando uma nova geração de dirigentes. Sabíamos quem era quem. Porquê? Porque durante muito tempo tínhamos sido requisitados para reprimir essa juventude. Na repressão, na luta, começámos a valorizar a qualidade do «inimigo», nesse caso, esses jovens. Eles próprios se surpreenderam quando mandámos chamá-los.

Pode-se dizer que as Forças Armadas praticamente se limitaram a dar apoio aos planos de desenvolvimento que eles elaboraram. E, nesses anos, levantámos a sua economia. Convertimos um ambicioso plano de escolas. Demos ao povo um novo conceito de saúde. Colocámos a saúde não como a ausência de doença, mas sim como um estado de bem-estar geral.

Paralelamente a essa luta no plano interno para forjar uma nação, fizemos com que o Panamá tivesse voz a nível internacional. O Panamá apareceu. Demonstrámos ao Mundo que não íamos acrescentar mais uma estrela na bandeira dos Estados Unidos.

Estive, há muitos anos, com o general Velasco Al-

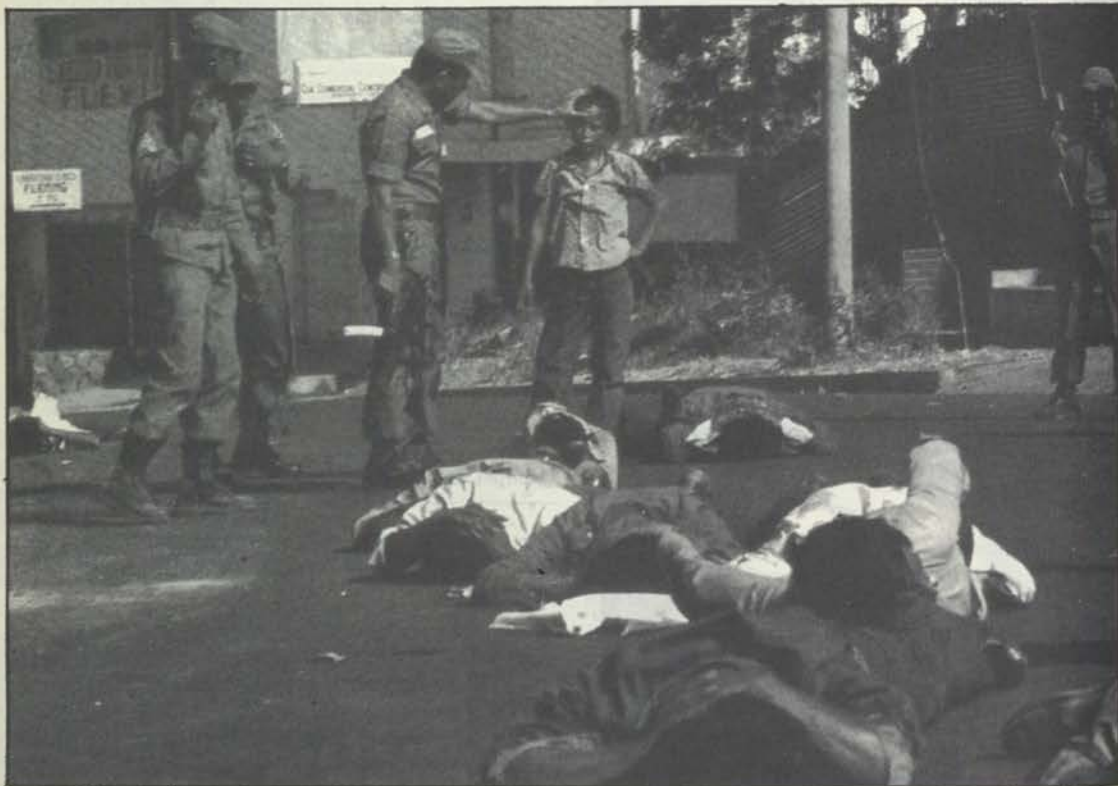
varado. Disse-lhe que acreditava na sua liderança, que acreditava na sua revolução mas não acreditava que essa revolução pudesse ser conduzida, exclusivamente, por um único sector da sociedade, o sector uniformizado. Manifestei-lhe a minha opinião no sentido de que devia ir incorporando todas essas gerações formadas em San Marcos, em La Molina — e cito essas duas universidades porque são um ponto de referência no desenvolvimento da América Latina. Os nossos primeiros técnicos agrónomos formaram-se em La Molina, a universidade tecnológica peruana.

Nenhuma sociedade suporta um Governo sectorial. Nem só de padres, nem só de jornalistas, professores ou militares. Porque nesses Governos não há intercâmbio, não há confrontação de idéias. Não há criatividade.

### A recuperação do Canal

*Comandante, e o Canal do Panamá? Como anda o cumprimento dos tratados?*

— Conseguimos incorporar a Zona do Canal à geografia da dignidade nacional, sem qualquer custo social.



«É preciso que a esquerda entenda que as Forças Armadas existem; e que as Forças Armadas entendam que a esquerda também existe»



Antes dos tratados, o Panamá recebia dos EUA 2 milhões de dólares por ano do total da renda do canal. Hoje, o país arrecada 74 milhões de dólares

Mas, para isso, tínhamos que estar preparados para pagar algum preço.

*Qual?*

— O da paciência. No entanto, eu estava preparado para tirá-los todos à bomba.

*Acha que podia fazê-lo?*

— Não teria sido político, mas havia condições. O Canal é totalmente indefeso. Tão indefeso como uma criança recém-nascida. É uma obra para a paz, para o comércio, para o intercâmbio, para fins pacíficos. É indefensável. E nada teriam podido fazer contra a vontade dos nativos, dos paramianos.

*E os norte-americanos conduziram-se correctamente no cumprimento dos tratados? Criaram dificuldades?*

— As dificuldades previstas. Ninguém perde com boa vontade tantos privilégios...

*Além do problema em si da recuperação da soberania, existe o aspecto económico. O que significou, nesse campo, o acordo do Canal?*

— O objectivo da luta era a soberania. Mas a soberania também é rentável. Antes do tratado, o Panamá recebia apenas dois milhões de dólares ao ano do total da renda do Canal. O nosso Governo recusou-se a continuar a receber esse dinheiro para mostrar ao Mundo que não estávamos alugados mas sim ocupados. Era uma ocupação de facto e não se paga a quem está sob ocupação. Mas, este ano, já recebemos 74 milhões de dólares em dinheiro pela renda do Canal, como consequência dos tratados.

*Imagino quanto dinheiro o Panamá tenha perdido...*

— É isso. Estávamos ocupados. O Canal é uma fonte de receita também pelos seus aspectos colaterais como serviços, postos, aeroportos, alfândega. É a área mais comercial do Mundo. Uma cintura estratégica onde o oceano Pacífico e o oceano Atlântico se beijam numa extensão de 80 quilómetros.

## As eleições

*Houve eleições recentemente no Panamá. Como as viu do seu gabinete do Comando da Guarda?*

— Nenhuma eleição é inteiramente ordeira. Tem sempre alguma componente carnavalesca. Um carnaval pátrio, patriótico. Estavam em jogo 19 lugares para legisladores. O partido do Governo, Partido Democrático Panamiano, ficou com 10. E a oposição ficou com nove. Foi uma boa votação. Uma lição de exercício democrático.

Não se estava pondo em jogo o Governo. A minha pessoa não estava sendo testada.

Pela primeira vez, o Partido Comunista elegeu um representante. Isso é bom, porque se a esquerda tem expressão numa assembleia, ela não se vê obrigada a recorrer a instâncias clandestinas, como no passado.

*E pode-se dizer que foram eleições realmente livres?*

— Tão livres que eu não sei em quem os meus filhos e a minha esposa votaram.

*E você?*

— Eu sei em quem votei. Também foi a primeira vez que as Forças Armadas não receberam palavras-de-

ordem. Disseram-lhes: «Votem em quem quiserem».

*Na América Central, as forças Armadas têm tradição golpista. Crê que isso seja totalmente superado no Panamá?*

— Sim. Esse processo fez-nos superar essa tradição. Ao tomar parte num plano de desenvolvimento, as Forças Armadas não têm que recorrer à violência.

— Sim. Falam de Direitos Humanos. Mas principalmente porque agora existem instrutores panamianos a imprimir a nossa própria personalidade à *Escuela de las Américas*.

— *Isso, a partir dos Tratados?*

— Sim. Mas dentro de cinco anos, de acordo com os Tratados, a *Escuela* desaparecerá. Devo dizer que não há

**«Reagan não pode pegar em Somoza e fazê-lo voltar ao bunker na Nicarágua. Primeiro porque Somoza não existe mais e segundo porque historicamente isso é impossível.»**

#### A «Escuela de las Américas» hoje

*Existe um aspecto muito curioso nisto tudo. As Forças Armadas panamianas que estão do lado da Zona do Canal optam por posições independentes em relação às escolas norte-americanas que ali funcionam. Como explica isso? Só pela presença de um líder carismático como o general Torrijos? Ou é algo mais do que a figura do líder o que impulsiona a mudança?*

— Não, não é por personalismo. É pela ocupação. Um país ocupado é um país ressentido. E nós estávamos ressentidos porque o Comando Sul, que está na Zona do Canal, sempre nos utilizou como primeira linha de combate contra o nosso povo. Foi-se criando uma outra mentalidade. Eles tentam *coca-colizar* as pessoas. Tirar-lhes a identidade. Mas agora estão a ver que a coisa está a escapar-se-lhes das mãos.

*Como definiria a actual relação?*

— Creio que os norte-americanos estão aprendendo no Comando Sul mais de nós do que nós deles. Nas Forças Armadas dos Estados Unidos estão a dar-se mudanças significativas.

*Essas mudanças reflectem-se nos conteúdos das Escolas do Canal ou, ao contrário, a carga ideológica aí continua a ser a mesma...?*

— Não, também muda. A *Escuela de las Américas* está mudando. A ponto de alguns países do Cone Sul do nosso continente não mandarem mais alunos porque dizem que são escolas subversivas.

*Excessivamente liberais?*

nenhuma escola má. O que há são maus produtos. Maus programas.

#### A vitória da Nicarágua

*Foi muito importante o papel do Panamá na luta do povo da Nicarágua. Como o descreveria, uma vez que esteve dentro dos momentos decisivos?*

— A geografia política da América Central tinha chegado a uma hora de mudança. As Forças Armadas tinham estado no poder por muito tempo. Já não era possível manter essa situação. O Pentágono e a Casa Branca, compreenderam isso e começaram a tirar o apoio, a negar a paternidade dessas mesmas Forças Armadas. As mudanças vêm com mais violência onde há mais fascismo. A resposta ao fascismo é a violência.

A juventude da Nicarágua — que nunca renunciou à luta — organizou-se em três ou quatro frentes, conseguiu que Daniel Oduber (então presidente da Costa Rica) lhe desse um «santuário»; e deu-se a coincidência de em três países da área conviverem no governo Carlos Andrés Pérez (Venezuela), Daniel Oduber e Omar Torrijos.

*Quer dizer, três presidentes com bastante sensibilidade para se identificarem com a luta do povo nicaraguense.*

— E também, depois, Rodrigo Carazo, quando mudou o governo na Costa Rica. Ele teve uma atitude corajosa: Viveu a fase culminante da luta.

E a contribuição do povo: 50 mil mortos. Apesar desse custo social, foi a Revolução mais serena e mais ajuizada. Quando todos pensavam que a juventude sandi-

nista ia radicalizar, eles actuaram de forma totalmente diferente fazendo uma revolução com «habeas corpus». Você imagina isso?

*Do lado dos Estados Unidos, essa seria uma constatação assumida pelo sistema e, em particular, por Carter? Acredita que com Reagan na Casa Branca os EUA continuarão nessa linha?*

— Eu penso que já é uma escola. Reagan não pode pegar em Somoza e fazê-lo voltar ao bunker na Nicarágua. Primeiro, porque Somoza já não existe e, segundo, porque historicamente isso é impossível.

*Dizem que existem pressões fronteiriças sobre o governo da Nicarágua. É verdade?*

— Sim, há pressões. A revolução nicaraguense não está a ser exportada. Mas é um exemplo. E os exemplos são imitados. A revolução, particularmente na Nicarágua, ainda corre um certo grau de perigo, se as coisas não mudarem nas Honduras, se não mudarem em El Salvador e na Guatemala. Pode-se viver com um vizinho hostil, mas não se pode dormir.

## El Salvador «libanizou-se»

*Então, acredita que o destino da revolução nicaraguense corre paralelo ao do povo centro-americano no seu conjunto?*

— Aquilo que ocorre nesses países vizinhos, particularmente em El Salvador e Guatemala é bastante determinante. Actualmente, El Salvador tem uma violenta luta de classes, com a diferença de que, agora, os dois lados estão armados. E com uma agravante: nenhum dos dois — nem o sector governante e as Forças Armadas, nem a esquerda — têm liderança suficiente para ordenar o cessar-fogo.

O que existe é uma criminalidade patológica. E não seria estranho que uma intervenção se tornasse necessária, nem da OEA (Organização dos Estados Americanos) nem do Pacto do Rio de Janeiro, mas das Nações Unidas, para ordenar esse cessar-fogo. Uma força militar. Porque a situação agravou-se tanto que El Salvador se libanizou. É um Líbano em território americano. E é uma atitude irresponsável em relação ao futuro da América, deixar que um povo se mate indiscriminadamente sem fazer nada para pôr um fim à batalha.

*Acredita que a esquerda salvadorenha tenha avançado no seu processo unitário? Tem melhorado a sua situação política?*

— Na esquerda salvadorenha nota-se um maior grau de organização e um maior desejo de diálogo. O Panamá tem servido de intermediário para um diálogo com as Forças Armadas.



A bandeira norte-americana no chão foi o símbolo da revolta do povo panamiano

Como vê o papel da Democracia Cristã nesse processo?

— A situação em El Salvador é muito dura. A verdade é que, à custa do seu prestígio, eles, os democratas-cristãos, estão a tentar cumprir o papel dessa força de paz. Não podemos criticá-la por desporto. Eliminaram todos os seus quadros dirigentes. Pelo menos, a DC consegue com que as forças de direita contem at' dez antes de eliminar algum quadro de esquerda. Mas ela deu o ome sem ter o poder. O poder real está nas mãos do ministro da Defesa, que se chama García.

Dentro das Forças Armadas salvadorenhas, existe algum sector inclinado ao diálogo?

**«Actualmente El Salvador tem uma violenta luta de classes, com a diferença de que agora os dois lados estão armados. nem o sector governante e as Forças Armadas, nem a esquerda têm liderança suficiente para ordenar o cessar-fogo.»**

— A base militar está inclinada ao diálogo, mas seu líder, o coronel Majano, é um indeciso. É um líder carente de decisão. Não se decide nunca.

E o diálogo que o Panamá está a promover?

— Somos intermediários para que eles conversem. Para que cada um se dê um espaço. Em política, há uma palavra-chave: espaço. E é incrível a capacidade que eles demonstraram para se entenderem.

O Panamá não pode recusar-se a ter um papel. Servimos de orientadores, porque a juventude militar, a jovem oficialidade de certas Forças Armadas da América Central tem confiança na Guarda do Panamá. E os grupos de esquerda também. Por essa capacidade de diálogo que demonstraram, estamos a tentar conseguir inverter a ordem das coisas: em vez de lutarem à bala, que conversem; que a esquerda entenda que as Forças Armadas entendam que a esquerda também existe.

Que os militares entendam que não há poder de fogo que possa silenciar uma revolução. Que a esquerda entenda que apesar de a revolução poder ser feita sem as Forças Armadas, o custo social que ela, a esquerda, tem

que pagar é muito alto: quando se chega à vitória, a única coisa que se garante é um *black-out* da liderança, porque os grandes dirigentes foram mortos. É o caso da Nicarágua. Hoje não são apenas 40 ou 50 rapazes que estão à frente do processo. E o maior problema que enfrentam agora é a escassez de quadros.

**«Retiremos todos as mãos»**

*Estávamos no México quando se deu a vitória na Nicarágua. Houve alguns momentos, nos meses anteriores à tomada do poder, em que parecia iminente que o Pentágono e os amigos de Somoza poderiam provocar uma intervenção. E que essa intervenção poderia também es-*

tender-se ao Panamá. Existiu realmente esse perigo?

— Sim, houve esse perigo. O Comando Sul foi reforçado. Os vôos intensificaram-se. O Panamá teve fortes e prolongadas discussões com o Departamento de Estado. Carlos Andrés Pérez, Carazo e o Panamá, conseguiram que eles compreendessem que o processo era irreversível. O próprio Carter chamou-me por telefone, dizendo-me que retirara as mãos da América Central.

E que lhe respondeu?

— Que as retirássemos todos.

Assim, com essas mesmas palavras?

— Assim mesmo. Carter não é prepotente. Depois, conversámos muito. Chamou-me uma vez às cinco da manhã. Carlos Andrés Pérez e eu tínhamos planejado uma operação. E, por causa dessa conversa, Carter ficou incluído no plano.

Carter, Carlos Andrés Pérez e você?

— Sim, sim. E quando alguém faz um plano com a Casa Branca, a coisa tem que sair bem. Os aviões já não precisam voar a 100 metros de altura. Não têm que voar rasante, os radares guiam-os. Isso é uma mudança.

A revolução na Nicarágua teria sido feita com ou sem

Carter. Mas acho que o número de mortos teria sido muito mais significativo sem Carter.

Houve momentos difíceis. Carazo chamava-me e dizia:

«Omar, a luta está perdida». Era impressionante o número de mortos que voltava da frente sul. Era impressionante a criminalidade da *Guardia* de Somoza. Mas igualmente impressionante, era a valentia dessa geração sandinista, sem armas, mal equipada, mal treinada.

Nós sabíamos que quando se desafia um ditador de 45 anos de poder e com tantos milhões de dólares, tem que ser para lhe ganhar. Se perdessemos, as consequências poderiam ser fatais para a Costa Rica e para o Panamá.

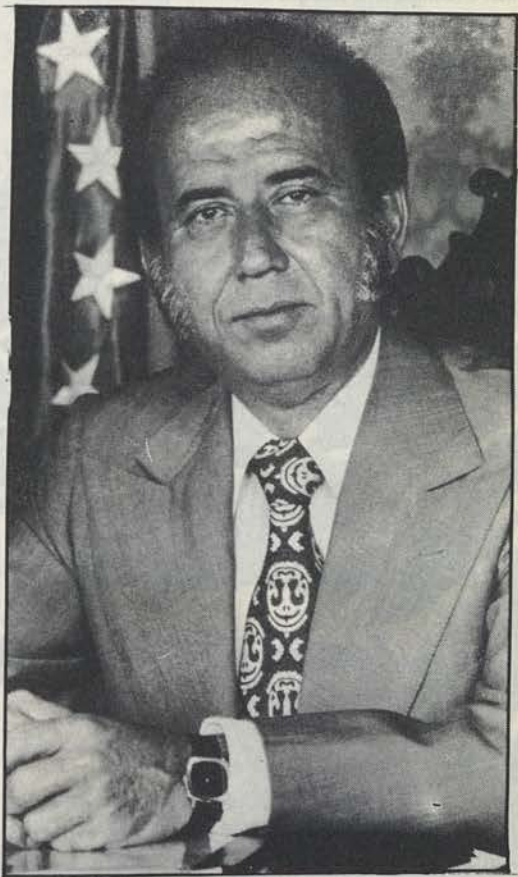
Foi só quando Carlos Andrés Pérez colocou elementos da Força Aérea venezuelana na Costa Rica e no Panamá que nós nos sentimos mais tranquilos.

## Uma reunião histórica

*O Panamá também teve um papel activo no processo de unificação interna das correntes sandinistas.*

— Na casa de campo da Guarda, em Río Hato, uma antiga base militar, poucos meses antes do triunfo na Nicarágua, reunimo-nos com todos os grupos sandinistas, para unificar os critérios. Terminámos com uma ceia. Havia catorze comandantes. Dos catorze, mataram quatro. Cada vez que um desses rapazes morria, a minha alma despedaçava-se.

Uma vez contei essa história a Gabriel García Marquez. Sentados, os dois à mesma mesa, eu dizia-lhe: «Aqui estava sentado Dalton, aqui estava Fulano, aqui estava Sicrano...» E ele respondeu-me: «Então, não a usemos



Carazo (à esquerda) e Andrés Pérez: ao lado de Torrijos conseguiram fazer com que os EUA compreendessem que o processo na Nicarágua era irreversível

mais». Ele é meio supersticioso e o facto de estar sentado onde antes se tinham reunido os sandinistas, alguns deles assassinados...

*... essa mesa é histórica. Por que não a manda para um museu?*

— Vou mandá-la para os sandinistas.

*Quem estava na reunião?*

— Estavam Tomás Borge, Edén Pastora, Dalton, os irmãos Ortega, Germán Pomares, Wheelock, Dora Mría, a comandante «Dois»; estava, também o chefe da resistência em Manágua, que morreu em León.

#### «Estamos arriscando a vida»

*Fora a cooperação do Panamá, que outra foi decisiva?*

— A de Carlos Andrés Pérez. Eu comunicava-me muito com ele. «Omar, vem para Orchila», disse-me uma manhã. Orchila é uma ilha que só tem um aeroporto. Carlos Andrés colocou-a na geografia da dignidade, porque ali Pérez Jimenez costumava chegar com o seu gabinete e enchê-la de mulheres. Depois, dizia: «Aquele que agarrar uma *muchacha*, fica com ela».

Eu cheguei às 10 da manhã e ali mesmo traçamos o plano de ajuda à Nicarágua. Disse-lhe: «Espero que estas consciências de que quando alguém entra num plano como este, não há regresso. Estamos desafiando a dinastia mais forte, melhor equipada monetariamente e mais criminosa da América. Indirectamente, estamos arriscando a vida». Ele respondeu-me: «Estou consciente». E entrámos. Esse plano foi concebido poucos meses antes da vitória.

*E verdade que alguém muito próximo de si participou na luta na Nicarágua?*

— Tenho um filho, Martín, que tem as suas actividades próprias, políticas e sociais. Ele participava nas tarefas de abastecimento a partir do Panamá. Tinha 15 anos, nessa época. A sua mãe, um dia perguntou-me: «Onde está Martín?» Respondi-lhe que não sabia. Faltavam três semanas para a vitória, Martín estava na frente sul, com Edén Pastora, o comandante «Zero».

*Como vê a posição do México em relação à América Central?*

— López Portillo tem uma política mais aberta em



Torrijos apoiou a revolução nicaraguense em toda a sua trajectória: «ela é um exemplo, e os exemplos são limitados»





**“A força  
dos povos  
não pode  
ser contida”**



relação à América Central. Porque na América Central gostamos mais do México do que o México pensa. Há uma presença cultural mexicana positiva nessa área.

O México está à espera que esses povos adquiram a sua estrutura própria, para apoiá-los economicamente. Já a Costa Rica, a Nicarágua e o Panamá, além de outros países, beneficiamos de um generoso plano de empréstimos mais suaves para pesquisas e localização de substitutos do petróleo e para a construção de centrais hidroeléctricas. Um plano no qual a Venezuela também participa.

É muito positiva a presença mexicana nesse campo. E seria imprudente que o México assumisse responsabilidades em outros assuntos, por causa de sua posição geopolítica.

## Um processo irreversível

*Como vê o futuro da América Central na década de oitenta?*

— O processo de mudanças é irreversível, embora possa haver alguns retrocessos transitórios. A América Central muda todos os dias. E não há força capaz de deter

esse processo. A força dos povos não pode ser contida. Temos que trabalhar para que os povos actuem com equilíbrio e amadurecimento no dia em que tomarem o poder. Que haja diálogo.

*Estará a ficar em evidência, no caso centro-americano, que a política do «dominó» é certa?*

— A política do «dominó» é um princípio operativo normal. Mas, que foi que fizeram os norte-americanos, inteligentemente? Puseram-se atrás do dominó, para que ele não os agarre. Para ficarem fora do tabuleiro. Mas estão dispostos a conviver com um certo reordenamento político.

## A tecnologia brasileira

*O que mais o impressionou ou interessou nesta viagem ao Brasil?*

— Pude convencer-me que essa campanha de acusarem o Brasil de ser um país imperialista é gerada pelos inimigos tecnológicos que vêem neste país um rival. Vêem que o Brasil avançou muito no campo tecnológico e que o seu mercado natural são os países latino-americanos. Não é improvável que quando chegar a hora da



«A teoria do expansionismo brasileiro também é falsa»

construção de um outro canal no Panamá, o Brasil possa competir com vantagens.

Convenci-me, de qualquer maneira, que a teoria do expansionismo brasileiro também é falsa. O Brasil é um país de dimensões hemisféricas e o brasileiro que aspira expandir-se, o mais que ele pode fazer é conhecer uma

parcela de seu próprio solo. E outra coisa: o Brasil faz o bem e não faz propaganda disso. Nós, por exemplo, há muitos anos, temos bolsheiros nas universidades brasileiras e isso criou um fluxo de tecnologia, com as pessoas que regressam ao Panamá, sendo um importante factor no nosso desenvolvimento. Contava-me um dos directores da fábrica de aviões *Bandeirante* que quando uma unidade da Força Aérea do Panamá lhe fez uma visita, só duas pessoas não falaram em português, o que significa que todos eles tinham sido formados aqui.

### O processo de descolonização africano

*Passando agora a outro continente, como vê o processo de descolonização na África?*

— Na VI Reunião de Cimeira de Havana, estive a conversar com dirigentes desses países, particularmente com Samora Machel. Fiquei surpreendido com a capacidade natural de liderança que tem esse homem. E com os conhecimentos que tem da economia do seu país, polegada por polegada. Samora Machel tem toda a graça e a sabedoria de seu povo concentrada nele. É, sem dúvida, uma grande esperança para o continente africano.

Acho que as duas partes, africana e latino-americana, têm muito a ganhar com essa relação que deve ser estabelecida. Nós temos que nos conhecer mutuamente. Penso, no futuro, fazer uma viagem pela África.

Antes da descolonização africana, particularmente antes da independência de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, as forças do *status-quo* consideravam-se invencíveis. Mas depois da guerra do Vietname e do processo libertador africano, o próprio Pentágono começou a escrever nos seus documentos que a via militar não era uma resposta e que se deveria procurar saídas políticas. □

Os números atrasados dos «cadernos» vendem-se em Lisboa na

Livraria Libris,  
Lgo Trindade Coelho, n.º 4

e ainda em todas as livrarias da CDL.

**Distribuindo jornais, revistas e livros, bem como material didático e escolar, a EDIL contribui para a formação cultural do povo de Angola. A EDIL é a distribuidora exclusiva dos «Cadernos do Terceiro Mundo» para todo o território angolano.**

Empresa Distribuidora Livreira  
Caixa Postal 1245  
Luanda — República Popular de Angola



## JAMAICA

# Depois das eleições, a caça às bruxas



O retorno ao FMI  
e uma severa campanha anticomunista  
é a estreia  
do Partido Trabalhista da Jamaica  
no poder

O novo primeiro-ministro Edward Seaga

«**N**O momento em que fizer o meu juramento como primeiro-ministro, a minha intenção é de pedir ao embaixador cubano que abandone a Jamaica porque ele é *persona non grata*».

Era a primeira declaração do primeiro-ministro eleito Edward Seaga na mesma noite de 30 de Outubro, quando começava a ficar claro que o Partido Trabalhista da Jamaica (JLP-Jamaica Labour Party) organizaria o

novo governo do país, pondo fim a oito anos de administração do Partido Nacional Popular (PNP) de Michael Manley.

Quatro dias depois, quando a vitória do Partido Trabalhista já estava confirmada e o novo primeiro-ministro já havia assumido, o embaixador Ulysses Estrada tinha regressado a Cuba, chamado pelo seu governo a pedido das novas autoridades da Jamaica.

Há mais ou menos um ano atrás, Estrada ganhara a inimizade do Partido Trabalhista, então na oposição, quando se negara a pedir desculpas pelas críticas cubanas a esse partido e ao seu jornal, o *The Gleaner*. Tinha então sido acusado de interferir nos assuntos internos do país e foi nesse facto que o novo governo se apoiou para solicitar a sua saída.

Mas a primeira medida do novo primeiro-ministro não foi a única que

deu origem ao temor de que uma «caça às bruxas» anticomunista pudesse estar em marcha (e esse temor foi-se intensificando com a eleição de Ronald Reagan nos Estados Unidos da América). Uma bomba foi colocada num local próximo da embaixada cubana, trabalhadores cubanos foram espancados e alguns simpatizantes do partido vencedor apedrejaram uma escola doada por Cuba à Jamaica (20).

A linha adoptada pelo Partido Trabalhista procurava mostrar que votar nele significava votar contra o comunismo. Essa era a linha seguida pelo *The Gleaner* e pelos seus colonistas. Alguns simpatizantes do Partido Nacional Popular, descontentes com o apoio que o Partido dos Trabalhadores da Jamaica (Workers Party of Jamaica-WPJ, comunista) deu a Manley por ocasião da campanha eleitoral, deram credibilidade a essa versão.

O primeiro-ministro Seaga foi ainda mais longe, advertindo a oposição de que «para ser eficiente na tarefa opositora», ele tinha que reagir contra «a onda de comunismo lunático». Falava partindo da suposição de que contaria com absolutos poderes constitucionais. Mas, em que medida Seaga poderá agir utilizando esses poderes para minimizar a importância objectiva da esquerda jamaicana? Isso, no entanto, ainda está por definir.

#### **Maioria parlamentar**

Dos 60 lugares do parlamento, o Partido Trabalhista ganhou 51 e o Partido Nacional Popular, 8. O outro lugar ainda está sem titular pois, em Saint Andrew, um triunfo que primeiro foi anunciado como do candidato do PNP, na contagem final, foi atribuído ao Partido Trabalhista de forma suspeita.

Porém, apesar da alta margem de representação parlamentar em favor do partido de Seaga, os votos para o trabalhismo representaram, na reali-

dade, 58,4%, enquanto o partido de Michael Manley obteve 41,4%. Em números: 469.447 votos para o JLP e 333.160 para o PNP.

Caso o Partido Trabalhista tente impor medidas antipopulares — e tudo parece indicar que assim será, particularmente com a guinada anticomunista que já se prevê — ele terá que enfrentar manifestações importantes da base do Partido Nacional Popular que é contrária a essa política. O JLP explorou um certo sentimento anticomunista, certas «aprensões com o comunismo», para induzir o voto, a seu favor, dos sectores do PNP que estariam próximos da sua linha política.

#### **As definições internas do PNP**

A partir do facto do Partido do ex-primeiro-ministro Manley ter obtido 41,4% dos votos, as possibilidades de êxito da campanha anticomunista do JLP dependem, em grande medida, do tipo de avaliação a ser feita pelo PNP das causas da sua derrota eleitoral. Se a interpretação da derrota é de que ela se deve à identificação do PNP com o comunismo, então a campanha poderá ter sucesso. Se a avaliação for essa, o papel de vanguarda que estavam a ter o secretário-geral do PNP, D. K. Duncan, e o antigo ministro das Finanças, Hugh Small, será reduzido e o partido colocar-se-á sob a influência do centro-direita.

Actualmente, Duncan está a sofrer pressões do novo governo, tendo sido acusado de porte ilegal de armas de fogo há poucas semanas. Uma fiança de dez dólares permitiu-lhe sair em liberdade condicional.

O desfecho lógico de uma situação desse tipo seria que os temores anticomunistas levassem o partido a escolher elementos centristas para dirigi-lo nesta etapa, modificando os padrões nos quais, antes, baseava a sua acção.

Por outro lado, o Partido dos Trabalhadores da Jamaica (de linha co-

munista) vê essas mudanças internas do PNP como perigosas e como sinal de que a campanha anticomunista de Seaga levará o partido derrotado a rever as suas posições. Um PNP mudado e debilitado seria a garantia da sua continuidade no cenário político.

O Partido dos Trabalhadores, no seu jornal *Luta (Struggle)* assinala que a derrota do PNP foi consequência, principalmente, das duras condições impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) nos anos de 1977 e 1979 e do fracasso do governo de Manley no sentido de não ter adoptado medidas firmes para conter a violência no período pré-eleitoral.

Terroristas políticos com armas sofisticadas de fabricação norte-americana mataram 600 pessoas desde o começo deste ano: 54 delas no mês de Setembro e 74 no mês de Outubro (3).

Os comunistas afirmam que um PNP reformulado, nos termos acima descritos, debilitará a capacidade da esquerda como um todo, para enfrentar as medidas antipopulares de Seaga.

A julgar pelo manifesto do JLP e pelas declarações dos seus dirigentes depois das eleições, um movimento antipopular deverá surgir a partir das medidas económicas a serem adoptadas pelo novo governo. O modelo porto-riquenho para investimentos estrangeiros como impulso ao desenvolvimento está sendo favorecido e já existem conversações entre os banqueiros no sentido de voltar ao apoio do Fundo Monetário Internacional, cujas severas condições tinham sido recusadas pelo governo de Michael Manley.

#### **Mudanças em todos os níveis**

No entanto, para ampliar as suas bases, o primeiro-ministro Seaga já começou a mostrar à oposição os limites da sua acção política. A divisão dos serviços de protecção, que dava

## FMI, o pivot da crise

Michael Manley nacionalizou a bauxite e outros sectores vitais da economia da Jamaica. Em 1972, iniciou a reforma agrária. Promoveu uma intensa campanha de alfabetização, introduziu o salário mínimo, reformou a legislação laboral em favor dos trabalhadores e a legislação civil, beneficiando as mulheres.

A economia do país fortaleceu-se enormemente com os impostos sobre a bauxite. As receitas do país em consequência das vendas do mineral passaram de 25 para 200 milhões de dólares ao ano.

Em 1977, porém, a campanha de desestabilização estava no auge, com efeitos devastadores na economia. Importantes firmas fechavam as portas, reduzindo-se a produção. Assim, o ex-primeiro-ministro decidiu recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) à procura de assistência, enfrentando a oposição da esquerda, dentro e fora do seu partido. Assinou um acordo *Stand-by* por dois anos, em Julho de 1977, sendo suspenso pelo próprio Manley em Dezembro do mesmo ano, e substituído por uma extensão das facilidades do Fundo por três anos, em Maio de 1978. Mas em 1979 também fracassou. O relacionamento com o FMI não teve outra consequência senão o agravamento da crise.



segurança aos parlamentares por meio de um corpo de guardas, foi virtualmente desmantelada, com 60 dos seus 70 membros já transferidos para vários pontos da ilha. Dois dos guarda-costas de D. K. Duncan foram acusados de porte ilegal de armas, enquanto o terceiro — que foi baleado recentemente por soldados — está detido. Os passaportes dos três foram apreendidos, assim como o do próprio Duncan. A medida lembra as linhas de acção do governo trabalhista dos anos 60, quando os passaportes de vários cidadãos foram retidos por «ofensas», tais como, por exemplo, viajar para Cuba.

Esta «limpeza» tem sido estendida

a outras corporações e serviços. E Seaga demitiu todos os membros nessas áreas. Alguns funcionários públicos também foram informados de que «o governo não poderá continuar a trabalhar com eles». Mais ainda: Seaga, que também é o ministro responsável pela Informação, além de ministro das Finanças e de Minas, está a coligir informações a respeito do jornal *Daily News* e rádio *Jamaica Broadcasting Corporation*, ambas empresas do governo. Quando estava na oposição, Seaga era um crítico severo desses dois órgãos de informação.

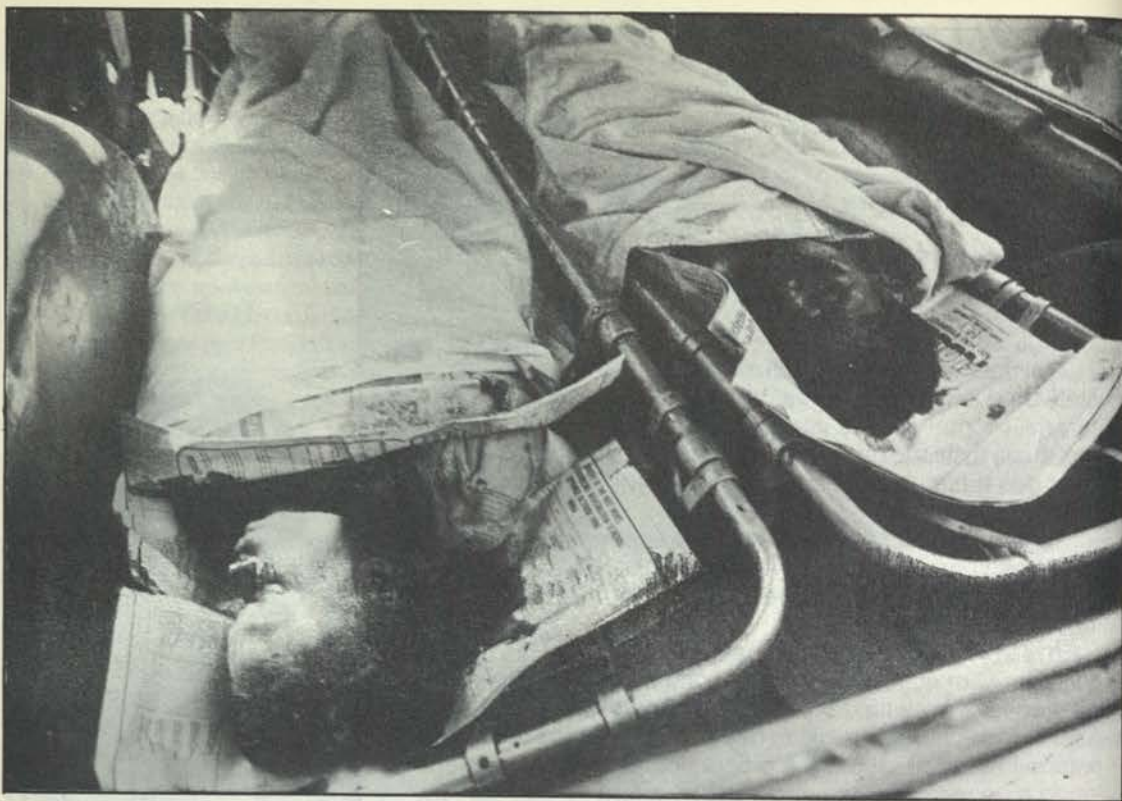
Também foi demitido todo o pessoal de limpeza e manutenção da *Jamaica House*, a resistência oficial do primeiro-ministro jamaicano.

Desde a eleição, a violência tem diminuído e foi lançada uma campanha de limpeza para tirar as barricadas das ruas que tinham sido alvo de ataques terroristas.

### Uma grande fraude?

Mas há uma pergunta na cabeça das pessoas, mesmo na dos colonistas do *The Gleaner* e que diz respeito à ampla margem de vitória do JLP.

«Fraude maciça», «ofensa à democracia», eis algumas das expressões utilizadas pela esquerda para descrever a arrasadora vitória do Partido



A violência pré-eleitoral fez 600 vítimas desde o começo do ano

Trabalhista da Jamaica. Até o colunista de direita Wilmot Perins, do *The Gleaner*, afirma ter «profundas suspeitas» da parte de alguns sectores do próprio partido a respeito da sua tão esmagadora vitória.

O ex-primeiro-ministro Michael Manley, pessoalmente, pôs em questão o papel das forças de segurança pela forma como conduziram a

contagem dos votos (4). A dramática e inexplicável guinada na votação, em sectores ou regiões fiéis ao PNP — e que se dizem fiéis mesmo depois da votação — continua sem esclarecimento.

Um resultado já foi levado a Tribunal e outros mais o serão brevemente. Assim, a maioria do JLP poderá vir a

ser reduzida, mas parece pouco provável que os protestos legais possam reverter uma vitória que já foi abertamente proclamada.

Da mesma forma, parece pouco provável que o papel desempenhado pela Jamaica no cenário internacional nestes últimos anos possa continuar sob o governo conservador do Partido Trabalhista de Seaga.

(1) O novo primeiro-ministro Seaga nasceu a 28 de Maio de 1930, em Boston, Massachusetts, EUA. Filho de pais jamaicanos, Seaga estudou em Harvard e ingressou em 1959 na vida política antes da Jamaica se tornar independente. Foi membro do Parlamento, ministro do Desenvolvimento e do Bem-estar Social (1962 e 1967), ministro das Finanças (1967-1972) e líder a oposição desde que substituiu Hugh Shearer, o primeiro-ministro anterior a Michael Manley.

(2) Durante a administração do primeiro-ministro Michael Manley, Cuba dera à Jamaica uma importante assistência técnica, além de colaboradores-educadores, médicos e engenheiros, entre outros — que trabalharam em diferentes áreas do país em projectos de desenvolvimento económico e social.

(3) A polícia jamaicana capturou um carregamento de espingardas automáticas e 12 mil caixas de munições que haviam sido enviadas por comerciantes de Miami. Calcula-se que te-

riam penetrado clandestinamente na ilha cerca de 6 mil armas. A Jamaica não possui qualquer sistema de radar.

(4) O PNP declarou, em conferência de imprensa, que houve casos em que durante o escrutínio chegaram da mesma mesa eleitoral mais do que uma urna. Denunciou também que o partido não teve direito de intervir na supervisão dos apuramentos e que não pôde acompanhar as urnas dos lugares de votação às mesas onde os votos iriam ser contabilizados.

## EUA isolam Granada



Maurice Bishop

□ Animados com a derrota de Michael Manley nas últimas eleições da Jamaica, em 30 de Outubro, os Estados Unidos estão agora a intensificar os seus esforços para isolar o regime de Granada.

Do Caribe de língua inglesa, Granada é a única ilha que mantém uma política de orientação socialista. A 13 de Março de 1979, a ditadura do Eric Gairy foi derrubada, sendo dissolvida a sua polícia e criado o Exército Revolucionário do Povo. O Governo Revolucionário Provisório é presidido por Maurice Bishop, que ocupa o cargo de primeiro-ministro. Um importante plano de reformas foi iniciado deste então.

Tom Adams, primeiro-ministro da ilha de Barbados,

comentando as implicações da nova administração de Washington no Caribe (ele é um dos maiores aliados dos Estados Unidos nessa área), sugeriu que se promovam eleições em Granada para «legitimar» o governo de Bishop. Adams acusou ainda o país vizinho de realizar uma «política esquerdizante».

Bishop, por seu turno, disse que Adams necessita «ser posto no seu lugar» e acusou-o de estar a actuar sob as instruções da embaixada dos Estados Unidos em Bridgetown e do Departamento de Estado norte-americano.

O primeiro-ministro de Granada afirmou, que o seu país se lembrará sempre da solidariedade demonstrada pelas nações irmãs de San Vicente, Santa Lúcia e Dominica, ao

condenar publicamente a recusa da Agência para o Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos (AID) de dar assistência à ilha, que sofreu graves danos na sua agricultura causados pelo furacão Allen.

Bishop mencionou também outros exemplos que demonstram a má vontade do governo dos EUA em manter relações normais com Granada: as autoridades norte-americanas negaram-se a dar segurança ao vice-primeiro-ministro das Finanças, Bernard Coard, durante a reunião do FMI - Banco Mundial, enquanto o ex-ditador Eric B. Gairy (acusado de assassinato e outras actividades criminosas em Granada), semanas antes, era protegida por doze veículos de segurança.

## BELIZE

# O direito à independência

*Autodeterminação e integridade territorial  
— a ONU defende e exige liberdade  
para a colônia britânica  
da América Central*

J. Kappa

**R**EPRESENTANTES de 37 países nas Nações Unidas, entre eles Cuba, Jugoslávia, Suécia, Índia e outros membros do grupo dos Países Não-Alinhados, defenderam na Assembleia Geral da ONU o direito de Belize a tornar-se uma nação soberana e independente antes do fim dessa Assembleia Geral, em 1981. A resolução continha também uma manifestação de pesar diante do anúncio de que a Grã-Bretanha, Irlanda do Norte e Guatemala não chegaram a um acordo sobre a independência desse país centro-americano, mas adverte: «esse impasse não tira, de modo algum, o direito inalienável do povo de Belize à autodeterminação, à independência e à integridade territorial».

A proposta dos 37 países exige que o Reino Unido — a potência colonizadora — convoque uma conferência constitucional para preparar a independência e pede que as partes interessadas se abstenham de pressões que venham prejudicar as negociações, seja por meio de ameaças ou do uso da força. No entanto, a resolução sugere que a potência administradora continue a garantir a segurança e a

integridade territorial de Belize. A votação da Assembleia Geral da ONU foi totalmente favorável à proposta.

### A ocupação do país

O território que Belize ocupa atualmente foi um centro florescente da civilização Maia. Mas as cidades foram quase abandonadas devido a um despovoamento, ocasionado provavelmente pelas doenças introduzidas pelos europeus.

A Espanha, que se fixou em toda a América Central, era nominalmente a potência colonial da região. Mas nunca penetrou em Belize, onde encontrou uma dura resistência dos grupos nativos. Em meados do século XVII, cortadores de madeira-corante britânicos estabeleceram-se nas áreas costeiras despovoadas e começaram a importar escravos africanos afim de se abastecerem de mão-de-obra necessária para a exploração da madeira. Os escravos superaram rapidamente os brancos em número e, em 1784, apenas dez por cento da população era de origem europeia, proporção que vem diminuindo até hoje.

Do México, a Espanha fez muitas







**Belize foi um grande centro da civilização Maia. Explorada pelos britânicos durante longos anos, só em 1950 se cristalizaram as aspirações do seu povo à independência, com a fundação do Partido Unido do Povo (PUP), liderado por George Price**

tentativas para desalojar militarmente os britânicos, frequentemente envolvidos em ações de pirataria. A última delas, em 1789, foi completamente rechaçada. Madrid reconheceu então a Londres o direito de colonizar Belize.

Muito antes da independência da América Central, a fronteira meridional das então chamadas «Honduras Britânicas» era o rio Sarstoon. Em 1859 esses limites são estabelecidos por tratado assinado entre a Grã-Bretanha e a Guatemala, já independente. O último artigo deste documento estabelecia que, para aumentar o comércio entre ambos os países, o governo de Londres construiria um meio de comunicação, fluvial ou terrestre, entre a capital guatemalteca e a costa atlântica.

A estrada nunca foi construída e, oitenta anos depois da assinatura do tratado, em 1940, a Guatemala argumentou que o não cumprimento do artigo invalidava o pacto. A partir daí, ela passou a reclamar a soberania sobre o território belizense. A reivindicação guatemalteca foi, inclusive, incorporada à Constituição do país. Essa foi uma das «bandeiras patrióticas» dos governos ditatoriais guatemaltecos para distrair as atenções de outros problemas mais sérios.

Entretanto, em Belize, a miscigenação da população, de origem negra, maia, hindu e até sírio-libanesa foi forjando um povo com características próprias, nem guatemalteco, nem mexicano, nem — muito menos — britânico.

### **O caminho para a independência**

As aspirações pela independência cristalizaram-se em 1950 com a fundação do Partido Unido do Povo



A população é de origem negra, maia, hindu e até sírio-libanesa

(PUP), liderado por George Price. Inicialmente organizado como «Comité Popular» para protestar contra as arbitrariedades da administração colonial, o PUP impôs-se esmagadoramente na primeira eleição em que participou, em Abril de 1954. Desde então tem triunfado em todas as eleições. Quando, em 1964, o país conquistou a sua autonomia interna, George Prince tornou-se primeiro-ministro.

A ameaça guatemalteca de invadir o território, assim que se retirem as tropas britânicas, tem sido o obstáculo que impede a independência de Belize, pois os ingleses estão dispostos a aceitá-la. Criou-se assim uma situação paradoxal, na qual as tropas coloniais são, agora, as encarregadas de manter a integridade territorial do país que tanto lutou para expulsá-las. Apesar de Belize estar a preparar o seu próprio exército, a débil econo-

mia do país não dá divisas suficientes para que eles possam enfrentar a Guatemala, que mantém um exército armado e assessorado pelos Estados Unidos e Israel.

Apesar da abundância de terras cultiváveis, menos de 10% são efectivamente trabalhadas. Além disso, estas terras são propriedade de três companhias estrangeiras: a *Tate & Lyle*, a *Salada Foods Inc.*, conhecida como *British Honduras Fruit Co.*, e a *Citrus Company of British Honduras*. A primeira, de capital britânico, controla a produção e processamento da cana-de-açúcar. As duas últimas, canadiana e jamaicana, respectivamente, concentram nas suas mãos a produção de laranjas e *grape-fruit*, cujo suco congelado é exportado para os mercados dos Estados Unidos e Canadá. A produção de víveres é praticamente inexistente, o que faz com que o país importe a maior parte dos produtos de primeira necessidade.

O governo de Prince, ao carecer de autonomia total, não pode incrementar plenamente o seu programa de desenvolvimento e progresso social. Esse facto tem encorajado o aparecimento de um partido de oposição de direita, o *Democratic United Party*, de Dean Lindon, que demagógicamente explora essas dificuldades.

Nos últimos anos, as autoridades locais propuseram uma política de desenvolvimento, baseada na industrialização, pois consideram que o país só poderá sair do atraso dessa forma. Actualmente o sector industrial limita-se praticamente às actividades vinculadas ao processamento de produtos de exportação e a pequenas indústrias artesanais.

Os ideólogos do *Planning Unit* defendem abertamente a instalação de transformadoras ou as chamadas *off-shore industries*. Para isso foram sugeridos uma série de incentivos para o investidor: isenção de impostos por um período de dez anos para as novas indústrias que se estabelecerem no país, isenção de impostos sobre dividendos e lucros, isenção aduaneira sobre a maquinaria e matéria prima utilizadas por essas indústrias, além da garantia de conversão monetária, assim como a absoluta liberdade de expatriar capitais e lucros sem restrição alguma. O programa completa-se através da oferta de mão-de-obra barata e abundante.

Belize corre, assim, o grande risco de hipotecar o seu futuro antes de conquistar a sua independência. Se até ao momento grandes capitais não penetraram no país, isso deve-se fundamentalmente à presença britânica, que mantém Belize como um território praticamente virgem. No entanto, se levarmos em conta as notícias que confirmam a existência de jazidas de petróleo no seu subsolo e plataforma continental, a ameaça às riquezas do país torna-se maior. □



## Descoberta de petróleo

Foi comprovada recentemente a existência de petróleo em Belize. Três empresas realizam prospeções no território, entre as quais a empresa estatal mexicana *Pemex* (Petróleos Mexicanos). Segundo especialistas mexicanos, as jazidas encontradas em Belize seriam maiores que as da rica região de Chiapas, no México. As explorações continuam, tanto por parte da empresa mexicana como pela *Pan America Oil Gas* e pela *Echo Exploration*, desde a foz do rio Sarstoon até *Cye Ambergis*, no Caribe e na plataforma continental, assim como no norte do país, no distrito de Corozal.

A confirmação das jazidas fez com que vários créditos fossem oferecidos ao governo, tanto por parte do Banco Mundial como por parte da Comunidade Económica Europeia. Esta nova situação revitalizou a economia, que alcançou o rendimento *per capita* de 500 dólares anuais e um PIB de 130 milhões de dólares. □

Ainda está a tempo de adquirir os números anteriores do I VOLUME de "Africa"...



Se os não encontrar na sua livraria peça-os directamente a **ÁFRICA EDITORA**  
Av. Principal, Mirafleres,  
Lote 117. Loja 6 - ALGÉS  
1495 Lisboa

## GUINÉ-BISSAU



# E agora?

*As principais razões  
que teriam motivado o Comandante  
de brigada Nino Vieira  
a encabeçar o golpe  
que derrubou o presidente Luís Cabral.  
O perigo de um diálogo interrompido  
entre militantes do mesmo partido  
— o PAIGC —  
separados (apenas)  
por escassas milhas de Atlântico.*

**Baptista da Silva**

A pouco mais de um mês dos acontecimentos que levaram ao derrube do ex-presidente Luís Cabral e que fizeram emergir como principal figura política o comandante de brigada João Bernardo Vieira (Nino) — que exercia até então o cargo de Comissário Principal (primeiro-ministro) —, uma pergunta continua a pôr-se: para onde vai a Guiné-Bissau?

A tal pergunta, só o tempo dará resposta. Importante nos parece desde já avançarmos alguns dados que permitam ao leitor melhor compreender a difícil e complexa realidade guineense, de que o golpe de 14 de Novembro último não foi mais do que expressão.

### Um diálogo bloqueado

Quando três dias após o golpe de Bissau, o presidente cabo verdiano Aristides Pereira, na sua qualidade de Secretário-Geral do PAIGC, força dirigente nos dois países, afirma que a acção dos revoltosos fora um «duro golpe» e que «os golpes de Estado nunca foram método do PAIGC», acusando Nino Vieira de indisciplina partidária, é evidente que se encontra com a razão. Mas, mais importante e revelador será indagar das razões que levaram João Bernardo Vieira, a enveredar pelo golpe, socorrendo-se para isso da força das armas. O mesmo Nino que desde muito jovem se fez e se educou dentro do PAIGC e que acabou por tornar-se, ao longo de doze anos de luta armada, num dos mais prestigiados, senão o mais prestigiado dos chefes militares guineenses.

O próprio Nino, alguns dias após o golpe vitorioso, afirmaria a alguns correspondentes da imprensa estrangeira, entretanto chegados a Bissau, que «o recurso às armas não foi porém a via mais fácil» e que o 14 de Novembro só se explicaria por terem sido «bloqueadas todas as possibilidades de discussão e diálogo».

Que, depois do golpe, os seus autores o venham reivindicar apenas

como um «reajustamento» e garantam perante a opinião pública internacional o seu apego aos princípios do PAIGC e às resoluções do último congresso do partido (o III), confere aparentemente credibilidade à sua explicação para o recurso à força: o bloqueamento no diálogo com o presidente Luís Cabral, por isso afastado.

Mas para quem, de algum modo, contactou de perto com o ex-presidente Luís Cabral, ou mesmo se dele apenas aguardava a imagem transmitida pelos grandes meios de comunicação de massas, dificilmente poderá caracterizá-lo como um personagem despótico. Pelo contrário.

Fácil porém será reconhecer que ao longo destes seis anos de independência, Luís Cabral — deliberadamente ou não — foi concentrando em suas mãos muita da esfera do poder. Observadores há que explicam essa concentração de poderes em grande parte pela sua própria figura de estadista prestigiado e, por outro lado, pela relativa impreparação de outros quadros. Quase unânime é a opinião que atribui ao ex-presidente Luís Cabral uma firmeza de princípios apenas verbal, sem tradução na prática, e a cobertura que dava a responsáveis de importantes sectores da actividade económica que no interior do partido eram duramente criticados.

### O PAIGC e o aparelho de Estado

Aceitemos ou não estas explicações, o decorrer destes seis anos desde a independência da Guiné-Bissau levam a concluir que neste país, o PAIGC, apesar de manter intacto o prestígio adquirido na longa guerra de libertação, se foi progressivamente «esvaziando» no interior de um pesado aparelho de Estado, em grande parte herdado do regime colonial.

Ao longo deste tempo, as organizações de massas — trabalhadores, mulheres, juventude — foram igualmente perdendo o extraordinário vigor demonstrado nos eufóricos tem-



Aristides Pereira: «os golpes de Estado nunca foram método do PAIGC»

pos da chegada a Bissau dos dirigentes máximos da luta.

Esse visível «esvaziamento» do ramo da Guiné do PAIGC na máquina do Estado e a aparente desmobilização das organizações de massas poderão ser explicadas, em certa medida, pelo excesso de centralismo «administrativo» imputado ao principal responsável da organização do partido até aos acontecimentos de Novembro — José Araújo —, que se imporia mais como «controleiro» do aparelho do que pela sua acção ideológica.

### Quando não há arroz...

Mas, em última análise, será na deteriorada situação económica por que passa a Guiné-Bissau onde terão de ser procuradas as causas determinantes que estiveram na origem do desencadear do golpe. Crise não apenas conjuntural (ela assenta em distorções de estrutura de fundo) e extraordinariamente agravada, desde Julho passado.

Desde a independência que os responsáveis de Bissau nunca haviam sido capazes de resolver o prioritário problema que se lhes punha: atingir a autosuficiência alimentar do país, para a qual é, e continuará a ser, determinante o cereal base da dieta das populações — o arroz.

O próprio golpe dá-se numa altura do ano — o termo da época das chu-

vas — em que as carências alimentares são mais sentidas pelas populações, com a falta de legumes e o esgotamento dos **stoks** de arroz, uma vez que a nova safra só se inicia com o começo da estação seca.

O **déficit** anual de 50 mil toneladas de arroz, via-se entretanto agravado nas previsões para o próximo período económico em mais 20 mil toneladas. E as contribuições concedidas por países e instituições estrangeiras nesta matéria apenas colmatavam, e de forma irregular, as situações de ruptura. Mas não resolviam a questão de fundo.

Verdade se diga que a insuficiente produção de arroz nacional se deve numa grande parte à terrível seca que, desde há alguns anos, atinge a zona do sahel e que progressivamente tem vindo a fazer sentir os seus nefastos

efeitos sobre territórios com latitude mais a sul, afectando desse modo também toda a Guiné-Bissau. Mas há que reconhecê-lo: até agora nunca foram empreendidas medidas de fôlego no campo da agricultura e da hidráulica tendentes a solucionar essa dupla calamidade — os efeitos da seca e a consequente carência alimentar das populações.

Imediatamente após a independência, o ex-presidente Luís Cabral afirmaria: «os nossos camponeses, que representam 99 por cento das nossas Forças armadas, serão os primeiros beneficiários...» O futuro porém desmentiu-o, apesar de, em 1977, o PAIGC, durante o seu III Congresso, ter proclamado a agricultura como «a primeira prioridade» que «servirá de base para o nosso desenvolvimento nesta fase de transição,

devendo permitir a necessária acumulação de riqueza para o lançamento no futuro da própria industrialização».

A prática governativa, porém, afastava-se desmesuradamente destas opções. Basta dizer que o Orçamento para 1980 atribuía ao Desenvolvimento Rural apenas 5,14 por cento do total das despesas de investimento no país. Citando o provérbio quase se poderia dizer que a «carroça ia à frente dos bois...»

Daí que Nino Vieira, em declarações recentes se tivesse mostrado extremamente duro nas críticas que fez às medidas económicas até então seguidas, afirmando que se haviam construído «coisas só para enfeitar o país» e apontando, entre essas **coisas**, «a unidade agro-industrial do Cumeré, a auto-estrada em construção,



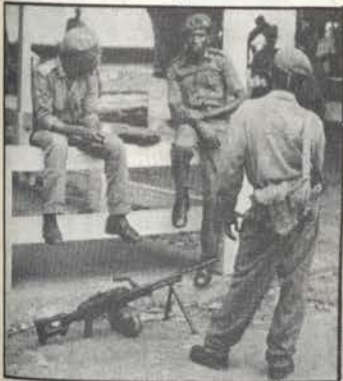
Blindados nas ruas de Bissau. A parte visível do golpe

que liga Bissau ao aeroporto de Bis-salanca, e o novo liceu» da capital. As fábricas de ar líquido, de automóveis e de sumos Titina Silá foram outros tantos empreendimentos alvo de controvérsia interna, sobretudo na medida em que, alguns deles, teriam sido aprovados à revelia do próprio Comissariado da Coordenação Económica e Plano. Para além do derrame insensato de divisas que provocaram — num país que delas tanto carece —, estes projectos tendiam a perpetuar perigosamente a dependência do exterior. Passando a colocar-se em questão, com toda a acuidade, o próprio tipo de desenvolvimento até então adoptado.

Para este tema chamamos a atenção do leitor para o artigo do nosso colaborador Ladislau Dowbor (prestigiado economista brasileiro há já alguns anos a prestar assessoria técnica na República da Guiné-Bissau) inserido neste número dos *cadernos* e escrito algum tempo antes do golpe.

#### O descontentamento dos militares...

Razão determinante do golpe foi o descontentamento dos militares, de que o Comissariado dos Combatentes da Liberdade da Pátria seria o receptáculo. O facto de o próprio Comissário, Paulo Correia, ter assumido o comando operacional no dia 14 de Novembro é disso prova evidente.



Tal como a grande maioria da população, os elementos das FARP sofriam as consequências da crise eco-

## Nino Vieira: fidelidade aos princípios de Amílcar Cabral



«Com o Movimento reajustador de 14 de Novembro, o povo guineense deu uma vez mais provas da sua consciência, do seu engajamento político e da sua vontade de se manter na via justa dos princípios traçados por Amílcar Cabral», declarou o comandante de brigada Nino Vieira aos jornalistas do «Jornal de Angola», que se deslocaram à Guiné-Bissau para analisarem *in loco* a nova situação política criada naquele país.

Durante o encontro com os jornalistas angolanos, o líder guineense afirmaria ainda que os mesmos combatentes das FARP que se haviam batido contra o colonial-fascismo «tiveram — agora, após a independência — que proceder a um reajustamento para restabelecer a justiça social e abrir o caminho à construção de uma pátria forte, unida e progressista».

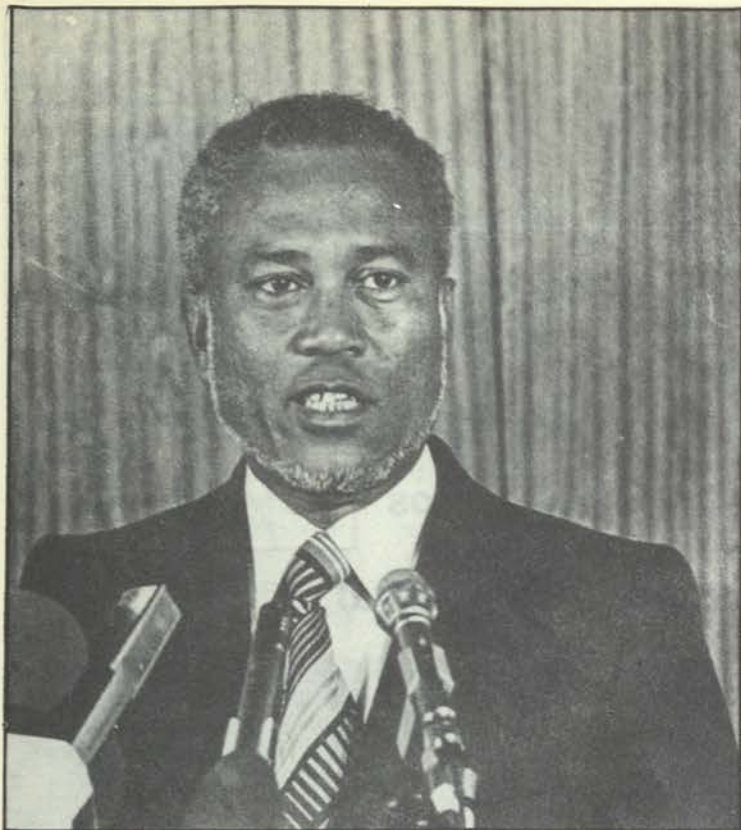
Na mesma ocasião, o presidente do Conselho da Revolução guineense dirigiu uma mensagem ao povo angolano, onde, para além de salientar o passado de luta em comum dos dois povos, considera estarem «reforçadas ainda mais as condições para que se estreitem os laços de solidariedade militante» entre os respectivos Partidos e países. Concluindo:

«Unidos seremos mais fortes e estaremos seguros de que a vitória é certa».

nómica, os seus magros soldos não cobriam o espectacular aumento do custo de vida (entre 1975 e meados de 1979 a inflação terá atingido os 113 por cento) e muitos dos que tinham procurado meios de subsistência na sociedade civil, acabavam, frustrados, por solicitar a reintegração nos quartéis.

A redefinição da hierarquia militar e a imposição de insígnias (1) mais

veio agravar o descontentamento gerado em alguns sectores das FARP, já que — alegavam — muitas dessas promoções apenas teriam explicações em critérios de «promoção política», não exprimindo, em alguns casos, as responsabilidades exercidas durante a luta nos campos da guerra. É nesse sentido que terão de ser interpretadas as declarações de Nino Vieira, proferidas durante uma visita às unidades



**Luís Cabral: nem sempre a firmeza de princípios, verbalmente assumidos, tinha tradução na prática**

intervenientes no golpe, ao longo das quais o agora presidente do Conselho da Revolução (órgão criado no rescaldo dos acontecimentos de 14 de Novembro) prometeu que os critérios a que obedeceu a atribuição de patentes de «corrigir favoritismos».

#### **Um Estado corrupto?**

No que respeita à corrupção, apontada pelos novos dirigentes como uma situação a que o golpe de Novembro pretendeu pôr cobro, não existem indícios suficientes para pensar que ela seria prática generalizada tal como o é em muitos países da África ainda na órbita do neocolonialismo. No entanto, eram relativamente numerosos os casos julgados no Tribunal de Bissau em que os motivos da acusação eram o abuso de

confiança ou o desfalque.

Mais evidente e escandalosa seria sim, sobretudo para os 110 mil habitantes da grande Bissau, uma certa «dolce vita» que caracterizava o quotidiano de alguns comissários e altos responsáveis do Partido — e, reconheça-se, não apenas alguns dos agora caídos em desgraça —, em contraste chocante com as dificuldades por que passava a grande maioria da população e com a frugalidade que os anos de guerra nas matas do país impusera.

Era igualmente criticado um certo «compadrio» que o ex-presidente Luís Cabral evidenciava na designação de alguns familiares para importantes cargos nas empresas do Estado. Nessas designações, afirmava-se, os critérios de idoneidade técnica entravam pouco em linha de conta.

#### **A Segurança: um Estado dentro do Estado?**

Por último, refira-se o peso e a omnipresença adquirida pela Polícia de Segurança do Estado, cujo principal responsável — António Buscardini — viria a morrer na própria noite do golpe.

Embora sem que se possa dizer que a Guiné-Bissau fosse um Estado policial, a Segurança tinha contudo adquirido crescente importância e assumido facetas cada vez mais autoritárias, cujas causas não serão estranhas ao próprio evoluir da crise económica e social que grassava no país. A exemplo de outros países de África, a existência de uma forte e treinada polícia de Estado — que o salvaguardasse dos perigos internos e externos que colocasse o regime a salvo das destabilizações — era entendida pelas autoridades do país, até 14 de Novembro último, como uma necessidade fulcral. O perigo inerente à existência de qualquer destas polícias — até pelo semisecretismo em que necessariamente têm de actuar — é que, ao longo do tempo, se passem progressivamente a autonomizar como força de repressão, acabando por furtar-se ao controlo colectivo do Partido. E isso, pelas próprias razões já apontadas, terá de facto acontecido na Guiné-Bissau, onde a Segurança passou a ser uma força temida pelo povo e até por dirigentes do PAIGC.

#### **«A gota d'água»**

Na complexa e difícil situação que se vivia (e vive) na Guiné-Bissau, e de que este artigo não dá senão os contornos, a discussão da nova Constituição — processo que decorria em paralelo ao de Cabo Verde — foi, como lhe chamou alguma imprensa e o próprio trissemanário guineense «Nô Pintcha» — «a gota d'água».

Ao contrário do que estabelece a Constituição cabo-verdiana, o pro-



jecto institucional em discussão na Guiné pretendia consagrar a concentração de poderes em Luís Cabral — que passaria a exercer os cargos de chefe do Estado, chefe do Executivo e comandante supremo das FARP. Esse diploma não impunha, por outro lado, a necessidade da nacionalidade guineense para o desempenho dessas funções, o que não era o caso em Cabo Verde, onde para se ser Presidente da República é exigida a nacionalidade cabo-verdiana.

Outro dos pontos de atrito resultou da consagração da pena de morte no texto da lei fundamental guineense.

A que apurámos a discussão do projecto criou tal tensão e mau estar — os pontos sistematicamente criticados eram os três já referidos — que mesmo depois da sua aprovação na



Buscardini, responsável directo da Segurança, viria a morrer durante os acontecimentos do 14 de Novembro

## Diálogo necessário

Pouco transpareceu das conversações mantidas em Bissau, durante a primeira semana de Dezembro, entre os ministros dos Negócios Estrangeiros de Angola, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, respectivamente Paulo Jorge, Joaquim Chissano e Maria Graça Amorim, e as novas autoridades guineenses saídas do golpe que derrubou o ex-presidente Luís Cabral. Recorde-se que esta delegação de alto-nível se deslocou à capital guineense a mandato da reunião Cimeira de Chefes de Estado de Angola, Moçambique, Cabo Verde, e S. Tomé e Príncipe, que teve lugar em Luanda, no dia 2 de Dezembro. Objectivo fulcral da Cimeira: «análise do golpe de Estado ocorrido na Guiné-Bissau e das suas implicações na vida do PAIGC, assim como as incidências sobre as relações» entre os cinco países.

As conversações entre aqueles dirigentes africanos e os elementos do Conselho da Revolução guineense teriam decorrido em ambiente fraternal, o que levou a que fossem esbatidos os ressentimentos sentidos por parte das autoridades da Guiné-Bissau pelo facto de não terem sido convidados ou, pelo menos, ouvidos antes da Cimeira de Luanda ter tido lugar.

Para além de se inteirarem da situação decorrente dos últimos acontecimentos registados na República da Guiné-Bissau e transmitido às autoridades locais as preocupações dos seus respectivos presidentes, os ministros dos Negócios Estrangeiros de Angola, Moçambique e S. Tomé e Príncipe terão solicitado aos membros do Conselho da Revolução guineense a rápida libertação do ex-presidente Luís Cabral, bem como de outros dirigentes e militantes do PAIGC aprisionados no decorrer do golpe.

Assembleia Nacional Popular se pressentia que «alguma coisa» poderia vir a passar-se...

O próprio Nino terá pessoalmente entendido o projecto de Constituição como uma tentativa de relegá-lo para um papel político de segundo plano, o que o teria motivado decisivamente para a ideia do golpe. Ao que se julga, já há muito vinha sendo aliciado para esse tipo de acção, mas sempre a recusara, por considerar não estar esgotada a via do compromisso negociado.

### O futuro causa apreensão

As versões desencontradas que as grandes agências noticiosas deram do golpe, insuficientemente esclarecedoras, bem como as contraditórias

declarações atribuídas aos membros do *novel* Conselho da Revolução ou aos seus quatro assessores civis, inquietaram todos aqueles que mais de perto acompanhavam o processo político naquela antiga colónia portuguesa e nele depositavam alguma esperança.

As notícias que davam conta de perseguições a cabo-verdianos e de discursos contra a unidade da Guiné-Bissau e de Cabo Verde — posteriormente atribuídos ao negativo trabalho dos responsáveis da Rádio Nacional na sequência dos acontecimentos — levantariam legítimas interrogações na opinião pública mundial e criaram traumas ainda hoje não superados nos militantes do PAIGC cabo-verdiano.

Informações posteriores, relatando



João Bernardo Vieira (Nino) — ao centro — durante a primeira conferência de imprensa após o 14 de Novembro. À esquerda, Vitor Saúde Maria, o único civil do Conselho da Revolução

a detenção de um número importante de oficiais — alguns de inegável prestígio — que, tal como Nino e os militares das FARP agora no poder passaram pelos mesmos sacrifícios durante todos os anos da luta armada, e em que alguns deles chegaram a ser gravemente feridos, mais vieram ampliar essas apreensões.

A guerrilha verbal, instalada nos primeiros dias entre Bissau e a Praia, mais veio adensar esse panorama, pondo, aparentemente, em perigo quer a existência do PAIGC como força dirigente dos dois países, quer a unidade entre os dois Estados e povos — projecto pelo qual Amílcar Cabral tanto se bateu e pelo qual acabou por morrer, assassinado.

#### O processo tem riscos inerentes...

Fontes guineenses asseguraram-nos que a esmagadora maioria dos militantes do PAIGC (e entre estes se encontrariam até os responsáveis das

FARP agora no poder) condenam o golpe enquanto método político de actuação, e só o justificam pela situação a que se tinha chegado, que, consideram, «era insustentável».

Seja como for, o golpe do passado dia 14 de Novembro veio abrir um perigo precedente... E Nino e os seus camaradas têm, ao que parece, consciência disso.

Até hoje, porém, as novas autoridades de Bissau não apresentaram ainda qualquer projecto político, económico e social, estável e coerente, que perspetive a dinâmica futura do processo iniciado com os acontecimentos de Novembro. Podendo eventualmente vir a correr-se o perigo de, tanto por parte de Bissau como da Praia, se designar alguns «bodes expiatórios», evitando quer num país quer noutro, quer no seio do PAIGC como um todo, assumir-se a autocrítica de erros porventura cometidos no passado próximo por ambas as partes. Certos sectores progressistas de África e do continente europeu interrogam-se pelo facto de coexisti-

rem, hoje, na chefia do Estado guineense, personalidades que esses mesmos sectores apontam de diferentes «sensibilidades» e até defensores de divergentes «projectos». E para um observador mais atento não será difícil constatá-lo; o que nos leva a concluir que muitas das contradições anteriores ao golpe de 14 de Novembro continuam a subsistir e, de algum modo, estarão hoje mais a claro. A sua superação, porém, só poderá ser encontrada no próprio processo decorrente na Guiné-Bissau e em Cabo Verde e no diálogo democrático no seio do PAIGC, que os autores do golpe consideravam «bloqueado». Facto esse que, segundo eles, os motivou prioritariamente ao «reajuste» pela força.

(1) A cerimónia oficial de imposição de patentes aos oficiais e sargentos das FARP decorreu em Cassacá — junto à fronteira com a República da Guiné-Conakry —, a 17 de Fevereiro do corrente ano, na comemoração do 16.º aniversário do I Congresso do PAIGC. Cerimónia que tivemos o privilégio de assistir.

ANGOLA

# 1.º Congresso Extraordinário do MPLA-PT



A sessão de abertura do 1.º Congresso Extraordinário do MPLA-PT

*Delegados de todo o país  
confirmaram a eleição do Presidente José Eduardo dos Santos.  
A resolução proposta pelo Comité Central  
destaca a sua condição de lutador em favor dos angolanos  
e dos povos oprimidos de todo o mundo.*

A realização do primeiro congresso extraordinário do MPLA-Partido do Trabalho foi o ponto culminante de um ano de grandes avanços revolucionários em Angola.

Depois da eleição da Assembleia do Povo e das assembleias populares nas províncias, que foi assinalada por um notável índice de participação e militância, aquele congresso permitiu não só um balanço crítico e auto-crítico do processo como a fixação de metas e prioridades.

Participaram no Congresso, depois de eleitos nos seus respectivos locais, 463 delegados, incluindo quarenta mulheres.

O presidente do MPLA-PT e da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos leu o relatório do Comité Central, que constituiu a base de um grande debate democrático. (\*)

### Um acto de confirmação

No início dos trabalhos foi lida a proposta do Comité Central, ratificando José Eduardo dos Santos no cargo de presidente do MPLA-Partido do Trabalho e, conseqüentemente, presidente da República Popular de Angola e comandante-em-chefe das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA).

O plenário aprovou, por aclamação, a proposta do Comité Central, sendo o presidente José Eduardo dos Santos alvo de uma calorosa homenagem do Congresso.

Damos a seguir, o texto da resolução do Comité Central aprovado pelo 1.º Congresso Extraordinário do MPLA-PT.

*«O desaparecimento físico do saudoso camarada presidente dr. António Agostinho Neto provocou uma profunda dor e consternação em todos os homens, mulheres e crianças do nosso país. O povo angolano e os membros do partido viram-se assim privados daquele que, ao longo de vários anos, dedicou toda a sua vida com coragem e determinação revolucionária à causa da reconquista da liberdade e da dignidade do nosso povo.*

*Contudo o MPLA - Partido do Trabalho, vanguarda revolucionária do povo angolano, interpretando a firme determinação dos operários, camponeses e trabalhadores em geral, soube ultrapassar a dor dilacerante e transformá-la em vontade revolucionária de continuar a luta cerrando as suas fileiras contra a reacção interna e o imperialismo internacional.*

*Forte e grande é o partido que pode gerar, no momento devido, os homens de que necessita! E assim que o Comité Central na sua reunião de 20 de*



Presidente José Eduardo dos Santos

Setembro de 1979, nos termos do Artigo 40.º dos Estatutos do MPLA – Partido do Trabalho, sabendo interpretar os anseios de todos os membros do nosso partido, elegeu por unanimidade aquele que com clareza e lucidez deveria prosseguir a obra gloriosa do nosso guia imortal – o camarada presidente José Eduardo dos Santos.

Na direcção do partido, do Estado e das Forças Armadas, o camarada presidente José Eduardo dos Santos tem colocado todo o seu saber e dedicação ao serviço dos interesses dos operários, dos camponeses, dos combatentes e de todos os trabalhadores angolanos, para que se possa arrancar o nosso país do subdesenvolvimento e da dependência.

Defensor intransigente da ideologia do proletariado, lutador implacável contra os vícios e manifestações herdadas da sociedade colonial, activo defensor da justa luta dos povos oprimidos do Mundo, o camarada presidente José Eduardo dos Santos conquistou a confiança e o apoio dos membros do partido e de todo o povo.

Na sua actividade quotidiana, o camarada presidente José Eduardo dos Santos tem sabido imprimir o dinamismo necessário à organização e ao funcionamento do MPLA – Partido do Trabalho, apontando sempre as vias para o constante melhoramento dos métodos de trabalho, para a educação política e ideológica dos membros do partido e para o reforço do papel dirigente do MPLA – Partido do Trabalho.

Na direcção do partido, do Estado e da sociedade angolana, o camarada presidente José Eduardo dos Santos tem vindo a dinamizar as medidas que conduzam à melhoria do nível de vida do nosso povo, fazendo com que todos os sectores da actividade económica e social do país contribuam para a transformação revolucionária da sociedade angolana.

As manifestações de apoio ao camarada presidente José Eduardo dos Santos que, desde a data da sua eleição, têm sido prestadas pelas organizações de base do partido, pelos núcleos da juventude, pelas organizações de massas e por todos os trabalhadores angolanos; o conteúdo das resoluções aprovadas nas diferentes conferências municipais e provinciais do partido, preparatórias deste congresso, expressando entusiasticamente a confiança e apoio de todos os membros do partido pela sua coragem e firmeza revolucionárias, pela sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo que defende e aplica, pela sua constante dedicação à resolução dos problemas do nosso povo, impõe o camarada José



Eduardo dos Santos como presidente do MPLA – Partido do Trabalho e o seguidor mais consequente da obra que nos legou o nosso guia imortal.

E assim que o I Congresso Extraordinário do partido, interpretando fielmente a vontade de todos os membros do MPLA – Partido do Trabalho, decide por unanimidade e aclamação, nos termos do Artigo 31.º dos Estatutos confirmar a eleição do camarada José Eduardo dos Santos como presidente do MPLA – Partido do Trabalho e consequentemente como presidente da República Popular de Angola e comandante-em-chefe das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola.

VIVA O MPLA – PARTIDO DO TRABALHO!  
VIVA O CAMARADA PRESIDENTE  
JOSE EDUARDO DOS SANTOS!»

(\*) Convidado para os actos públicos do Congresso, o nosso companheiro Neiva Moreira fará em edição próxima uma ampla análise desse acontecimento.

# QUÊNIA

## A crise do modelo multinacional

*Procura-se corrigir a hegemonia do grupo étnico kikuiu, mas sem alterar a política económica imposta por Jomo Kenyatta*

Gabriel Omotozo



Jomo Kenyatta

**S**E algum país africano mostra hoje, à flor da pele, as consequências negativas de um processo de libertação percorrido só até metade, esse país chama-se Quênia. Ele entrou nos anos 80 sob o signo da escassez, com o leite racionado, a electricidade cortada durante várias horas por dia e grandes bichas defronte dos armazéns, depois de uma década de relativa prosperidade que parecia ser uma exceção às regras do subdesenvolvimento.

Durante os anos 70, o *boom* do café permitira a essa nação cafeeira de 15 milhões de habitantes desfrutar de um excepcional ritmo de crescimento económico. Com uma produção industrial que se expandia a uma taxa anual de 10% e um crescimento de 6% no seu Produto Interno Bruto, o Quênia deu ao Ocidente a possibilidade de exhibir esses resultados como um mostruário do bem-estar que podia ser conseguido com um desenvolvimento vinculado às leis da economia capitalista multinacional.

Hoje, a fragilidade e a transitoriedade desse bem-estar ficaram, bru-

talmente, à vista, sob o efeito combinado de factores externos adversos (a começar pelo incremento do preço das suas importações industriais e do petróleo) e a falta de defesa interna para enfrentá-los.

O crescimento do Produto Bruto caiu a uma taxa de 4%. A disponibilidade de energia eléctrica reduziu-se a extremos, o que criou a necessidade de racionar o seu fornecimento: os cortes de luz chegaram a durar até seis horas por dia, com a consequente paralisação da produção industrial durante esse tempo. Também está em crise o abastecimento de alimentos, distribuídos em doses de fome.

Pela primeira vez desde que o Quênia conseguiu a sua independência, em 1963, milhares de irritadas donas-de-casa fazem fila várias vezes por dia para comprarem a sua ração de leite e porções igualmente racionadas de milho, trigo, farinha e arroz, componentes básicos da tradicional dieta queniana.

O problema não está só na falta de alimentos mas, também, na multiplicação vertiginosa das bocas a alimentar. Com uma impressionante taxa anual de 4%, o seu crescimento demográfico é um dos mais rápidos do mundo, de não for o mais rápido.

É bem verdade que, em termos locais, factores incontornáveis contribuíram substancialmente para gerar as actuais penúrias quenianas. Mas há falhas estruturais na economia desse país que também foram decisivas.

#### A guerra dos «mau-mau»

A lendária guerra de libertação travada pelos «mau-mau», entre a década de 50 e os primeiros anos 60 (uma das primeiras no processo de emancipação africana), não teve a mesma clareza ideológica adquirida — e, inclusive, alimentada pelos próprios quenianos — na experiência histórica dos outros movimentos de libertação posteriores.

Jomo Kenyatta, líder daquela luta e pai da actual nação queniana, não associou a emancipação nacional a políticas paralelas de libertação social, nem percebeu os perigos que poderiam ameaçar um processo libertador sujeito a modelos herdados da dominação colonial.

Em contraste com a maioria dos processos de libertação posteriores (como os da Tanzânia, de Angola e Moçambique, para citar os três exemplos mais significativos), cujos líderes encararam o tribalismo como um problema que devia ser superado para completar-se a luta de emancipação, Kenyatta travou a sua própria guerra a partir do tribalismo.

Membro da hegemónica tribo dos *kikuiu*, que constitui só 20% da população, Kenyatta construiu uma sociedade baseada na preservação dessa hegemonia. O Quênia nasceu e cresceu como nação independente, com

essa estratificação tribal convertida na clássica divisão capitalista da sociedade de classes, com a elite dos *kikuiu* promovida ao papel de abastados *businessmen* no meio da proletarianização das demais tribos.

Usando os *kikuiu*, o poderio das transnacionais afirmou-se no país. Dessa forma, a economia do Quênia ficou sujeita aos princípios do mercado e da livre iniciativa privada, sentindo-se o Estado inibido para encarar as tarefas do planeamento. Mais tarde, essas tarefas haveriam de figurar no primeiro plano das políticas desenvolvidas por outras nações africanas ao tomarem-se independentes.

A bonança que se originou na década do café, deixada à livre disponibilidade privada dos lucros, dissipou-se nos gastos sumptuosos da nova elite, nos investimentos improdutivos, na evasão de riqueza e na corrupção administrativa que é ine-



Arap Moi.



Os Kikuiu ainda são a elite do Quênia, apesar do governo se colocar aparentemente contra o tribalismo

rente a esse tipo de ordenamento econômico.

A prosperidade dos dez primeiros anos de independência acabou triturada por um sistema que não permitiu garantir reservas nem levantar defesas contra os anos das «vacas margras». Quando a seca reduziu dramaticamente a produção agrícola — afectada, além do mais, por um sistema tributário que desestimulava o pequeno produtor rural — e os gastos destinados a importações petrolíferas cresceram de 130 milhões de dólares em 1978 para 400 milhões calculados para o ano de 80, sobreveio o colapso.

#### Arap Moi: uma nova etapa

Contudo, a morte de Kenyatta, há dois anos, e a subida à presidência do seu vice, Daniel Arap Moi, marcaram o começo de algumas reformas que poderiam ter constituído um importante salto de qualidade na vida do país.

Membro da pequena tribo dos *tugen*, que habitam o vale do Rift, Arap Moi chegou ao poder como uma aparente ruptura na continuidade da he-

gemonia *kikuiu*. Alguns sectores do grupo dominante, inclusive, conspiraram para bloquear a sua ascensão, apesar de outra fracção da tribo governante, encabeçada por Charles Njonjo, ter apoiado de forma decisiva a promoção do novo líder.

Emoldurada assim por uma luta entre fracções no seio da tribo *kikuiu*, a subida de Arap Moi veio acompanhada de uma certa margem de liberdade de acção para reverter a política de consolidação tribal seguida por Kenyatta.

Como a sucessão de Mao na China, a de Kenyatta no Quênia pareceu encaminhar-se para produzir, sob um proclamado ritual de continuidade, uma importante mudança nas estruturas do país.

Um sinal dessa mudança foi, no ano passado, a reabilitação de Oginga Odinga, líder de tribo dos *lou*, que tradicionalmente sempre foi a principal rival étnica dos *kikuiu*.

Virtualmente privado dos seus direitos políticos sob o governo de Kenyatta, Odinga foi designado, em Novembro de 1979, presidente do

Conselho do Algodão, um organismo para-estatal e habilitado mais tarde para pretender um cargo no Parlamento, cujo acesso antes lhe tinha sido fechado.

Odinga entra, assim, no cenário político queniano como um aliado de Arap Moi, segundo aquilo que o próprio líder *lou* descrevera há poucas semanas como «a decisão presidencial de combater o tribalismo e a corrupção».

Já antes de reabilitar Odinga, Arap Moi tinha promovido, desde que começou a governar, a dissolução de todas as organizações tribais numa acção dirigida principalmente contra a chamada *Gikuyo Embu and Meru Association* (Gema).

No seio da União Nacional Africana do Quênia (Kanu), virtual partido único criado por Kenyatta, a Gema convertera-se no canalizador máximo da hegemonia *kikuiu* e, por isso, era considerada como «um partido dentro do partido», destinado a preservar uma dominação tribal dentro de uma organização política teoricamente não-tribal.



## Lutar contra o tribalismo

Com essas reformas, Arap Moi colocava-se formalmente na mesma linha das políticas de outros estados africanos, de independência mais recente, que associavam a emancipação à luta contra o tribalismo.

No entanto, essa ação divergente da tradição de Kenyatta, não foi seguida por Arap Moi em relação à ordem econômica, o que pode invalidar sua campanha contra o tribalismo.

A quebra formal e institucional dessa tradição produz-se juntamente com a preservação de uma ordem econômica por meio da qual a elite *ikuiu* mantém intacta a sua função de *businessmen*. Assim, a proletarianização

do resto do país só pode manter-se a mesma.

Frente à crise econômica, Arap Moi não reagiu com reformas econômico-sociais de fundo, mas antes apelando para uma ajuda externa que, na realidade, consolidará o ordenamento doméstico existente.

Nesse caminho, o processo de democratização (que se iniciou formalmente depois da subida de Arap Moi ao poder, com a revogação das medidas persecutórias e a libertação dos presos políticos) avança num beco sem saída.

A continuidade de uma ordem social estratificada está produzindo, no meio de reformas formais, um des-

contentamento popular crescente que, estimulado também pela crise econômica, acabará por determinar, no final, uma política repressiva.

Há poucas semanas, enquanto a irritação popular se estendia ao longo das bichas formadas diante dos armazéns, Arap Moi anunciou que ordenaria a detenção de «toda a pessoa que difundisse boatos perigosos para a estabilidade».

O Quênia, que há dez anos parecia uma exceção à regra do subdesenvolvimento, também começa agora a compartilhar com o resto do Terceiro Mundo, a questão criada entre a libertação econômico-social e a doutrina da «segurança nacional». □

# Brasil exporta economia.

Nos dias de hoje, não podemos pensar em desperdícios. Principalmente na cozinha. E a maneira mais prática de economizar cozinhando é através da Panela de Pressão Export da Empress. Com ela, tudo é preparado rapidamente. Você economiza gás, tempo e a comida fica muito mais saborosa. Não perca tempo, procure a Empress. Você vai notar a diferença na sua economia.



## empress®

Rua Alzira, 213 - Jaçanã - Fone: 201-1311 (PABX) - CEP 02228 - Cx. Postal 346  
End. Telegr. "Aluminempress" - Telex: 1134176 EMPS - BR - São Paulo - Brasil

leia e assine o semanário

# NOTÍCIAS DO SUL

Largo Severim Faria, 9 — Apartado 63 — Telef. 24899 — 7001 ÉVORA CODEX

## TURQUIA

# Um golpe pró-ocidental

*Os militares justificaram o derrube do governo civil  
como o único meio de se evitar o caos,  
mas a imagem de moderação inicial  
foi substituída por uma repressão crescente*

Agustín Castaño



O general Evren (ao centro) e membros do seu governo

O mais recente dos golpes turcos eclodiu em Setembro último, no meio de uma caótica situação política e económica interna, gerando em alguns meios certa expectativa favorável à atitude tomada pelos militares.

As ilusões, no entanto, não tardaram em dissipar-se ante as evidências de que o novo regime militar emprendia um caminho, que, em certos aspectos, parecia reproduzir a clássica trajectória do «golpismo» latino-americano.

Além do alívio com que o golpe foi recebido em círculos norte-americanos e na Aliança Atlântica (OTAN), satisfeitos com o surgimento de um factor de estabilização numa área chave do pacto, a insurreição turca pôde gozar inicialmente de certa imagem positiva, em contraste com o quadro político que se apresentava anteriormente.

Não se tratava de um golpe como o do general Augusto Pinochet no Chile, efectuado para pôr fim a um inquestionável regime popular e democrático. A equipa militar encabeçada pelo general Evren tomou o poder a um desprestigiado governo de direita, num processo semelhante ao do derrube de Isabel Perón na Argentina, em Março de 1973.

Como no caso argentino, a situação anterior ao golpe caracterizou-se por uma escalada de violência interna, por frustradas tentativas da oposição de estabelecer um acordo com a força política governante, a fim de evitar o perigo golpista. Tentativas essas apoiadas, inclusivé, por alguns militares. E para levar a extremos a comparação com o processo argentino, grande parte da violência interna que precedeu a intervenção militar tinha a sua fonte no próprio governo.

### Uma aliança perigosa

O frágil poder do primeiro-ministro Suleiman Demirel apoiava-se numa aliança que incluía entre os seus

componentes o partido do Movimento Nacionalista, de extrema-direita, organizador de grupos armados parapoliciais, que em nada diferiam da «Tríplice A» nascida na Argentina sob a protecção de Isabel Perón e do seu governo.

Carente de representatividade e desprestigiado posteriormente pela sua ostensiva associação com a extrema-direita, o Partido da Justiça, chefiado por Demirel, opôs-se intransigentemente às propostas da oposição social-democrata do ex-primeiro-ministro Bulent Ecevit. Líder do Partido Republicano Popular, Ecevit propôs um acordo programático que preenchesse o crescente vazio de poder e aliviasse a tensão social por meio de medidas económicas populares.

As negociações entre as duas principais forças políticas turcas fracassaram definitivamente em Agosto último, criando, de facto, as primeiras bases para a intervenção militar que se produziria no mês seguinte. Porém, o estímulo decisivo para esta acção foi, alguns dias antes do golpe, o êxito alcançado pelo Partido Republicano Popular, com a ajuda do Partido da Salvação Nacional (Islâmico), em precipitar a renúncia do então ministro dos Negócios Estrangeiros sob a acusação de «seguir uma política demasiado pró-occidental e pró-israelita».

### O detonador

Esse facto, que tornava vulnerável o papel da Turquia como posto avançado da Aliança Atlântica no sudeste europeu, foi o detonador do golpe, ao mesmo tempo que foi o elemento-chave para a qualificação política do levantamento militar.

Os generais turcos entraram em cena para preservar os vitais interesses da OTAN na área, ameaçados pela instabilidade que imperava sob o governo de Demirel e pelo movimento de inspiração oposicionista que vinha a pôr em questão o ocidentalismo da Turquia.



Demirel (em cima), chefe do Partido da Justiça, apoiou-se na extrema-direita e opôs-se às medidas económicas do ex-primeiro-ministro Bulent Ecevit (em baixo), líder do Partido Republicano Popular.



Antes dessa intervenção militar, totalmente alinhada com os interesses da OTAN, as Forças Armadas turcas haviam seguido uma trajetória histórica bastante independente entre os líderes da Aliança Atlântica.

Ainda existe dentro das Forças Armadas a tradição nacionalista leiga inspirada em Kemal Atatürk, pai da República Turca moderna. O intervencionismo foi, no passado, um componente frequente do comportamento militar turco, mas com um sentido e uma direção que contrastavam mais do que coincidiam com os interesses do «ocidente».

Washington não viu com agrado o golpe que em 1960 derrubou o governo de Adnan Menderes, fiel amigo dos Estados Unidos. Nem recebeu com satisfação a notícia do levantamento militar de 1971 contra o anterior governo de Demirel.

Em relação ao desembarque turco em Chipre há seis anos, com tudo o que ele possa ter de complexidade a partir de outros pontos de vista, pode-se fazer a mesma afirmação, já que

o conflito entre Ancara e Atenas representou uma séria crise no seio da OTAN.

Essa trajetória podia dar alguma base às expectativas geradas em torno do golpe de 12 de Setembro passado, mas desta vez o movimento caracterizou-se pela ausência de indícios de uma política militar de orientação independente.

### Duas opções

Com uma inflação que, em determinado momento, chegou a uma taxa anual de 104% (outra nota «latino-americana» no processo turco) e um desemprego que atinge a quinta parte de sua força de trabalho, a Turquia tinha diante de si apenas dois caminhos: ou uma política de reformas audaciosas que não cabia nas perspectivas militares, ou uma política de dramáticas restrições ajustadas às receitas do Fundo Monetário Internacional (FMI) e que consiste, sempre, em descarregar o peso da crise econômica nas costas do povo.

O próprio FMI contribuiu decisivamente para levar a Turquia a essa situação-limite. Até o «Financial Times» sublinhou esse papel do FMI, de executor de políticas ditadas pelas multinacionais. O jornal inglês assinalou que, nos meses anteriores ao golpe, essa instituição financeira condicionou os empréstimos à Turquia ao abandono, por parte do governo turco, do princípio Kemalista (de Kemal Atatürk), que impede os investimentos estrangeiros em certos sectores-chaves da economia nacional.

O grupo militar encabeçado por Evren tratou de projectar nos seus dias de governo uma imagem mais ou menos progressista. Além de prometer um imediato processo de democratização, Evren designou como primeiro-ministro o almirante Bülent Ulusu, conhecido como o mais moderado dos chefes navais turcos, num óbvio esforço para diferenciar este golpe dos modelos clássicos no assunto. Evren, na sua primeira mensa-



Depois do golpe, os tanques na rua... e a limpeza dos «slogans» contra o regime



Os militares tentaram apresentar inicialmente uma imagem progressista, mas passaram de seguida para uma violenta acção repressiva

gem à nação, teve ainda o cuidado de advertir que o seu regime não seria uma reprodução das ditaduras militares tradicionais.

Porém, esse jogo de aparências não podia resistir à opção seguida pelo novo regime no campo económico, simbolizada pela designação de Turgut Ozal, como responsável pelo planeamento económico do país. Um liberal ortodoxo e atado às prescrições do FMI, Ozal colocava no seio do regime militar turco um problema não muito diferente do que foi colocado quando da designação de José Martínez de Hoz como ministro da Economia de Videla, ainda para ressaltar a semelhança entre um processo e outro: o problema da compatibilidade entre a «moderação» que se pretendia exibir por um lado e a escolha de uma linha económica cuja aplicação nunca

se tornou exequível, em país algum, sem uma forte política repressiva.

#### Tribunais especiais

De facto, após os primeiros sinais de moderação, seguiu-se na Turquia uma crescente acção repressiva. As disposições da lei marcial — estendida a todo o país nos primeiros dias do novo regime após ter sido declarada, já em algumas províncias, por Demirel — foram acentuadas progressivamente nas semanas que se seguiram ao golpe. Foram criados «tribunais especiais» cujos poderes também passaram por um rápido processo de ampliação. A uma primeira medida que suspendia o direito de greve, seguiu-se uma outra que congelava toda a actividade sindical.

Suspensa também foi a actividade dos partidos políticos e centenas de seus dirigentes foram presos, assim como a maioria dos responsáveis sindicais. As detenções atingiram ainda Demirel e Ecevit, que foram postos em liberdade a 13 de Outubro. Completa o quadro da política repressiva, uma severa censura à imprensa e aos restantes meios de comunicação.

Toda a implantação de regime militar é seguida de medidas mais ou menos drásticas, consideradas necessárias para a consolidação do novo regime. E dependendo da política desse regime, tais medidas podem ser transitórias ou permanentes. A Turquia parece haver empreendido o segundo caminho, traçado por uma política económica que faz da repressão uma actividade irrenunciável. □

## Irão-Iraque



A guerra continua apesar dos esforços de paz

□ Até ao momento em que encerramos este número as missões de paz destinadas a terminar com o conflito Irão-Iraque ainda não haviam conseguido abrir caminho para um entendimento.

Nem os esforços da Liga Árabe, da Comunidade Islâmica, da Organização de Libertação da Palestina, da Organização de Unidade Africana, do Movimento dos Países Não-Alinhados, com antecedentes de audiência em Teerão e Bagdade, conseguiram fazer

avanços no sentido da paz. Também encontrou dificuldades, aparentemente superáveis, a missão chefiada pelo ex-primeiro-ministro da Suécia, Olof Palme, uma figura europeia muito relacionada com a África e o Médio Oriente.

No campo de luta, a sensível redução das operações, intercalada de ataques mais ou menos localizados, resultou numa virtual estabilização do *front*, embora os iraquianos continuassem a manter o cerco de Abadan e a ameaçar

posições iranianas mais ao norte, próximas aos campos de petróleo do Cuzistão.

Em todo o Terceiro Mundo, no campo socialista e nos países da Europa Ocidental, há grandes preocupações sobre o futuro da região se a guerra não terminar rapidamente. Será na mesa de negociações e não nos campos de batalha que a grave problemática regional poderá ser solucionada, respeitando-se os direitos de cada país, ambos com enormes responsabilidades no conjunto das nações emergentes do mundo.

## Vietname aprova constituição

□ O Comité Central do Partido Comunista do Vietname aprovou recentemente, após longos debates, a nova Constituição do país, que será em breve enviada a Assembleia Nacional. Na mesma sessão, a Assembleia decidirá sobre a sua dissolução e sobre a organização das eleições gerais, que deverão realizar-se no começo do próximo ano.

A principal característica da nova Constituição é o fortalecimento do papel do Estado, cujas prerrogativas, direitos e competências estão consagrados em 60 dos 143 artigos da Carta Magna. Esta estabelece também que «o povo deve ser dono do seu destino» e que ele «construirá com sucesso o socialismo».

O órgão supremo do poder estatal é a Assembleia Nacional cujos membros se elegem através de eleições gerais e secretas, para mandatos de 5 anos. Uma das novidades na organização do Estado é a supressão do cargo de presidente da República. Será formado um Conselho de Estado que, como órgão colectivo, desempenhará as funções de chefe de Estado.

## Argélia: Ben Bella libertado

Um decreto do presidente Bendjedid Chadli pôs fim aos 16 anos de detenção do primeiro presidente argelino e dirigente da luta armada contra o colonialismo francês, Ahmed Ben Bella. A decisão foi tomada nas vésperas do 26.º aniversário da deflagração da luta de libertação nacional. Ben Bella fora deposto em 19 de Julho de 1965 pelo então ministro da Defesa, o coronel Houari Boumedienne. Acusado de alta traição, demagogia, despotismo e oportunismo, a sua vida foi salva fundamentalmente pelo peso internacional do seu nome.

Ben Bella começou a tornar-se conhecido depois da sua participação, em 1949, no assalto ao correio de Oran, no qual levou três milhões de francos para a sua organização armada, então recém-criada. Combateu como cidadão francês na II Guerra Mundial na Tunísia, Itália e França e chegou a ser condecorado. Preso depois do assalto de Oran, consegue escapar da prisão. Algum tempo depois, o avião em que viajava de Las Palmas para Túnis — já designado Chefe de Logística do Exército de Libertação Nacional Argelino — foi desviado pelos franceses para Argel. Nele viajavam, também, altos dirigentes da Frente de Libertação: Kheridine Budiaf, Mustafá Lacheraf (que já colaborou várias vezes com a nossa revista), Ait Ahmed e Mohamed Hider. A partir daí, em 1958, Ben Bella passou dois anos numa cadeia francesa com portas blindadas, condenado a prisão perpétua e a trabalhos forçados. Em 1961 — quando o exército francês já era impotente face ao avanço da revolta popular — foi transferido para uma prisão domiciliar. Só começou a receber visitas quando já se negociava a assinatura do armistício.

Em Setembro de 1963, Ben Bella foi eleito presidente do país pelo parlamento. A etapa que se seguiu é uma das mais confusas da história da Argélia.

O anúncio da sua libertação — já cumpridos 16 anos de prisão — não surpreendeu muito, pois o próprio Houari Boumedienne já havia tomado medidas neste sentido antes da sua morte. E até Bendjedid Chadli, a 5 de Julho do ano passado — data da Festa Nacional argelina — levantou algumas das restrições que pesavam sobre Ben Bella melhorando o seu regime de detenção, permitindo visitas (excepto de estrangeiros) e

transferindo-o para uma magnífica residência em M'Sila, um município distante 300 km de Argel, a capital.

Em 1972, Ben Bella casou-se com a jornalista Zhora Sellani e, pouco depois, o casal adoptou duas meninas, Mehdi e Nuria, à educação das quais o ex-dirigente dedicou boa parte do seu tempo. Agora, fica a pergunta: quais serão os projectos políticos do líder libertado? Por enquanto, ele tem mantido essa questão no mais absoluto sigilo, só revelando que pensa em radicar-se na sua aldeia natal, Maghnia, perto da fronteira com Marrocos.



Ben Bella e a família. Quais os projectos políticos do ex-dirigente?

## Egipto: oposição quer derrubar Sadate

□ Grupos de oposição formaram no Egipto uma Frente Democrática Nacional para derrubar Anwar Sadate e formar um governo de unidade nacional, com eleições democráticas e modificações na Constituição. O programa da Frente inclui a crise económica por que passa o país, a carência de liberdade política, o desgaste da independência nacional e a corrupção existente no governo. Propõem também a substituição da «política de Camp David».

Comenta-se que partidos marxistas, nasseristas e outros grupos de oposição apoiam a Frente. Além disso, ao que parece, várias personalidades que já ocuparam postos importantes no governo de Sadate, demonstraram simpatia pelo movimento, como, por exemplo, o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, Ismail Hafmi, e o general Saadeddin Shezli, actual líder de uma Frente de oposição no exílio.

O Egipto enfrenta hoje sérios problemas económicos. A política de «portas abertas» do presidente Sadate permitiu o aparecimento de um corrompido estrato social de super-ricos que mantêm uma considerável influência política. No entanto, dentro do próprio governo existem crescentes indícios de insatisfação em relação ao estilo autocrático de Sadate. Os egípcios, em geral, sentem-se frustrados pelo continuo isolamento do seu país no mundo árabe e também pela sua crescente dependência dos Estados Unidos.



Combatido por uma Frente Democrática Nacional

## Chile: privatização do ensino

□ Dentro de um programa considerado como «uma profunda reforma na administração do serviço educacional», o governo chileno ultima os preparativos para a privatização global da educação, dentro do esquema socioeconómico que o actual regime começou a aplicar a partir de 1974. Um primeiro passo já foi dado com a passagem das escolas do país para a responsabilidade dos municípios, o que para muitos significa um passo decisivo.

O Chile, com 11 milhões de habitantes, tem uma população estudantil de cerca de 3 milhões de jovens na área do ensino básico e médio que será atingida pela medida,

somando-se a isso 100 mil professores e perto de 20 mil funcionários administrativos em todo o país.

O assessor jurídico do Ministério da Educação, Jorge Balmaceda justificou a decisão afirmando que, sendo de grande amplitude, ela permitirá às autoridades governamentais remeter os serviços educacionais para os municípios, «com requisitos flexíveis» e através de convénios assinados com o Ministério da Educação.

Em situação muito especial ficarão os professores que, num prazo de seis meses, deverão optar entre o regime do funcionalismo público e o sistema privado de ensino. O go-

verno terá o poder de definir as normas gerais que orientarão a educação e a elaboração dos planos e programas escolares.

O boletim La Campana, publicação da Coordenadora Metropolitana de Educadores, manifestou nas suas páginas – através do seu porta-voz, o advogado Hernán Quesada – a sua dúvida sobre a eficácia da gestão municipal na área educacional, «sobretudo depois de observar a maneira deficiente com que são manejados outros serviços municipais de menor importância». Acrescentou ainda que «a educação será transformada em mercadoria negociável no mercado».



## México constrói central nucleo-eléctrica

□ Cerca de 7500 trabalhadores, entre engenheiros, técnicos especializados e operários altamente qualificados, trabalham diariamente em três turnos para concluir no tempo previsto – Maio de 1982 – a primeira central nucleo-eléctrica do México, em Laguna Verde, no Golfo do México.

A capacidade de cada uma das unidades é de 553 mil Kw, o que perfaz para a central um total de 1.306.000 Kw, que constituirá aproximadamente 8% de toda a produção de energia do país em 1983. Entre os países que apresentaram ofertas para participar

no projecto, encontram-se a Suécia, a Inglaterra, a Alemanha, a Bélgica, a União Soviética e a França. As possibilidades de co-operação permanecem abertas no caso de as autoridades decidirem ampliar o horizonte da indústria nuclear no México.

A exigência a nível de tecnologia e materiais inerentes à construção de uma central nuclear, onde se levam em conta todas as regulamentações internacionais para o uso dos materiais nucleares, também beneficiou a produção mexicana nesse sector, pois 50 fornecedores locais tiveram

que se esforçar para atender às normas impostas.

O México é um país que tem tido uma activa participação nas iniciativas destinadas a impedir a proliferação de armas nucleares e, nesse sentido, tem sido o promotor do tratado de Tlatelolco.

O desenvolvimento nuclear realiza-se com critérios pacifistas e com a participação do Organismo Internacional de Energia Atómica, com sede em Viena. Até ao fim do século, o México poderá ter em funcionamento vinte centrais semelhantes à de Laguna Verde.

## Vitória da POLISÁRIO na ONU



Nova vitória diplomática

□ A Comissão de Descolonização da ONU tem tido um papel destacado na XXXV Assembleia Geral. Uma clara vitória diplomática foi obtida pela Frente Polisario, que luta contra a ocupação marroquina do seu território, nesta Comissão. A Frente Polisario proclamou a República Árabe Sarauí Democrática (RASD) nos territórios libertados e conseguiu na ONU o apoio de 43 países, que apresentaram uma resolução – aprovada com o voto de 88 nações – reconhecendo o direito do Sara Ocidental à autodeterminação e à independência.

A vitória foi muito importante, tendo-se em conta que Marrocos havia desenvolvido uma intensa campanha para convencer a ONU de que a Frente Polisario não representava nada e está unicamente integrada por «terroristas» argelinos e líbios. O regime de Hassan II, levou à sede das Nações Unidas, em Nova Iorque, cerca de 60 saraúis pró-marroquinos, com a finalidade de que contassem a sua versão sobre o problema do Sara. Para o regime de Rabat, o território sarauí faz parte do «Grande Marrocos» e não tem condições para se tornar independente. Mas, na verdade, o que está por trás das nostálgicas reivindicações históricas é a grande riqueza do Sara em fosfatos e outros minerais.

Com a esmagadora votação na ONU e a decisão do Governo da Costa Rica em reconhecer a Frente Polisario e estabelecer relações diplomáticas com a República Árabe Sarauí Democrata (é o 45.º país a fazê-lo), as expectativas do Marrocos foram-se frustrando, tornando-se evidente o isolamento internacional do regime de Hassan II.

## Suriname: contra a corrupção

□ O capitão Roy Morb, do exército nacional e juiz do Tribunal Especial criado para tratar dos casos de corrupção, falou, recentemente, à nação através da televisão. Chamou à corrupção um «sistema bem organizado que se converteu em norma sob o regime anterior». Assegurando à população, no entanto, que a intenção do governo não é transformar esses processos numa caça às bruxas.

Eis alguns trechos do discurso do capitão Morb, um dos líderes da revolta de 25 de Fevereiro:

«Esses processos (que começaram em 29 de Outubro) não poderiam ser formalizados se as coisas não tivessem mudado no 25 de Fevereiro. A tomada do poder teve a intenção de realizar mudanças na estrutura política e social da República do Suriname, de maneira que todos os direitos democráticos do seu povo indigente pudessem ser respeitados. Foi um acto justo de libertação... A libertação da repressão, que foi

iniciada pelos escravos e imigrantes no nosso país, contra o opressor da sua época.

«Antes de 25 de Fevereiro deste ano, parecia não existir lei alguma neste país, como se a nossa nação estivesse condenada a viver sob a injustiça, a falta de lei e a desordem. Esta sociedade aprendeu agora a revoltar-se. Contra a ruína que claramente nos ameaçava, essa revolta é um direito. É por isso que a 25 de Fevereiro de 1980 e, posteriormente a 4 de Março, a mais alta autoridade do país, decidiu reconhecer a tomada do poder como justa e correcta. É por isso também que o exército nacional deu garantias ao povo e a essa alta autoridade de que se iria manter e proteger o Estado Constitucional. Isso explica as medidas tomadas para impedir o retorno da antiga ordem irresponsável. Uma das medidas é criar um Tribunal de Justiça Especial, com a autoridade de um juiz de assuntos criminais e de um juiz correcional

para defender os direitos humanos em nosso país.

«Os governos anteriores nunca foram controlados pelo Parlamento, mas, ao contrário usaram-no como cúmplice para descuidar, enganar, e guiar equivocadamente a Nação. Essa incrível situação continuou por muitos anos. As eleições foram manipuladas várias vezes, acompanhadas de intimidação, suborno e racismo. Havia uma Constituição mas, na prática, ela não existia. Não se respeitavam os direitos básicos.

«Todos nós sabemos que as eleições programadas para 27 de Março de 1980, nos trariam provavelmente novos rostos, mas também sabemos que a corrupção continuara. Pelo menos um terço da Nação, durante algum tempo, considerou que essa era a razão para a ruína do nosso amado país. O Suriname havia demonstrado que não queria ser destruído. Portanto, está a deixar de lado o seu passado de opressão, exploração e decadência.»

## Má nutrição atinge 25 países africanos

□ Vinte e cinco países do continente africano, incluindo o Quênia, Uganda e Tanzânia, são as nações onde a má nutrição alcança mais altos níveis. O baixo rendimento é um componente importante para explicar essa situação.

Um exemplo disso pode ser comprovado como o seguinte dado: só os países localizados ao sul do Sara reúnem a sexta parte da população mais pobre do mundo. E ainda, segundo a Organização das Na-

ções Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), 25% da população africana está abaixo do limite mínimo quanto a consumo de calorias e proteínas.

Um outro lado importante em relação à má nutrição é o de que entre as suas principais vítimas estão sempre as mulheres em idade de procriar, as grávidas e as crianças até cinco anos. Nessas mulheres, a má nutrição provoca

Repressão

## Nicarágua: empresários quiseram dar golpe



Empresários contavam com oficiais da ex-Guarda de Somoza para dar o golpe

□ Foi descoberto recentemente na Nicarágua um novo plano para derrubar o governo revolucionário Sandinista e reimplantar um regime burguês no país. O golpe estava a ser organizado pelo empresário Jorge Salazar Arguello, presidente do Conselho da Empresa Privada (COSEP), que viria a morrer num confronto com o exército quando transportava várias espingardas automáticas M-16 na sua viatura. Salazar Arguello há já algum tempo que vinha a manter contactos com vários ex-oficiais da Guarda Nacional de Somoza e pretendia tomar o poder durante o mês de Novembro.

Seis importantes empresários nicaraguenses reconheceram publicamente diante de jornalistas

que também eles participaram na elaboração de um plano de acção para derrubar a Junta de Reconstrução Nacional; são eles: Leonardo Somarriba Gonzales, vice-presidente da Câmara de Comércio, José Mário Hanon, presidente da Associação dos Produtores de Arroz, Alejandro Salazar, María Lacayo, Gabriel Lacayo Bernal e Nestor Moncada.

Os empresários admitiram que Salazar Arguello contava com recursos doados por fontes empresariais para a compra de armas e treinamento de homens que estavam incumbidos de efectuar atentados contra dirigentes sandinistas. A confissão coloca a COSEP numa situação difícil, assim como também os representantes de outros grupos políticos e de empresários que se haviam retirado do Conselho de Estado.

Enquanto isso, na Alemanha Federal, a organização juvenil do Partido Social Democrata (SPD), afirmou, em comunicado à imprensa, que «a campanha internacionalmente coordenada contra o governo da Nicarágua, e na qual participam também organizações europeias democrata-cristãs, como a «Fundação Konrad Adenauer», poderia estar conectada com as actividades de grupos somozistas na fronteira com as Honduras».

Sobre os constantes ataques da imprensa alemã ocidental ao governo nicaraguense, denunciando violações dos direitos humanos, aquela organização social-democrata revela na sua declaração que essa campanha «poderia ter a finalidade de preparar o terreno para uma posterior intervenção militar».

anemia, o que faz com que nasçam bebés prematuros com peso abaixo do normal e vulneráveis às infecções.

O problema da má nutrição, no entanto, é resultado da pobreza, cujas raízes estão nas estruturas políticas e económicas. Estas raízes, muito profundas, não podem ser erradicadas somente com a implantação de grandes projectos de planificação, pois, na realidade, necessitam de reformas

fundamentais nas instituições sociais. De acordo com um ex-director médico do Gana, a erradicação da pobreza requer uma Nova Ordem Económica Internacional, uma mudança de estruturas a nível mundial. Outra fonte especializada afirma que a crescente tendência de se abandonar o leite materno como fonte primária de alimentação nas superpovoadas cidades africanas contribui para o aumento e a gravidade

dos casos de diarreia infantil.

A Organização Mundial de Saúde considera a má nutrição como o marco de outras necessidades básicas, como saúde, habitação, educação e trabalho. Um estudo realizado por um centro de reabilitação nutricional no norte dos Camarões indica que as maiores causas de má nutrição se encontram no analfabetismo e no tipo de trabalho feminino nessa região.

## El Salvador:

### plano secreto dos EUA

□ Analisando a situação salvadoreña, o jornal mexicano *Uno Más Uno* revelou os termos de um documento interno do Departamento de Estado norte-americano, que diz, entre outras coisas, que os EUA têm planos para intervir militarmente naquele país, mas estuda também uma saída política, no estilo da aplicada ao Zimbábue, de eleições com a participação da guerrilha e da oposição. Essa última medida, segundo o documento, não é do interesse de sectores do exército salvadoreño, devido ao apoio que a Frente Democrática Revolucionária e a direcção militar guerrilheira têm entre a população e que poderia aumentar se tiverem acesso aos meios de comunicação.

Algumas áreas no norte do país estão totalmente controladas pelos guerrilheiros. São regiões com grandes cafezais, vitais para a economia salvadoreña. Recentemente, a Junta enviou dez mil soldados para recuperar o espaço perdido. Não conseguiu e ainda sacrificou a população civil, atingida pela repressão civil, atingida pela repressão indiscriminada. Assim, a situação é grave do ponto de vista económico. Mais da metade das terras férteis não foram cultivadas, o crédito agrícola não foi suficiente e a «reforma agrária» da Junta desorganizou a produção. E mais: os investimentos privados foram reduzidos em 476% em relação a 1978 e as importações em aproximadamente 18%.

Esta situação de guerra civil e caos económico está afugentando muita gente do país, principalmente a população rural. Aumenta diariamente o número de salvadoreños que cruzam a fronteira em direcção às Honduras, Nicarágua e Costa Rica. E não é para menos: o governo está a lançar desfolhantes e herbicidas de aviões e helicópteros, principalmente no nordeste do país. Um outro aspecto das consequências da guerra refere-se à subnutrição: os últimos dados indicam que 75% das crianças menores de cinco anos sofrem de deficiência de proteínas e a escassez de géneros alimentícios ameaça a população com fome.

## Caribe:

### avanço na integração económica

□ Mais um passo foi dado no sentido de uma integração económica do Caribe. a *Naviera Multinacional del Caribe* (Namucar), companhia de transportes marítimas integrada por capitais de diversas nações da região, transportará petróleo para os seus países membros a partir de Janeiro de 1981, segundo informou Alvaro Fernández Escalante, secretário permanente dessa empresa multinacional (\*).

Esse foi um dos principais acordos firmados durante a sexta assembleia geral extraordinária, realizada em São José da Costa Rica, com a

participação dos delegados de todos os países que compõem a empresa.

Na mesma ocasião foi divulgada a posição de Trindade - Tobago, que alegou razões de ordem económica para deixar a companhia, o que reduz a seis o número de nações de pleno direito na empresa: Costa Rica, Venezuela, México, Jamaica, Cuba e Nicarágua.

Um dos acordos assinados foi o de serem tomadas medidas no sentido de incorporar o Panamá à empresa. Os contactos já estão sendo feitos através do ministro de Obras Públicas da Costa Rica, Mário Fernández Ortiz, e

do vice-ministro de Transportes da Venezuela, Vinicio Carrera, que se irão encontrar com o presidente panamiano, Aristides Royo.

Em relação ao acordo sobre o petróleo, os delegados aprovaram o início do serviço em Janeiro de 1981. Ele foi baseado numa proposta da Costa Rica apresentada em Agosto de 1980, na reunião de accionistas da empresa.

(\*) Chama-se essa empresa de *multinacional* por estar integrada por várias nações. Os economistas preferem que o nome *transnacional* seja utilizado para designar os *trustes* capitalistas.

## Repressão no Haiti



Jean-Claude Duvalier

□ Está a ser empreendida no Haiti uma nova onda de repressão. Recentemente o presidente Jean-Claude Duvalier decretou o toque de recolher. Só nas últimas semanas, mais de 40 jornalistas, dirigentes sindicais e outros opositores do regime foram presos, entre eles Sylvio Claude, presidente do Partido Democrata Cristão. Claude, detido pela quarta vez desde 1979, encontra-se na prisão há quase dois meses, enquanto que sua filha foi presa no começo de Novembro.

Sabe-se, também, que Evans Paul, dramaturgo e jornalista da Rádio Cacique, foi torturado e depois libertado, «meio surdo», nos primeiros dias de Novembro, juntamente com Knop Philo, da Rádio Haiti.

Autoproclamado presidente vitalício em 1964 — cargo que legou a seu filho quando morreu em 1971 — Papa Doc instaurou na ilha uma pseudo-monarquia, apoiado no terrorismo dos seus 'tonton-macoutes', grupos paramilitares fiéis ao ditador.

Os exilados haitianos, do exterior, e as forças de oposição no interior do próprio país, reivindicam e exigem a queda da ditadura, a realização de eleições gerais, e a restituição das liberdades individuais, esquecidas há 25 anos.

## Filipinas:

### o ridículo de Marcos

□ O grupo armado filipino *Movimento de Libertação 6 de Abril* responsabilizou-se pelo atentado que no mês passado acabou com um congresso, em Manila, de entidades dedicadas ao turismo. O alvo da bomba era o presidente Ferdinando Marcos, que pessoalmente inaugurara o congresso poucos minutos antes da explosão, coma as seguintes palavras:

«Vêm às Filipinas talvez pela primeira vez e foram advertidos de que vivemos sob lei marcial, o que causa receios e desanima muita gente a nos visitar, pensando que aqui há derramamento de sangue, sequestros, incêndios intencionais, assassinatos e destruição. Mas esse é um pesadelo

que já superamos».

Qualificando o atentado de «acto vil de terrorismo contra o povo e o governo», Marcos fez dias depois, um discurso enérgico, prometendo adoptar medidas drásticas para punir os responsáveis. Entre essas medidas, está a prisão de três ex-senadores filipinos e outros 28 dirigentes, sob a acusação de estarem directa ou indirectamente implicados com o atentado que fez com que o Congresso de Turismo — que devia, segundo o plano oficial, demonstrar ao munto a situação de paz nas ruas de Manila — tivesse que ser cancelado.

Actualmente, a situação no país é grave. Um estudo de economistas da

Universidade de Filipinas estavelece que, em 1975, 72,3% dos camponeses — principal força de trabalho do país — estava «abaixo dos níveis de pobreza», e que o índice de desemprego chega aos 40%. A mão-de-obra filipina é hoje a mais barata da Asia e o valor real do salário é de 60% em relação aos níveis salariais de 1972. As mulheres têm salários ainda mais baixos.

Nessa situação crítica, a falta total de liberdades e garantias fez com que o povo se revoltasse e agisse. O atentado de Manila é um exemplo bem claro disso. Já a administração Carter tinha advertido o governo filipino para um problema desse tipo.



Bandaranaike

## Sri Lanka: um cheiro a golpe

nal Unido (PNU), disaram os líderes da oposição preocupados.

Segundo a oposição, analisando-se as declarações e as da direcção direita do PNU, o Sri Lanka, que se mantém como uma das poucas democracias asiáticas, pode estar a caminho de uma democracia «ao estilo de Singapura». Argumenta-se também que a «estabilidade» defendida pelo PNU interessa aos investidores estrangeiros e ao capital privado.

O governo de Jaewardene, presidente do país, que segue a teoria do mercado livre, também tomou medidas para garantir a paz na frente industrial, mediante leis e acções antigreves. Por outro lado, os partidos de oposição — sobretudo os radicais e também os maoístas e os trotskistas — afirmam que a estabilidade é uma

farsa do partido governante para garantir seu domínio e continuar no poder, oprimindo, assim, o sistema parlamentar multipartidário.

Apesar da dispersão da oposição após a traumática derrota nas eleições de 1977, o Partido da Liberdade do Sri Lanka, uma organização de esquerda moderada, liderada pela senhora Bandaranaike, manteve-se como a única expressão de oposição popular nacional com possibilidades de substituir o PNU nas eleições parlamentares de 1983. A senhora Bandaranaike foi destituída dos seus direitos políticos e expulsa do Parlamento pelo governo em Outubro passado, numa medida que fora interpretada pela oposição como uma forma de «apaziguar as multinacionais».

□ As declarações do primeiro-ministro do Sri Lanka, Ranasinghe Premajasa, de que provavelmente em 1983 só haverá uma força política no seu país, o Partido Nacional Unido (PNU), deixaram os líderes da oposição preocupados.

As declarações do primeiro-ministro do Sri Lanka, Ranasinghe Premajasa, de que provavelmente em 1983 só haverá uma força política no seu país, o Partido Nacio-

## Programa de alfabetização na Nigéria

□ A Nigéria, país de cem milhões de habitantes, o mais densamente povoado da África, tem realizado com bons resultados o seu programa de alfabetização. Cada aluno recebe uma ajuda federal de 100 a 240 dólares por ano, quantia importante levando-se em conta que na maioria dos países da África, a renda nacional *per capita* não excede os 150 dólares.

A alfabetização da população, que o governo civil do presidente Shehu Shabari realiza (os primeiros passos foram dados em 1966 durante o governo do líder

militar Murtala Muhamed), apoia-se materialmente na cada dia mais importante receita do petróleo. Apenas na construção de cerca de 60 mil salas de aula e nos livros de texto gratuitos foram destinados, nos últimos quatro anos, aproximadamente 500 milhões de dólares. Estudam hoje no país quase 13 milhões de nigerianos.

Todos os dias, antes de começarem as aulas, os estudantes juram fidelidade à unidade nacional e cantam o hino nacional. Sendo a Nigéria uma federação com 19 estados e cerca de 250 etnias, foi necessário estavelecer

uma estratégia nacional, pra preservar a integridade do país, cujo lema é «uma nação, um povo». O governo pretende evitar que as trágicas experiências da guerra de Biafra (na qual morreram 2 milhões de pessoas) se repitam.

A Nigéria é o quinto exportador de petróleo no mundo, com uma produção de aproximadamente 150 milhões de toneladas e com uma receita de 25 bilhões de dólares. O país, porém, não superou o problema da fome apesar das medidas do governo no sentido de conseguir a autosuficiência alimentar.

## Chile:

### a Oposição em luta

□ O plebiscito de Setembro passado tirou todas as esperanças da oposição chilena em relação a uma possível abertura democrática do regime de Pinochet, levando o Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) e outros sectores inconformados do país a levar a cabo uma série de acções armadas contra a ditadura.

A Junta Militar classificou publicamente de «casos isolados» a verdadeira onda de atentados que ultimamente vêm agitando o Chile. A mais espectacular acção de guerrilha destruiu sete postos de alta tensão, cortando a electricidade a Santiago, Valparaíso e Viña del Mar. A fábrica de automóveis **Renault** foi também alvo de bombas incendiárias, tendo sido carbonizados cerca de cem veículos que se encontravam estacionados no pátio da empresa.

Apesar de uma grande mobilização do exército, da policia e de um enorme aparato de segurança, a Junta Militar não conseguiu, até ao momento, deter os comandos de extrema-esquerda, que se autodenominaram por «Milícia de Resistência Popular».

Por outro lado, a Coordenadora Nacional Sindical lançou um documento em que denuncia a «nova escalada repressiva iniciada pela ditadura», exigindo o termo da detenção de trabalhadores, expulsões e suspensões de dirigentes universitários e a proibição de regresso ao país empreendida contra o presidente do Partido Democrata Cristão, Andrés Zaldívar. O documento denuncia ainda a arbitrária prisão do ex-dirigente da Central Unica de Trabalhadores (CUT), Pedro Henriquez, detido, desde 14 de Novembro, pela Central Nacional de Informações (CNI).

A Coordenadora Nacional Sindical representa mais de um milhão e meio de trabalhadores chilenos e a sua actuação tem-se caracterizado pela aberta oposição à legislação do trabalho emanada do regime de Pinochet e ao projecto económico seguido pelo governo.

Outros sectores, porém, têm vindo a enfrentar corajosamente o regime, como sejam os advogados. Mais de uma centena participaram recentemente numa jornada nacional, que, entre as suas conclusões, constata persistir «a situação de deterioração dos direitos humanos que afectou o país nos últimos anos», vindo-se a agravar mais ainda, a partir de 11 de Março de 1981, quando entrar em vigor a nova Constitui-

ção política. De registar que o encontro de advogados recebeu o apoio do Cardeal chileno Raul Silva Henriquez.

Os participantes da referida jornada fizeram um apelo «a todos os compatriotas para procurarem incansavelmente a implantação plena de um Estado de direito, que significa a vigência de uma norma superior emanada da vontade popular». O encontro de advogados, baseado no tema geral «A protecção dos Direitos Humanos pela Via Judicial», coincidiu com a apresentação no Comité Social das Nações Unidas, em Nova Iorque, de um projecto de resolução que contém fortes críticas ao governo do general Augusto Pinochet.

### Amnistia restrita na Colômbia

□ A Câmara de Deputados da Colômbia aprovou um projecto de Amnistia que poderá beneficiar mais de mil presos e processados por problemas políticos, caso os guerrilheiros deponham as armas, aceitando a medida governamental. Foram 30 votos a favor, dois contra e uma abstenção, produto de um acordo entre o governo do presidente Júlio César Turbay Ayala e os parlamentares dos partidos Liberal e Conservador.

O projecto, apresentado ao Parlamento pelos representantes liberais Simon Bossa e Dario Ortiz, sofreu várias modificações com a intenção de ampliar a amnistia. Depois de acalorados debates parlamentares e extra-parlamentares, as restrições exigidas pelo governo conseguiram ser aprovadas.

Nas décadas de 40 e 50, durante o período de guerra civil entre os partidos Liberal e Conservador, surgiu a guerrilha rural no país. Alguns anos depois, foi decretada uma amnistia pelo governo ditatorial do general Gustavo Rojas Panilla (1953-1957), aceite por muitos guerrilheiros. No entanto, posteriormente, a maioria deles viria a ser assassinada pelas forças de segurança.

Actualmente, as organizações guerrilheiras que desenvolvem actividades no país são: as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), o Exército de Libertação Nacional (ELN), o Exército Popular de Libertação (EPL) e grupos urbanos como o Movimento de Autodefesa Operária (MAO) e o Movimento 19 de Abril (M-19). À excepção do M-19, que aceita o projecto de Bossa e Ortiz, as restantes organizações guerrilheiras que se pronunciaram, afirmaram-se defensoras de uma amnistia geral e irrestrita para todos aqueles que fazem luta armada bem como para todos os presos políticos.

□ O general Ramalho Eanes obteve, em 7 de Dezembro, uma expressiva vitória para a presidência da República portuguesa ao recolher, na primeira volta, 3 249 296 votos, 56,4%, contra 2 319 841 e 40,3% do candidato apresentado pela coligação governamental, general Soares Carneiro.

A reeleição de Eanes significou, em primeira análise, um importante triunfo da esquerda e das restantes forças democráticas portuguesas sobre um projecto político antagónico da revolução do 25 de Abril, representado pelo perfil reaccionário e passado colonialista do candidato apoiado pela AD.

Este triunfo quebrou a dinâmica da direita, vencedora nos três últimos escrutínios eleitorais por margens sempre crescentes: intercalares e municipais de Dezembro de 1979 e legislativas de Outubro passado. Após o 25 de Abril de 1974, nunca se assistira em Portugal a uma confluência tão larga de sectores democráticos dispostos, apesar das profundas divergências entre si, a derrotar os planos da direita de dominar, durante os próximos anos, todos os órgãos de soberania, resumidos na propaganda da AD, no **slogan** «maioria, governo, presidente».

Perante a opção em que foi colocado, «Eanes ou Sá Carneiro», (o primeiro-ministro anunciara de que não participaria no Governo caso o presidente fosse reeleito), o eleitorado português soube resistir à desenfreada campanha dos principais meios de comunicação (televisão, rádio, imprensa estatizada) completamente dominados por homens-de-mão do governo. Esta manipulação culminou na véspera das eleições, quando dos funerais de Sá Carneiro e do ministro da Defesa, Amaro da Costa, mortos num acidente de

## Portugal Eanes reeleito



aviação a 4 de Dezembro. Explorando o clima emocional existente no país, as câmaras da televisão focaram insistentemente, durante oito horas de transmissão das cerimónias fúnebres, a figura do general Soares Carneiro ao mesmo tempo que as imagens eram acompanhadas por comentários procurando incutir nos milhões de espectadores a ideia de que a melhor forma de homenagear o primeiro-ministro seria, no dia seguinte, votar no candidato por ele escolhido.

Eanes teve, como principal força apoiante, o Partido Socialista, apesar de Mário Soares ter retirado publicamente, semanas antes do início da campanha eleitoral e por motivos até hoje nunca

devidamente explicados, o seu apoio, remetendo-se a um «silêncio» que só poderia ser contrário às pretensões do candidato sustentado pelo partido onde continua secretário-geral.

Decisivos para a reeleição de Eanes, foram igualmente o milhão de votos do Partido Comunista que retirou o seu candidato Carlos Brito, dias antes do escrutínio e apelou ao voto no presidente. Sem escamotear as críticas que lhe merecem a actuação de Eanes no primeiro mandato, os comunistas consideraram-no, porém, o único candidato capaz de derrotar Soares Carneiro e a AD, não deixando de referir o seu comportamento democrático e constitucional, positivo num balanço geral dos últimos cinco anos.



# guia do terceiro mundo

a sair brevemente

# 1981

Suplemento anual dos  
cadernos do terceiro mundo  
Editado por  
Tricontinental Editora, Lda.

UMA GRANDE PERDA  
PARA O JORNALISMO  
LATINO-AMERICANO

## Morreu Genaro Carnero Checa

O jornalismo combatente latino-americano acaba de perder uma das suas mais importantes figuras com a morte, na cidade do México, aos 70 anos, do fundador e secretário-geral da Federação Latino-Americana de Jornalistas (FELAP), o peruano Genaro Carnero Checa.

A vida de Genaro Carnero Checa é uma sucessão de lutas contra a opressão e a injustiça. Aos vinte anos, sofreu a sua primeira prisão; e, em 1934 viveu o seu primeiro exílio, no Chile. Aí fez uma profunda amizade com o homem que depois se tornaria presidente com um programa socialista, Salvador Allende. Defensor da causa dos republicanos espanhóis, Genaro teve a sua segunda expulsão do país, desta vez para o Equador, de onde foi para o Panamá e o México sem perder o seu espírito militante. No México, fez também amizades nos meios intelectuais e da esquerda, e, ainda, entre políticos que depois ocuparam altos cargos na administração do Estado, como o presidente Luis Echeverría. Genaro Carnero escreveu mais de vinte livros sobre recursos naturais, análises de acção do imperialismo e outros temas ligados à sua actividade.

Mas a sua obra mais importante é a Federação Latino-Americana de Jornalistas, FE-

LAP, pela qual lutou a vida inteira e que se concretizou em 1976, quando foi fundada na cidade do México. Carnero Checa ocupou desde então o cargo de secretário-geral.

A partir do organismo continental dos jornalistas, lutou incansavelmente pela protecção ao profissional de imprensa e pelo respeito dos seus direitos profissionais. A sua palavra de ordem no trabalho da FELAP era «por um jornalismo livre numa pátria livre» e «enquanto lutamos, manteremos viva a esperança».

Uma das suas últimas reivindicações — surgida principalmente depois do assassinato na América Central de vários repórteres latino-americanos que co-



Genaro Carnero Checa

briam o desenrolar da luta daqueles países — era conseguir a protecção para os jornalistas em missões consideradas perigosas.

Na sua pátria, o Peru, a Câmara de Senadores rendeu-lhe uma homenagem póstuma. A sua morte foi anunciada com destaque em grandes manchetes de primeira página, merecendo edições especiais. Ele fundara, também, a Federação de Jornalistas do Peru.

Para a equipe dos **cadernos do terceiro mundo**, a morte de Genaro Carnero Checa toca-nos de forma muito especial. No seu posto de luta na Secretaria Geral da FELAP, Carnero sensibilizou-se muito com o projecto dos **cadernos**, que considerava uma parte importante do seu próprio projecto de criar um novo jornalismo nas nossas pátrias, quando elas conquistassem a sua libertação definitiva. Não foi por acaso que, em Fevereiro de 1977, quando os **cadernos** voltaram a circular no México, a cerimónia do lançamento tenha sido realizada na sede da Federação Latino-Americana de Jornalistas. E foi o próprio Genaro que fez um caloroso discurso, relatando o seu conhecimento de longa data com o nosso editor Neiva Moreira e a satisfação dos profissionais progressistas do continente em ver de volta os **cadernos do terceiro mundo** depois de ter que sair da Argentina.

À Maruja, sua incansável companheira, aos seus filhos e a todos os colegas da FELAP, a equipa dos **cadernos do terceiro mundo** faz chegar o seu pesar pela perda de um amigo da projecção e valor de Genaro Carnero Checa.

## Curso de política internacional

O Grupo Educacional «Equipe» e cadernos do terceiro mundo organizaram um curso de Política Internacional que teve lugar de 3 a 7 de Novembro em São Paulo. A iniciativa intenta promover novas formas de comunicação da nossa revista com os seus leitores e, para isso, contou com a valiosa contribuição da instituição que co-patrocinou o curso.

Os conferencistas foram José Montserrat Filho, Celso Ming, Jair Borin, Márcio Almeida, Moniz Bandeira e os editores da nossa revista, Neiva Moreira e Beatriz Bissio, assim como o nosso representante e correspondente em São Paulo, Paulo Can-

nabrava Filho que também coordenou o Seminário.

Os temas em debate foram a «Nova Ordem Económica Internacional», «A Política de Não-Alinhamento», «As Relações EUA-América Latina», «Organismos Internacionais» e «Perspectivas dos Países do Terceiro Mundo». Pelo caloroso acolhimento que a iniciativa teve e a experiência nela adquirida, no próximo ano a nossa equipa espera voltar a repetir o Seminário noutras cidades do país, assim como planear outros com temas igualmente importantes para quem deseja estar por dentro dos acontecimentos internacionais.



## Seminário de Comunicação

### Popular

### em

### S. Paulo

O IX Congresso Brasileiro de Comunicação Social, realizado este ano em São Bernardo, para discutir problemas da comunicação popular, conseguiu reunir mais de mil delegados, representantes de 23 Estados Brasileiros.

O Congresso, realizado de 15 a 19 de Outubro, teve lugar no Instituto Metodista de Ensino Superior, enti-

dade que patrocinou o encontro. Os temas básicos do Congresso foram: a prática da Comunicação nas organizações de base; o uso libertador dos meios de comunicação de massa nos movimentos populares; projectos de educação popular: comunicação ou dominação? E, por uma memória da comunicação popular: alternativas de documentação e recuperação.

Em 12 mesas redondas foram abordados diversos problemas da comunicação popular, tais como a alfabetização de adultos, a prática nas comunidades de base, técnicas de mobilização e de projectos, métodos para documentação e comunicação popular.

Participaram nas mesas redondas e na exposição de painéis, 165 delegados brasileiros e convidados de países

latino-americanos e do Caribe. Nos quatro dias de Congresso, foram realizados 30 painéis sobre diversos aspectos da comunicação popular.

Em nome de **cadernos do terceiro mundo**, o nosso representante em São Paulo, Paulo Cannabrava Filho, participou do Congresso com um trabalho sobre Comunicação dos Migrantes. «Saudosismo e Sobrevivência». Intervenção respeitante à comunicação entre os grupos de refugiados políticos através do mundo.

Tiveram ampla repercussão os temas relacionados com a terra e os trabalhos da Igreja na área rural, bem como as experiências com comunidades de base em bairros periféricos, o problema do índio, experiências com teatro e com histórias em bandas desenhadas.

# Pesticidas, o que não é bom para os EUA é bom para o Terceiro Mundo

*Empresas multinacionais  
enriquecem à custa do envenenamento  
e da morte de milhares de pessoas*

**S**EGUNDO a Organização Mundial de Saúde, anualmente 500 mil pessoas são envenenadas por pesticidas e 5 mil morrem em consequência dos seus efeitos. Um alto funcionário da Agência Internacional de Desenvolvimento (AID) calcula que a taxa de envenenamento por efeito de pesticidas é 13 vezes maior nos países em vias de desenvolvimento do que nos Estados Unidos, apesar dos norte-americanos utilizarem esses produtos em escala muitas vezes maiores do que os países subdesenvolvidos.

Estes dados fazem parte de um trabalho feito durante um ano pelo Instituto para a Política de Alimentação e Desenvolvimento. Baseado nesse estudo, os jornalistas David Cir e

Mark Schapiro inventariaram algumas das companhias que vendem pesticidas perigosos para o Terceiro Mundo, com um lucro de 350 bilhões de dólares por ano: *Dow, Shell, Chevron, Ciba-Geigy, Hoechst, Bayer, Imperial Chemical Industries (ICI), Dupond, Hooker, Union Carbide* e muitas outras.

Essas indústrias, como uma actualização diversificada, estão presentes também noutros sectores: medicina, petróleo, petroquímica, plásticos e minérios. Elas produzem anualmente dois bilhões de libras de inseticidas, herbicidas, fungicidas e raticidas, o que equivale aproximadamente a meio quilo do produto para cada habitante da terra, informam os jornalistas.

## Centro Experimental

O Instituto Centro-Americano para a Investigação da Tecnologia Industrial (ICAITI) revelou recentemente que nenhum país da América Central tem, em relação à utilização de pesticidas, regulamentação adequada ou capacidade para fazer cumprir as leis do sector. Portanto, segundo o Instituto, «a América Central converteu-se numa espécie de terreno experimental para as companhias produtoras de pesticidas».

Para Michael Moran, do Instituto Internacional de Investigação do Arroz, «o que acontece normalmente é que ninguém, nos países subdesenvolvidos, entende sobre o controlo e uso dos pesticidas». No entanto, não

nos devemos esquecer de um outro dado muito importante: a supressão e a eliminação deliberada das etiquetas nas embalagens do produto são também uma das causas do envenenamento do Terceiro Mundo.

Freqüentemente esses pesticidas têm uma etiqueta com a inscrição «somente para exportação», mas não menciona as advertências exigidas nos Estados Unidos. As técnicas para que as pessoas se protejam da excessiva exposição não são ensinadas, o que provoca a contaminação dos camponeses, assim como da terra, do ar, da água e da vegetação local. Análises feitas ao sangue, tecidos da pele e urina dos camponeses demonstraram a alta incidência, a níveis perigosos, de pesticidas já metabolizados.

Aliás, no ano passado, o governo colombiano multou seis grandes companhias por não colocarem etiquetas nos seus produtos e também por constatar a sua má qualidade. Além disso, o ICAITI denunciou que 85% dos pesticidas utilizados na América Central, sobretudo na cultura algodoeira, foram proibidos totalmente ou severamente restringidos nos Estados Unidos.

Aproximadamente 20% do total de pesticidas exportado pelos Estados Unidos são proibidos ou não autorizados no país. Mas o Instituto Federal de Insecticidas, Fungicidas e Raticidas (IFRA) dos Estados Unidos permite a exportação de produtos proibidos e não autorizados. Alguns governos da Europa do Japão dão facilidades às transnacionais que operam nos seus países com semelhantes privilégios.

### Consequências perigosas

Noventa e sete por cento da produção de pesticidas provém dos países capitalistas industrializados, exportando os Estados Unidos aproximadamente um terço da sua produção anual. Metade dessas exportações

destinam-se aos países subdesenvolvidos. Através das suas subsidiárias e filiais a nível mundial, as maiores corporações agro químicas compram e vendem produtos que os cientistas consideram agentes de cancro, esterilidade e que provocam defeitos congénitos e danos no sistema nervoso.

Segundo o médico Harold Hubbard, da Organização Panamericana de Saúde, «não existe nenhum controlo sobre a produção, o transporte, armazenagem, registo e distribuição dos pesticidas». As consequências dessa situação são assustadoras. A média dos níveis de DDT no leite das vacas guatemaltecas é 90 vezes mais alta do que o permitido nos Estados Unidos. Os habitantes da Guatemala e da Nicarágua têm 31 vezes mais DDT no seu sangue que os norte-americanos, que estão livres dos efeitos deste produto desde 1970,

quando foi proibido.

O ICAITI constatou que os pesticidas produziram mais de 14 mil envenenamentos e 40 mortos entre 1972 e 1975 nas regiões algodoeiras da América Central, na costa do Pacífico. As estatísticas, no entanto, não são totalmente reais, pois, de acordo com o Instituto, «alguns dos grandes produtores de algodão mantêm as suas próprias clínicas para impedir que os funcionários da Saúde Pública constatem o sério envenenamento causado pelos insecticidas nas pessoas».

O estudo do Icaiti revela ainda que o estudo do ICAITI revela ainda que se usa pesticida além do necessário — cerca de 40% — para se alcançar os objectivos a que eles se destinam. Além disso, denuncia também o desequilíbrio provocado no delicado sistema ecológico da região centro-americana.



Os pesticidas foram responsáveis por mais de 14 mil envenenamentos nas regiões algodoeiras da América Central

# Capitalismo internacional, a busca de novas fórmulas

*Até que ponto a actual crise mundial  
será apenas fruto de uma dificuldade passageira  
problemas de crescimento  
ou de conjunturas negativas?*

Ladislau Dowbor

**A**TÉ hoje ninguém se tinha preocupado em rever a ordem económica mundial, nem medida em que a miséria do Terceiro Mundo afectava apenas os seus habitantes. Hoje, essa preocupação está na ordem do dia, principalmente quando se constata que a crise de crescimento do Terceiro Mundo volta-se de maneira violenta contra o desenvolvimento do «Clube dos Ricos», dos países capitalistas industrializados que fazem parte da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

A realidade, simples e evidente, é que as «ilhas de prosperidade» no Terceiro Mundo (Abidjan, Seul, São Paulo, Dakar, Casablanca) não podem mais ser sustentadas por um mundo camponês esmagado, ou financiadas por matérias-primas vendidas a preços ridículos, ou ainda mantidas artificialmente vivas pelos empréstimos internacionais que ultrapassam hoje os 400 biliões de dólares de «apoio» ao desenvolvi-

mento. São Paulo, por exemplo, pode ter o seu sucesso explicado por meio de um cordão umbilical de 80 milhões de dólares de dívida externa, assegurando assim a sobrevivência do «milagre brasileiro».

O modelo sobrevive, desde 1974, com essa muleta e avança aos tropeções. Os peritos continuam a estudar os projectos de desenvolvimento. E o sr. De la Rosière, presidente do Fundo Monetário Internacional (FMI), desespera-se com as dificuldades de absorção de investimentos pelos países mais pobres.

## Exploração do campesinato

A realidade é bem visível: na África Ocidental, por exemplo, um mês de trabalho de um assistente técnico especializado custa, no mínimo, 5 mil dólares. Isso representa, em termos de arroz exportado, 15 toneladas. Para o pagamento, relativamente barato, de um ano de assistência téc-

nica de um agrónomo o país deverá exportar 180 toneladas de arroz, o que equivale ao trabalho de pelo menos 150 pessoas num ano. Há ainda um outro exemplo no mundo moderno e «dinâmico» da indústria. A fabricação de automóveis e, em termos genéricos, de bens de consumo duráveis, constitui o essencial da descentralização industrial do «Clube dos Ricos». Resultado: o pagamento da dívida externa será conseguido com as exportações camponesas. Por outras palavras: cada milhão de dólares ou três mil toneladas de arroz correspondem ao trabalho anual de quase três mil camponeses.

Essa situação seria resultado da baixa produtividade dos camponeses? Evidentemente que não. Não será através da fabricação de automóveis ou de bens de consumo escrupulosamente chamados de «substituição de importações» que a produtividade camponesa aumentará.

É fácil verificar que o peso maior não recai sobre o custo da fábrica. Há a necessidade da compra de peças de reposição, do combustível e da energia para esses carros ou aparelhos de ar condicionado, bem como o pagamento da assistência técnica e das sucessivas modificações tecnológicas. Enfim: criar um canal permanente de evasão de divisas que assegurem o funcionamento da unidade de produção.

Haveria contrapartida nesta inversão de capital, favorecendo o aumento da produção geral? Podemos demonstrar, no papel, que cada unidade produzida no país custa menos em divisas por unidade do que a importação do produto final. E, além do esmagamento do campesinato sob o peso das ilhas tecnológicas, solidamente vinculadas aos países industrializados por iniciativas que não têm impacto positivo sobre a produção do mundo rural, verifica-se que os efeitos desse investimento são mínimos ao lado da esterilização da poupança interna, provocada pelas aplicações dos particulares e das administrações públicas em bens de consumo duráveis, quando poderiam investir em sementes, adubos, ferramentas agrícolas ou em unidades de produção dessas mesmas ferramentas.

### Manutenção do absurdo

O modelo cria empregos? O problema do Terceiro Mundo não é encontrar empregado para os trabalhadores especializados que saibam operar máquinas. Um bom mecânico ligado à produção ou reparação de bens de consumo duráveis é um técnico a menos para a manutenção dos bens de produção. Sabemos como esse problema é grave. Porém, além disso, cada unidade instalada capta uma capacidade local de gestão e de organização que constitui um dos elementos mais raros nos países do

Terceiro Mundo. É muita pretensão fornecer emprego a uns poucos dos mais capazes — e os salários relativamente melhores garantem essa captação.

Deveriam os países do Terceiro Mundo escolher uma outra via de desenvolvimento, isto é, não assinar esse gênero de contrato? Será que ainda é preciso explicar, em qualquer parte do mundo, a gigantesca onda de corrupção produzida pelas empresas multinacionais, sustentada pelos Governos nacionais e, conforme o caso, transformada em persuasão militar para garantir que o modelo de desenvolvimento seja exactamente aquele que se traduz no esmagamento do mundo camponês (para o Terceiro Mundo trata-se de mais de três quartos da população)? Para a conservação dessas pequenas ilhas é necessário assistência técnica e inovações tecnológicas importadas a preços exorbitantes.

Até que ponto o hábito do desperdício tornou as pessoas insensíveis ao absurdo do hotel Taranga de Dakar, do Maksoud de São Paulo, do Novotel de Libreville e ao gigantesco fluxo de sacrifícios, de trabalho camponês cotidiano que esse modelo significa? Até que ponto nos tornamos insensíveis à própria problemática da dignidade do homem do Terceiro Mundo?

A grande novidade é que essas ilhas, esses milagres tipo Teerão do tempo do Xá, tipo São Paulo com dezenas de modelos de carros de luxo produzidos em diferentes linhas de montagem, custam muito caro. Muito caro para o camponês, pois não se consegue extrair mais dos seus parcos recursos e muito caro para o governo, devido à necessidade do crescente complemento de divisas necessárias para essa experiência. Mas, muito mais caro também para um *Chase Manhattan* ou um «City Bank que têm, hoje, quase metade de seus bens ligados ao desenvolvimento bra-



Um milhão de dólares ou 3 mil toneladas de arroz correspondem ao trabalho anual de quase 3 mil camponeses.

sileiro e que não sabem o que fazer, agora que o Brasil se abeira dos 80 bilhões de dólares em dívidas, sem que a diferença entre a necessidade de divisas para manter o sector moderno e a capacidade de produzi-las pare de crescer. Há cinco anos, entre 1975 e 1980 — o mundo é testemunha — as condições de empréstimo ao Terceiro Mundo vêm-se tornando visivelmente mais duras, com uma nítida elevação da taxa de juros médio dos empréstimos destinados ao desenvolvimento.

O petróleo é o culpado? É uma desculpa já gasta, uma piada sem graça. As empresas multinacionais de petróleo obtiveram lucros líquidos, em 1971, de 27,5 bilhões de dólares, cifra próxima do preço dos serviços da dívida de todo o Terceiro Mundo para 1980 (cerca de 40 bilhões de dólares). O petróleo é um dos elementos que restabeleceu um mínimo de equilíbrio para alguns países pobres (produtores), e desequilibrou parcialmente a situação interna

do Terceiro Mundo, pois a alta dos preços repercutiu-se nos países subdesenvolvidos. Os 27,5 biliões de dólares são lucros das multinacionais dos países da OCDE computados sobre o petróleo.

Da mesma forma que em 1929, quando o capitalismo não conseguia mais avançar sem aumentar a área social do seu mercado, por meio de uma modificação radical da estrutura do lucro, agora, a máquina capitalista não pode mais funcionar sem promover a entrada, na sua área de consumo, da massa dos três-quartos da população que vivem nesse sistema.

### Distorções

O capitalismo já teria sido justo em algum lugar? No entanto, não é essa a questão. O facto é que esse modo de produção saiu do marasmo dos anos 30 por meio da II Guerra Mundial e da modificação profunda da distribuição do rendimento. Eis alguns números: em 1920-29, a parte dos salários, na receita nacional do Reino Unido era de 59,7%, de 68,8% em 1940-49 e de 72,4% em 1950-59. (1). Ainda na Grã-Bretanha, os 10 por cento mais ricos detinham 33 por cento do rendimento nacional em 1938-39 e 20 por cento em 1966-67. No decorrer do mesmo período, a parte do rendimento nacional para os 5 por cento mais ricos passou de 25 para 13 por cento. Nos Estados Unidos, os 0,5 mais ricos detinham 28 por cento da riqueza em 1939; em 1945, 20,9 por cento e 19 por cento em 1949 (2).

### Facto político

É preciso muita falta de senso de humor para não morrer de rir diante de propagandas do estilo «uma laranja para o Terceiro Mundo», enquanto apenas um dos ditadores corruptos deposita nos bancos ocidentais uma fortuna pessoal de quase 20 biliões de dólares, que equivalem a metade do preço dos serviços da dívida para a totalidade do Terceiro Mundo.



Os ricos ficam cada vez mais ricos...

É uma demonstração de total falta de consciência não perceber a gravidade do problema do aumento da miséria e o ridículo dos remédios adoptados para o seu combate.

O capitalismo necessita, de facto, maior espaço para agir. A relativa calma do Terceiro Mundo só pode ser mantida à força de um número cada vez maior de ditaduras sangrentas. Essas ditaduras, na realidade, perdem a força. A democracia ocidental é também a ditadura no Terceiro Mundo. A humanidade não pode mais dar-se ao luxo de um desenvolvimento elitista, quando a maioria no Ocidente e minorias no Terceiro Mundo vivem do esmagamento económico de três quartos da população.

Será necessário um Keynes ou um Roosevelt para explicar que o problema não reside nas técnicas económicas, no padrão ouro ou no Direito Especial de Saque, mas sim no facto político do desequilíbrio crescente do desenvolvimento capitalista?

Para alguém que trabalhe em planejamento do desenvolvimento é fácil ver os projectos do Terceiro Mundo se derreterem como bonecos de neve ao sol.

### Círculo vicioso

De facto, tanto o caminho que bloqueia o desenvolvimento como o que a ele conduz são amplamente conhecidos. O primeiro consiste numa exploração desenfreada do campesinato do Terceiro Mundo, desse gigantesco novo proletariado do Mundo. A sua produção está vinculada à acumulação dos países capitalistas desenvolvidos, seja directamente pela exploração ou, indirectamente, pela transferência do excedente rural para minorias urbanas. Uma característica fundamental e comum, nos dois casos: o excedente não fica no campo, é dividido entre a elite comercial ou industrial urbana e os países desenvolvidos. Dessa forma, o campesinato não consegue romper o círculo vicioso do atraso técnico, em virtude da impossibilidade de uma acumulação rural que permita colocar em marcha uma revolução agrária real. Ao mesmo tempo, a sua pobreza impede-o de tornar-se um mercado viável para o sector moderno. Vale a pena lembrar que é a capacidade de compra que determina um mercado nesse sistema e não o número de habitantes. Assim, não adianta os empresários serem nacionalmente decididos a investir no interior, por exemplo, pois não encontrarão mercado com suficiente dimensão social.

Por sua vez, a indústria vê-se obrigada a produzir para a elite rica e para o estrangeiro, a fim de completar o financiamento em divisas do equipamento importando e escoar o excesso de produção. A agricultura e a indústria voltam-se para o exterior transformando o país em monstros urbanos modernos e luxuosos, ao lado de uma explosiva miséria. Como escolher outras tecnologias no momento em que os produtos industriais entram em concorrência no mercado interno com as grandes empresas multinacionais?



## Prioridades

Sendo camponesa a base da massa trabalhadora, é preciso que o desenvolvimento seja orientado no sentido de reforçá-la, para que as ilhas modernas não fiquem suspensas no ar, alimentadas pelo cordão umbilical do mundo desenvolvido. Isto significa atacar dois problemas-chaves: a produtividade e o autoconsumo.

O primeiro exige prioridade de bens de produção para a agricultura. São os adubos, pás, carrinhos-de-mão, semeadoras, descascadoras, enxadas, equipamento para tracção animal, material raramente disponível no Terceiro Mundo neste século de «revolução tecnológica». O segundo exige que as políticas de importação e de industrialização sejam decididamente orientadas para satisfazer as carências do mundo rural em bens de consumo de primeira necessidade. Não é difícil estimular os trabalhadores rurais a aumentarem a sua produção e trocá-la em maior escala com produtos industriais, garantindo dessa forma a expansão do mercado interno. A partir do momento em que o camponês disponha de certa estabilidade no seu processo de acumulação rural e de um excedente suficientemente confortável para dele tirar proveito (sem que o ritmo de investimentos e modernização, nem o poder aquisitivo para produtos industriais sejam prejudicados em demasia), poder-se-á aumentar gradualmente a sua participação no financiamento do desenvolvimento do sector moderno e de novas iniciativas, como a construção de belas capitais.

## Ilhas industriais

Além da sua orientação totalmente divorciada de um processo de acumulação interna (o fenómeno, de longe, mais importante), é preciso realmente constatar que essa industrialização do Terceiro Mundo corresponde à constituição de algumas

ilhas industriais. O relatório da ONUDI (Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial) a respeito do valor de manufaturados no Terceiro Mundo, entre 1966 e 1979, constata que só o Brasil, quer dizer, essencialmente São Paulo, concentra 23,9% desse valor, isto é, praticamente a sua quarta parte. Se acrescentarmos o México, Buenos Aires e Seul, teremos para mais da metade da produção industrial do Terceiro Mundo (3).

É preciso deixar isto bem claro, mesmo que seja desagradável: o abismo entre o Terceiro Mundo e o «Clube dos Ricos» é hoje demasiado profundo para que a exportação industrial (quer dizer, a simples extensão ao Terceiro Mundo dos modelos de produção e de soluções tecnológicas generalizadas nos países ricos) seja possível. O nível do rendimento interno, o nível da mão-de-obra, o modelo de consumo e o tipo de carências, são muitíssimo diferentes.

Falemos do futuro. Podemos alinhar os números e dados que quisermos. O Clube de Roma lembra-nos que, entre 1970 e 1975, o Norte teve um acréscimo de 180 dólares de rendimento por habitante por ano, o Leste de 80 dólares e o Terceiro Mundo de 1 dólar (4). Quanto ao



...e os pobres cada vez mais pobres

Banco Mundial, ele constata que os países pobres da África tiveram um aumento no Produto Interno Bruto por habitante de 1,6% durante a década de sessenta, de 0,2% na década de setenta, e que «o crescimento nos países subdesenvolvidos importadores de petróleo deverá ser sensivelmente mais baixo no período 1980-85 do que durante a década de 1970 e mais baixo ainda do que a média dos anos sessenta» (5).

Não é, portanto, só o custo da transferência de tecnologia que deve ser radicalmente mudado, mas também o tipo de tecnologia e as linhas de produção. Não se faz uma simples extensão de produção passando-se do mundo que, em 1980, teve um rendimento *per capita* de 10 mil dólares para um mundo que teve um de 500 dólares, sem falar de mais de um bilião de pessoas desses países que tiveram 200 dólares ou menos de rendimento *per capita*. Será necessário produzir para o Terceiro Mundo, ou mais especificamente, dar-lhe a possibilidade de produzir por si mesmo. As ilhas das multinacionais no Terceiro Mundo compreenderam esta nova situação. Os governos ocidentais também começam a compreender isso, constatando o refluxo da sua expansão. □

- (1) Phyllis Dean e W. A. Cole, British Economic Growth 1688-1959, Cambridge University Press, 1969, pág. 26-27.
- (2) James Smith e Stephen Franklin, The Concentration of Personal Wealth, 1922-1969; New Dimension of Economic Inequality, The American Economic Review, Maio 1974.
- (3) UNIDO, World Industry since 1960, United Nations, New York, 1979.
- (4) Maurice Guernier, Le Monde, 29 de Agosto de 1980.
- (5) The World Bank, World Development Report 1980.



# Los Olimareños: a canção que fica é que vale

*Trabalhando e cantando no exílio,  
ese duo popular uruguaio  
desafia a ditadura que os expulsou do país  
mas não conseguiu apagar a sua música  
da memória do povo*

Olimar é um rio que atravessa o departamento (estado) de Trinta e Três, no leste do Uruguai. Bráulio López e José (Pepe) Guerra dele tomaram seu nome quando, há vinte anos, começaram a cantar juntos a suau terra e a seu povo. A música dos Olimareños, fresca, sonora, alegre, é reconhecida hoje internacionalmente como uma das melhores expressões da canção latino-americana. Mas, antes disso, foi reconhecido pelo povo uruguaio como uma autêntica expressão do seu sentir. A prova disso está na tiragem de mais de cem mil cópias de um só dos seus vinte discos, num país de menos de três milhões de habitantes.

De passagem pelo México, Bráulio e Pepe conversaram com cadernos do terceiro mundo

*Que papel desempenharam os Olimareños no Uruguai?*

— Quando nós começámos a cantar, no Uruguai, escutava-se a folclore argentino e os de outros países, mas não o uruguiaio. Os cantores não olhavam para si mesmos.

Creio que nós, juntamente com outros companheiros, fomos os precursores, perto de 1961, de um movimento de reencontro com a música popular uruguiaia. Esse movimento, que por volta de 1966 já era muito importante, com figuras como Daniel Viglietti, Alfredo Zitarrosa, José Carbajal El Sabalero e outros, estabeleceu para si a necessidade de cantar não só aquilo que nosso povo tinha cantado, como também letras que reflectissem as suas aspirações de forma mais directa. E como a situação económica se agravava e se intensificavam as lutas sociais, essas músicas adquiriram um conteúdo cada vez mais violento.

Nós comprometemo-nos, como *muita gente*, com uma corrente política e, como tantos outros, fomos censurados. Fomos proibidos de voltar a gravar no Uruguai.

Depois do golpe de Estado (*explica Pepe Guerra*), Bráulio foi à Argentina e eu fiz umas duas apresentações em Montevideo. Levaram-me preso e disseram-me que nem sequer podia aparecer num cinema, porque eu representava uma imagem que eles queriam apagar. Nem mesmo podia andar pela avenida 18 de Julho cumprimentando as pessoas. Nessa época, Bráulio foi preso em Buenos Aires de onde o deportaram para a Espanha, depois de um ano de cadeia.

Assim, só recentemente voltámos a encontrar no exílio. No exterior, gravámos um novo disco e não nos queixamos da sorte em termos artísticos. Queixamo-nos, como todos os exilados, de não poder estar na nossa terra.

*No seu último disco, Los Olimareños continuam a cantar, entre outros ritmos, as músicas do carnaval uruguiaio, o que é surpreendente para quem, no exterior, tem uma imagem musical do rio da Prata que se reduz a dois aspectos: o tango e o folclore rural.*

— No Uruguai havia formas musicais que eram intocáveis para os intelectuais. A música dos tablados (palcos desmontáveis, ao ar livre, nos bairros) nunca foi levada a sério pelos cantores e editoras discográficas. E perguntámo-nos: porquê? Se isso é, talvez, o mais autêntico que temos?

Por isso começámos a fazer can-dombe, e a fazer músicas de ritmo carnavalesco.

Talvez os Olimareños nunca possam fazê-lo como faz o próprio povo no carnaval. As letras têm a sua peculiaridade, são cantadas de determinada maneira, que nós imitamos.

Mas nem sempre sai.

*Não é a mesma coisa, mas se chegam ao povo...*

— O que acontece é que nós somos «canários», como nós chamamos lá às pessoas do interior. Somos de origem muito humilde, viemos de baixo e isso serviu-nos para ver melhor certos problemas, para saber como dizertaloutacoisa. Às vezes dizem-se coisas através de um dedilhado de violão.

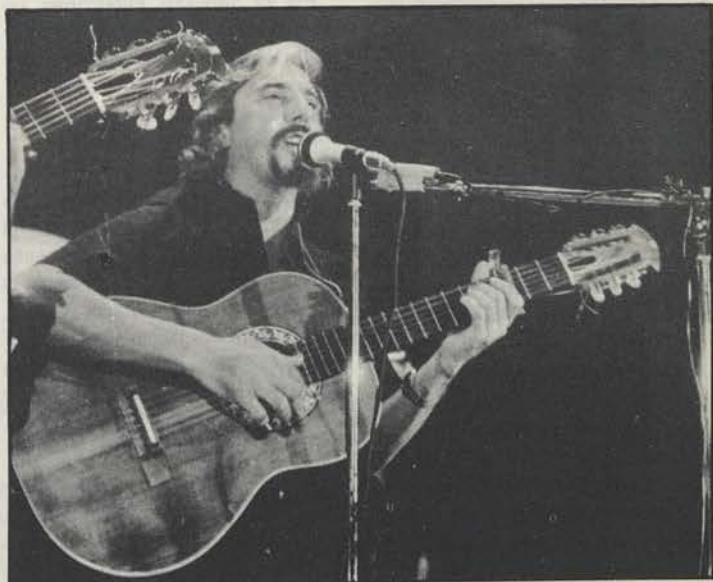
Não é só a letra.

*Como explicam, então, que essa mesma música consiga a aceitação de um público internacional tão variado?*

— A música popular tem formas muito comuns entre os povos. Pode parecer diferente de um país para outro, mas tem raiz semelhante. O público percebe quando uma música é popular e quando é elitista. Talvez por isso os Olimareños «cheguem» a outros povos, como na Europa, onde o seu canto pareceria um tanto estranho.

*O exílio afecta-os?*

— Tremendamente. Sentimos muita saudade. Nós estávamos acostumados a actuar por todo o país, até nas aldeias mais esquecidas. Talvez o



Pepe: uma imagem que a ditadura uruguiaia queria apagar

que mais dê saudade seja o calor das pessoas.

*Isso repercute-se na criação?*

— Quem é criador na sua pátria, também o é no exílio.

Mas, claro, agora cantamos músicas de ausência, que não cantávamos lá.

*O que pensam os uruguaios dessas músicas? Eles conhecem-nas?*

— Estamos em contacto com amigos do Uruguai. E ficamos muito alegres com o que os companheiros cantores estão por lá a fazer. Apesar de todas as carências e dificuldades, conseguem gravar discos e colocar as mensagens neles.

Um amigo escreve-nos que estava a ouvir na Rambla de Montevideo uma cassette com o nosso último disco e, daí a pouco, havia 25 pessoas em volta perguntando-lhe onde tinha conseguido. Essas coisas reconfortam. Nenhum cantor popular caiu no esquecimento no Uruguai, Zitarrosa, Viglietti, Numa Moraes, El Sabalero e tantos outros ficaram nas pessoas. E as gerações de cantores que estão aparecer parece que seguiram os nossos passos. Alguns cantam músicas nossas — as que a censura permite cantar — como uma forma de protesto e de luta.

#### **De mãos dadas com o povo**

*O exílio, com certeza, permitiu-lhes aproximar-se mais de outras experiências de música popular. Que pensam dos novos caminhos que os cantores latino-americanos estão procurando?*

— Quando se procura novos caminhos, corre-se o perigo de nos desviarmos do verdadeiro. O povo assimila de todos os artistas e, em definitivo, é ele quem cria as suas coisas. A Nueva Trova cubana, por exemplo, está a fazer coisas muito bonitas. Mas eu queria saber se o povo cubano é

como a Trova ou se a Trova é como o povo.

Nesse «é», é que está o problema. Há experiências lindíssimas, mas não se pode ir tão à frente do povo que ele não siga os nossos passos. Tem que se ir com ele, simplesmente.

*Por vezes há temas que assimilam reivindicações populares, que cantam a revolução e, no entanto, não chegam às massas.*

— Se não gostam é porque não têm uma raiz popular. Algo falha. A forma de interpretá-lo, a melodia, a letra, talvez. Nem todas as músicas ficam na memória das pessoas. E se um cantor tem um repertório muito amplo e nenhuma de suas músicas fica na memória do povo, algo falha. Mas se fica só uma... A música que fica é que vale.

*Que músicas dos Olimareños «ficaram»?*

— Por sorte, umas tantas: A Simón Bolívar, Milonga del Fusilado, Orejano, a Don José, La Niña de Guatemala, De Conjinillo.

*Em El Salvador publicaram recentemente um livro em que aparecia a letra de Milonga del Fusilado, que é do uruguaio Carlos Maria Gutiérrez, atribuída a um poeta anónimo salvadorenho caído em combate...*

— Isso é que é bonito nas músicas. A gente faz com que elas voem. As pessoas fazem-nas suas e a gente já não as pode mais reclamar. Eu penso que o máximo a que aspiramos, a maior gratidão que podemos receber, é que as pessoas façam sua uma música e que esqueçam quem a fez ou quem a cantou. Isso não importa. A música cumpriu a sua função. Está na memória do povo.

#### **Não se apaga por decreto a memória popular**

*Vocês não acreditam que a actual proibição de toda uma geração de*

*cantores populares, no Uruguai, pode apagar essa memória?*

— Não. Estou muito seguro de que a raiz está viva. E a prova está em que os novos cantores que aparecem no Uruguai imitam Zitarrosa, Viglietti, Los Olimareños. E a nível comercial, as gravadoras que antes editavam os nossos discos, ou de outros companheiros que agora estão proibidos, têm de fabricar imitadores para vender.

Sim, a raiz é forte! Isso está vivo, embora seja por outras vezes.

*Os Olimareños não têm medo de perder o vínculo com essa raiz?*

— Pensamos que o exílio tem coisas a favor e coisas contra. O positivo é a experiência que se vive com as pessoas de outros países. O negativo é que não deixa de ser outra gente. E isso limita. Não a criação, porque pode-se criar numa cela, num avião ou num poço. Pode-se criar tanto na Espanha como nas margens do Olimar

Mas limita o repertório. Há músicas que precisariam de uma grande explicação para serem cantadas fora do Uruguai. E, então, não podemos cantar coisas que gostamos muito, que falam da nossa gente, dos nossos costumes.

*No entanto, pelo último disco dos Olimareños parece que foi feito com a cabeça no Uruguai.*

— Claro. Por mais galhos que apareçam, a raiz mergulha sempre aí...

*Qual é então, a mensagem, que vocês querem transmitir à vossa gente?*

— Que, por mais que nos quisessem matar por decreto, estamos vivos. Nós não vamos fazer a revolução em cima de um palco, mas podemos, sim, ganhar uma batalha só por demonstrar que continuamos vivos. □

# Glória Guardia, *uma cronista da história*



*Neta do general Benjamim Zeledos,  
herói liberal nicaraguense  
e percussor de Sandino,  
a escritora considera fundamental  
o comprometimento do intelectual com a sua realidade*

Beatriz Cannabrava

**G**LÓRIA Guardia meio nicaraguense meio panamiana, romancista, crítica literária, cronista da sua realidade, confessa-se uma mãe de família que escreve nos momentos de lazer.

«É muito difícil precisar o que é realmente o fundamental em tudo isso», diz-nos enquanto olha o mar do alto de um penhasco sobranceiro a uma das lindas praias do Pacífico.

Casada com o economista Ricardo Alfaro, mãe de uma filha, Glória publicou o seu primeiro romance, em 1961, em Espanha, com o título «Treva Branca». Em 1966, com «Despertar sem raízes», ganha, no Panamá, o Prémio Miró de novela. Em 1976, o seu livro «O último jogo» conquista o Prémio Centro-Americano de novela. É o seu primeiro livro «político».

Glória adora ler e é uma amante da música clássica, embora reconheça que cada dia se sente mais identificada com a música latino-americana. Actualmente, escreve crónicas sobre a realidade panamiana e centro-americana, contos curtos do «real maravilhoso» latino-americano e prepara uma biografia do seu avô, o general Benjamim Zeledon, herói liberal nicaraguense, cujo nome viria a ser adoptado pela Frente Sul do Exército Sandinista durante a Guerra civil na Nicarágua.

No Panamá, onde vive, Glória Guardia falou para os **cadernos**.

*Glória, fale-nos um pouco de você...*

Venho de uma família liberal. A minha mãe é filha do general Benjamim Zeledon, herói liberal da Nicarágua. Meu pai, ainda que proveniente de uma família conservadora, adere ao liberalismo aos 30 anos de idade. Daí a minha evolução dentro dos ideais liberais e de libertação.

Mas, apesar dessa boa base, eu diria que o meu momento de mudança dá-se durante os meus anos de Universidade, pela influência que recebi dos meus professores, grande parte deles espanhóis republicanos.

*Onde estudou?*

Primeiro nos Estados Unidos. Quase todos os intelectuais refugiados da Guerra Civil Espanhola vão para a Universidade de Columbia, no leste dos Estados Unidos. Aí, estudo sob a orientação do irmão de García Lorca e da irmã de Salvador Madariaga. São eles que me dizem que devo ir a Espanha. Afirmavam-me: «não basta o nosso testemunho, você tem de ver o que sobrou...»

Foi através dos meus professores que me vinculo aos republicanos, que, entretanto, haviam regressado, como, por exemplo, a viúva de Ricardo Baeza e, em geral, com a intelectualidade espanhola. E então vejo uma Espanha que muitos poucos tiveram a oportunidade

de ver. Agora reconheço que foi esse testemunho que modificou a minha vida. Foi lá que ouvi as histórias das batalhas, de como mataram García Lorca... Ouvir isso dos próprios protagonistas, dos irmãos, dos amigos, não é a mesma coisa que ler um livro ou uma reportagem, por muito bem escrita que seja. O meu horizonte ampliou-se e deu-me uma visão, que, de outra maneira, me teria sido negada, quer pelas minhas origens, quer pelo mundo fechado em que vivia. É a visão muito ampla do que é o massacre de um povo.

*O seu marido compartilha essa evolução, essas ideias?*

Sim. Curiosamente, a grande influência que ele sofreu também provém da Guerra Civil de Espanha. A sua família também é liberal, o seu avô, Ricardo, J. Alfaro, além de Presidente do Panamá, foi um líder liberal não só do Panamá, mas do continente. De forma que as nossas origens são muito parecidas e com uma evolução similar. Depois continuámos a evoluir juntos, como teria de ser, não poderíamos ficar só pelo liberalismo... seria parar.

*De regresso da Europa, como toma consciência da realidade do seu país, da América Central?*

Como sabe, é uma questão de tempo. A gente vai amadurecendo à medida que nos vamos enraizando no acontecer nacional, centro-americano, latino-americano. E esse compromisso aumenta a partir dos anos 70, quando adquirei mais e mais consciência. Em 1974, vou à Nicarágua, a Solentiname, e aí adquirei uma vez mais vivência da vida comunitária realizada nessa ilha do lago Nicarágua pelo padre Ernesto Cardenal. Isso aproxima-me das minhas raízes nicaraguenses. Ao mesmo tempo mostra-me o que é o compromisso de um intelectual com a sua realidade. Faço reportagem onde transmito, muito sentimentalmente, essa experiência. Mas, curiosamente, o livro que sai dessa viagem é o «Último jogo». Porque escrevo esse livro? Percebo que tenho um compromisso e que o meu dever é dar testemunho, como romancista, do que significa uma classe social estar a ponto de se quebrar. E de dentro — sim, porque eu integro essa classe — apontar as causas.

*Nesse livro você transfere um sequestro ocorrido durante uma recepção diplomática, em Dezembro de 1974, levado a cabo pela Frente Sandinista, para o Panamá. O que significa aparentemente, que você identifica as duas realidades, ainda que na Nicarágua houvesse uma férrea ditadura de mais de 40 anos e no Panamá tenham-se dado mudanças políticas tão importantes? É isso?*

E precisamente isso o que quero comprovar. Que a nossa realidade latino-americana é idêntica. Claro que há diferenças, como você assinala, mas, em geral, as classes conduzem-se dentro de um mesmo padrão de comportamento e de um padrão ideológico. E aí se encontram

## A biografia do avô

*Neste momento sei que está a trabalhar na biografia do seu avô...*

Estou sim. Foi Sérgio Ramirez quem me sugeriu que escrevesse essa biografia. Até aí eu não tinha pensado nisso. Curiosamente, para mim o general Zeledon era meu avô, o esposo da minha querida avozinha. Mesmo sabendo que ele era um herói, nunca consegui vê-lo como um homem político.

A morte do meu avô era tabu. Ninguém queria falar nisso. Primeiro, foram uma quantidade de anos de governo conservador, do Partido Conservador da Nicarágua, que foi o executante do crime. Depois os 46 anos de Somozas. Durante todo esse tempo a figura do meu avô foi silenciada. Agora comprometo-me realmente não só em resgatar a sua figura, como me envolvo nesse resgate. Tenho um compromisso com a América Latina. Sou herdeira da ideologia do meu avô, que era um nacionalista, um anti-imperialista e que morreu assassinado por causa das suas idéias. Os que o enforcaram foram lacaios conservadores, mas a ordem veio, então, do próprio Departamento de Estado norte-americano. Colocaram a sua cabeça a prêmio por um preço altíssimo, porque sabiam que ele era um internacionalista, que não falava por falar e sabia o que estava a fazer. O meu avô pertenceu à *Oficina Panamericana*, organismo que precedeu a Organização de Estados Americanos (OEA), e foi aí que percebeu as idéias imperialistas dos Estados Unidos e foi um dos primeiros a defini-las.

*Em que ano foi isso?*

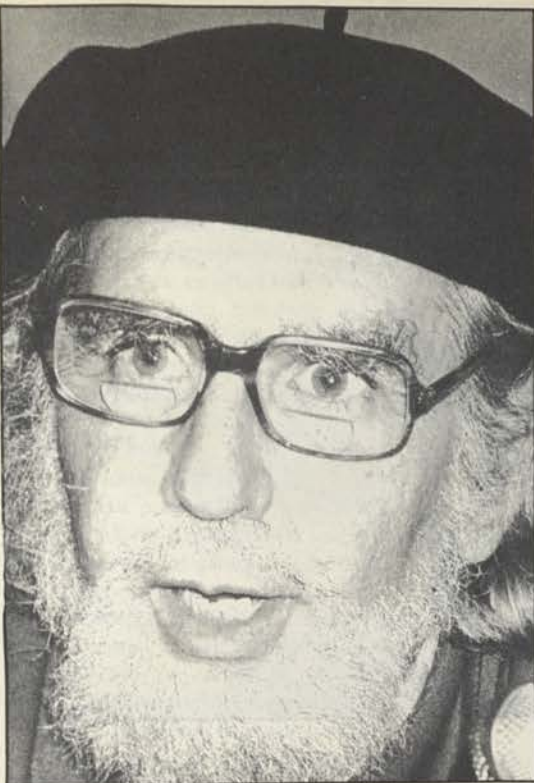
O meu avô morreu no dia 4 de Outubro de 1912. Depois da sua morte é que se dá a intervenção norte-americana. Ele havia dito: «Se a minha morte servir para alguma coisa, que sirva para que a história saiba que aqui houve uma intervenção».

A sua figura não só foi relegada ao esquecimento como foi ultrajada, porque foi ele quem ousou levantar a cabeça contra o intervencionista — «... escolho a morte porque não quero que na minha terra, a terra que me viu nascer, ondule outra bandeira que não seja a nicaraguense», escreve no seu testamento político.

*A morte do general Zeledon impressionou muito Sandino...*

Definitivamente. Sandino começa a sua militância precisamente nessa altura. O meu avô é enforcado, o seu cadáver é ultrajado e Sandino presencia. E testemunha e jura vingar essa morte. Nas suas memórias, Sandino fala desse momento: «Sou um continuador da obra de Zeledon. Honrar ao que se sacrifica, honra.»

Esse foi o seu momento de transição. Com uma diferença: o meu avô era um internacionalista, acreditava que podia vencer através do direito internacional. Fez a guerra porque era seu dever. Mas não faz a



**Ernesto Cardenal, o exemplo de um intelectual comprometido com a sua realidade**

também os «demónios pessoais». Eu exorcizo-os. Lembre-se que sou meio nicaraguense, meio panamiana. E é no livro onde se fundem essas realidades, porque no ser humano não existem fronteiras.

*Com esse livro obteve o Prémio Centro-americano de Novela. Não foi?*

Sim. O livro foi muito bem recebido pela crítica, o que não aconteceu com a geração dos meus pais, que o entendeu como um ataque pessoal. A minha geração não, aceitou-o tal como era. O que é um sinal de que essa geração sabe onde estão as raízes da decadência.

*Todavia, o personagem do livro é um homem da sua geração...*

Sim, eu escrevo a partir da sua visão. O romancista não pode inventar. Escrevo do ponto de vista da minha geração, mas a partir daí situo as outras gerações. Os pais e avós do personagem são meus pais e nossos avós. Por isso eles se sentiram directamente atingidos.

*Foi esse o seu primeiro livro político?*

Foi. Os anteriores eram de fundo pessoal. Este é um romance que pode ser considerado maduro, onde me dispo do que é pessoal, para entrar num âmbito latino-americano, sem que, contudo, deixe de ser pessoal. Porque é impossível desvincularmo-nos de nós mesmos.



Uma participação feminina de massas na Nicarágua

guerrilha. Sandino percebe que não é esse o método e procura outra alternativa. Vê que é preciso fazer a guerrilha, a única forma de vencer o imperialismo.

O meu avô conservou sempre muita lucidez. As suas últimas palavras foram: «Canalhas, matam-me porque lhes quero dar Pátria».

#### Nos arquivos dos «Marines»

*Como conseguiu fazer essas investigações na Nicarágua?*

Bem, na Nicarágua não havia assim tanta coisa. Havia o arquivo do meu avô, que a minha avó tinha guardado durante sessenta e tantos anos, intacto e nunca o havia mencionado. Fui lá e resgatei-o. Para a minha avó era uma ferida tão profunda, tão pessoal, que não queria falar nisso. Só no seu leito de morte, a meu pedido, é que ela me contou alguma coisa.

Além do que pude resgatar na Nicarágua, tive acesso também aos arquivos dos «Marines». Aí fui dar, inclusive, com a ordem de assassinato dada pelo Departamento de Estado, em Setembro de 1912. Viria a ser executada um mês depois.

*Quando é que pensa publicar essas memórias?*

A investigação está pronta, só falta redigir, mas o que há são problemas pessoais. Não é fácil o que tenho para dizer, principalmente para a minha mãe. Ela não sabia como tinha morrido o seu pai. E muito duro para ela ter que enfrentar a sua própria realidade.

*Hoje, se olharmos para a América Central, vemos que a luta de libertação é uma constante, desenvolve-se de forma intensa. Como vê o papel do intelectual nessa luta?*

O intelectual tem, a meu ver, dois papéis. Primeiro no plano das idéias. Desde a Revolução Francesa é o intelectual que verbaliza, concretiza, talvez, a natureza do pensamento revolucionário, ou seja, é quem sistematiza o que são as ideais de libertação. Passada essa etapa, parece-me que o intelectual deve-se comprometer na própria luta. Como? O intelectual é a testemunha. E o terceiro olho na luta. Ou seja, se escreve o que vê, a luta adquire uma outra forma. Aquele que não participa diretamente, envolve-se através da palavra escrita.

*Um trabalho jornalístico?*

Exactamente, de cronista. O cronista da história. Seja romancista, seja poeta. Em cada género. Em tudo. E sempre a testemunha. Acho que um escritor que não se comprometa com a sua realidade não cumpre a sua missão nem a sua função na sociedade.



## O intelectual, um «despertador de almas»

*E além de comprometer-se, o escritor compromete o seu público...*

Em absoluto. Unamuno diz: «E um despertador de almas».

*Glória, quais foram os seus «despertadores»?*

O primeiro grande impacto foi justamente Unamuno. Quem me falava de um homem de carne e osso. Com ele, pela primeira vez, eu situei o intelectual como o homem que chora, sua, sofre, tem fome. Não é o conceito do intelectual isolado na sua torre de marfim. Com ele rompi a casca e desemboquei em tantas outras leituras. E como uma colmeia. Vão-se abrindo as portas. Seja por rejeição, seja por aceitação. Todos eles ajudam-me a situar numa posição.

*E dos latino-americanos?*

Bem, eu poderia falar particularmente de um. O uruguaio Mário Benedetti. Da sua simplicidade dentro do seu grande compromisso ideológico. Ele quer que você chegue à essência, à carne do homem. E muito directo. Admiro muitíssimo também, pela forma, José Donoso, como mestre da palavra. E um poeta que me ensinou muito, que admiro enormemente: Pablo Antonio Cuadra, o poeta cristão nicaraguense. Inclusive, escrevi um livro sobre o seu pensamento crítico.

*Como encara a situação da mulher na América Central?*

Cada dia a mulher mais se compromete. Porque dantes, a mulher cento-americana era um ser passivo. De há uns 15 ou 20 anos para cá, a mulher tem vindo a desembaraçar-se, está a recusar o papel tradicional a que foi acostumada. Inclusive, aquelas que se haviam destacado foram sendo silenciadas... Ignoradas. Com o

meu avô, por exemplo, lutou uma mulher, uma salvadorena, que se integrou nas tropas rebeldes. E até agora ainda não a tinha ouvido mencionar.

A mulher, neste momento, não pode deixar de se comprometer com o que está a acontecer. Somos cada vez mais companheiras dos nossos esposos, cada vez menos encerradas nas nossas casas. A maternidade é belíssima, realiza-nos, mas não é tudo. Não pode continuar a ser essa a nossa única função.

A mulher nunca pôde ser protagonista da história porque o homem a impediu. Quantas Adelitas terão existido na Revolução mexicana? Quantas terão combatido? E nós só a conhecemos a ela, por causa da canção. As outras são apenas «soldados».

*Na guerra na Nicarágua, com a Frente Sandinista houve uma grande quantidade de mulheres combatentes...*

Sim. Acho até que é a primeira vez que isso acontece, de forma tão maciça. Houve, de facto, uma grande participação da mulher na Revolução Cubana, mas, agora, foi de facto uma participação feminina de massas. Isso significa uma evolução importante, porque cada vez mais o homem e a mulher procuram uma libertação conjunta do ser humano. No dia em que todos puderem viver como seres humanos, na realidade, a mulher ver-se-á livre de uma série de entraves.

*E a mulher intelectual?*

A mulher intelectual, especificamente, tem de ter o valor de ser honesta consigo mesmo. Como por exemplo uma Gioconda Belí, a poetisa nicaraguense, visceralmente honesta com ela própria. A sua poesia doi. Sentimo-la. Ela rompeu com todos os cânones estabelecidos. Os seus poemas são um hino à libertação e do seu povo. E Gioconda Belí é só um exemplo. E preciso romper barreiras, lançarmo-nos no vazio. □

cadernos do  
**terceiro  
mundo**

### Assinaturas:

Angola, Cabo Verde,  
Guiné-Bissau,  
Moçambique,  
S. Tomé e Príncipe:

(12 números, via aérea)  
Esc. 850\$00  
ou US\$18

#### Portugal

Anual (12 números)  
Esc. 500\$00  
Semestral (6 números)  
Esc. 300\$00

#### Restantes países:

(12 números, via aérea)  
US\$22

Calçada do Combro, 10-1.º  
Tel. 320650 - 1200 Lisboa

# DAVAR

*Há 20 anos na vanguarda do intercâmbio entre o Brasil e o Terceiro Mundo.*

*Assegurando sempre a qualidade dos produtos que exportamos para África, América Latina e Oriente Médio, aumentamos nosso faturamento 15 vezes nestes últimos 3 anos.*

*Oferecemos nossos produtos a preços competitivos, colaborando assim para a nova ordem econômica internacional, que serve aos interesses exclusivos dos países em desenvolvimento.*



*Nossa linha de produtos de exportação é cada vez maior. Atualmente estamos exportando: máquinas, equipamentos, implementos agrícolas, veículos em geral, material elétrico e eletrônico, móveis para escritório, material de segurança para o trabalho, material de elevação (empilhadeiras, pontes-rolantes, guindastes) prods. siderúrgicos, prods. químicos, materiais de construção, prods. médicos, odontológicos e hospitalares, alimentos, têxteis, papel e outros manufaturados.*

*DAVAR S.A. Indústria e Comércio Telex (011) 24-549, 311-117 DAVR BR.  
Av. Presidente Wilson, 3116 - 04220 - São Paulo - SP - Brasil. Fone (011) 274-9411*

# importação e exportação



♦ Vitória

♦ Rio

♦ São Paulo

**INDÚSTRIA E  
COMÉRCIO  
QUIMETAL LTDA.**



**MATRIZ:**

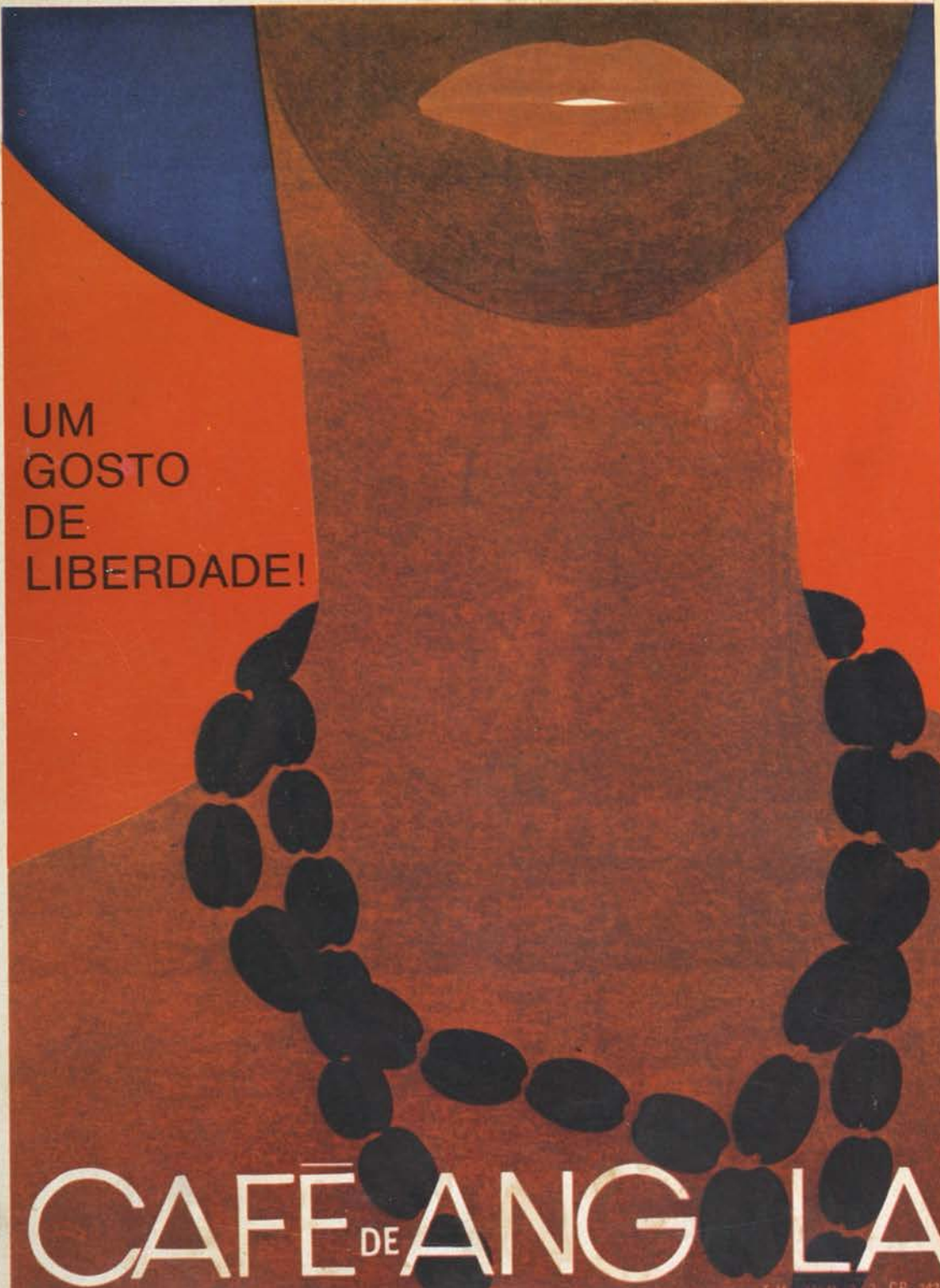
Av. Des. Santos Neves, 1401  
Praia do Canto Fone: 227-7711  
• Vitória - ES

**FILIAL:**

Rua Alm. Pereira Guimarães, 537  
Fone: 262-6602 • São Paulo

**FILIAL RIO:**

Av. Presidente Vargas, 542  
- Conj. 502/3 - Fone: 242-3903



UM  
GOSTO  
DE  
LIBERDADE!

CAFÉ DE ANGOLA

av. 4 de fevereiro No. 107 Luanda • Tel. 750/71 2/3. CP. 342  
Telex: N. CAFE - LUANDA